

NAYARA CRISTINA SILVA RIBEIRO

SUBJETIVIDADE E ESCRITA ACADÊMICA: uma
análise de Monografias de Final de Curso de alunos de Letras



NAYARA CRISTINA SILVA RIBEIRO

SUBJETIVIDADE E ESCRITA ACADÊMICA: uma análise de Monografias de Final de Curso de alunos de Letras

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e funcionamento discursivos e textuais

Orientador: Profa. Dra. Marina Célia Mendonça

Bolsa: Capes/PROEX

ARARAQUARA – S.P.
2021

R484s Ribeiro, Nayara Cristina Silva

Subjetividade e escrita acadêmica : uma análise de monografias de final de curso de alunos de Letras / Nayara Cristina Silva Ribeiro. -- Araraquara, 2021

97 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Marina Célia Mendonça

1. Subjetividade. 2. Monografias de final de curso. 3. Gêneros do discurso. 4. Estudos Bakhtinianos. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

NAYARA CRISTINA SILVA RIBEIRO

SUBJETIVIDADE E ESCRITA ACADÊMICA: uma análise de Monografias de Final de Curso de alunos de Letras

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e funcionamento discursivos e textuais

Orientador: Profa. Dra. Marina Célia Mendonça

Bolsa: Capes/PROEX

Data da defesa: 25/05/2021

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Marina Célia Mendonça (UNESP/FCLAr)

Membro Titular: Profa. Dra. Assunção Aparecida Laia Cristovão (UNIFRAN)

Membro Titular: Profa. Dra. Jauranice Rodrigues Cavalcanti (UFTM)

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

Mais uma etapa da minha caminhada acadêmica chega ao fim e sou muito grata por ter tido a oportunidade de chegar até aqui. Dedico este trabalho à memória de meu pai, que sempre acreditou em mim e apoiou todas as minhas decisões.

A primeira pessoa a quem agradeço é minha mãe, minha maior inspiração, que lutou e luta de todas as formas para poder cuidar da nossa família e que mesmo sem as mesmas oportunidades que tive, sempre valorizou os estudos e a formação universitária. Agradeço todo seu apoio incondicional, seus conselhos e principalmente sua confiança na minha capacidade de chegar onde eu queria. Mãe, este trabalho dedico a você!

Agradeço também a todos e todas, amigos e amigas queridos que fizeram parte da minha trajetória e que acompanharam, mais de perto ou de longe, toda minha caminhada. Por isso gostaria de agradecer à Ana, Camila e Luisa, amigas com quem dividi a casa, as experiências universitárias e a vida! Agradeço também à Ana Amélia, Thainá e Gabriela, amigas e companheiras de graduação, que sempre acreditaram no meu trabalho, sempre me apoiaram e que também são uma inspiração para mim. Faço um agradecimento também ao amigo e amigas, presentes que a pós-graduação me deu, e que também me acompanharam nesta jornada: Jorge, Ana, Laura e Luana. Também não posso deixar de agradecer amigas de longa data (somos irmãs!) que também fazem parte dessa história e que me apoiaram, mesmo de longe: Clara e Tamires. E por fim, mas não menos importante, minhas amigas Ana Carolina, Poliana, Adileuza e Letícia, que me socorreram nos momentos de necessidade e me apoiaram desde sempre! Faço um agradecimento especial à minha amiga Cecília que me acolheu em sua casa com muito carinho quando participei dos eventos acadêmicos no IBILCE - UNESP. A vocês todo meu carinho e agradecimento!

Faço também um agradecimento especial à minha família, que me apoiou e compreendeu os momentos de ausência por conta dos estudos.

Agradeço a todos os professores e professoras que fizeram parte de toda minha formação e que me inspiraram a escolher essa profissão tão necessária e tão especial.

Faço um agradecimento especial à minha orientadora Marina, que sempre acreditou em mim e me apoiou em todo este percurso desde a graduação. Obrigada pelos ensinamentos, pela confiança e pela paciência!

Agradeço à FCLAr que me possibilitou tantas experiências além de ter sido o lugar da realização de um sonho que foi cursar Letras.

A finalização do mestrado me faz ter a certeza de que escolhi o caminho certo e de que valeu muito a pena ter seguido o meu sonho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

Esta pesquisa busca analisar, com base teórico-metodológica nos estudos da Análise Dialógica do Discurso, como a subjetividade aparece na escrita acadêmica, em especial em Monografias de Final de Curso dos cursos de Letras pertencentes a cinco IES públicas brasileiras – UNICAMP, UFRJ, UFRGS, UnB e UFBA – no período de 2015 e 2016. A pesquisa realizou a análise das seções “Resumo” e “Introdução”, a fim de compreender como a subjetividade se constitui nos enunciados a partir de aspectos linguísticos e da construção de sentido na relação entre sujeito autor e os textos por ele produzidos. Como base teórico-metodológica foram utilizados os escritos de Bakhtin e do Círculo, assim como seus comentadores, além de autores que versam sobre a questão da subjetividade em contexto acadêmico-científico. Também foram utilizados para contextualizar as discussões e as análises os manuais de orientação sobre a escrita da monografia, pertencentes a cada uma das IES que compõem o *corpus* da pesquisa. A análise dos enunciados propostos possibilitou a compreensão de como a subjetividade se constitui no texto acadêmico-científico, a partir dos gêneros *resumo* e *monografia de final de curso* e que parte das relações e respostas do sujeito autor à uma visão sobre esse tipo de texto dentro de um campo de atividade, o campo acadêmico-científico. O estudo busca contribuir para as discussões sobre gênero do discurso e subjetividade na perspectiva dialógica e para o entendimento de como os sujeitos (pesquisadores principiantes) se constituem a partir da relação com o texto acadêmico-científico.

Palavras – chave: Subjetividade. Monografias de Final de Curso. Gêneros do Discurso. Estudos Bakhtinianos.

ABSTRACT

This research intends to analyze, with a theoretical and methodological based on the Dialogical Discourse Analysis, how subjectivity appears in academic writing, specially in monographs at the end of Language degree which belong to five brazilian public universities – UNICAMP, UFRJ, UFRGS, UnB and UFBA – in the period of 2016 and 2016. The research realized the analysis of the sections “Abstract” and “Introduction”, with the purpose of knowing how subjectivity is constituted in the utterances considering linguistics aspects and building of sense in the author subject relation with the texts he produces. A theoretical and methodological base was used in the Bakhtin and Circle writings, as well as his commentators and authors who study the subjectivity issue in the scholar and scientific context. Also, was used to contextualize the discussions and analysis, the universities instruction manuals about monographs, which belong to the universities of our research *corpus*. The utterance analysis made it possible the comprehension of how subjectivity is constituted in the scholar and scientific writing from the genres *Abstract* and *monograph* which comes from the author subject relations and answers to a vision about this kind of text inside the scholar and scientific field. The research intends to contribute for the discussions about discourse genre and subjectivity in the dialogical perspective and for the comprehension of how the subjects (beginner researcher) are constituted from the relation with the scholar and scientific text.

Keywords: Subjectivity. End of Course Monographs. Discourse Genres. Bakhtinian studies.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IES	Instituições de Ensino Superior
UnB	Universidade de Brasília
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DO CÍRCULO DE BAKHTIN	16
3 O DISCURSO ACADÊMICO E ALGUMAS VISÕES SOBRE O TEXTO ACADÊMICO CIENTÍFICO	27
4 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	35
4.1 A seleção do <i>corpus</i> e o cotejamento de textos	35
4.2 A Análise da seção “Resumo” das Monografias de Final de Curso de Letras	37
4.3 A Análise da seção “Introdução” das Monografias de Final de Curso de Letras	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	78
ANEXOS	81
ANEXO A - Introdução Monografia Unicamp	82
ANEXO B - Introdução Monografia UFBA	85
ANEXO C - Introdução Monografia UFRJ	88
ANEXO D - Introdução Monografia UnB	90
ANEXO E - Introdução Monografia UFRGS	92

1 INTRODUÇÃO

A área da Análise do Discurso tem possibilitado ao longo dos anos diversos estudos sobre as questões que abarcam a relação entre o sujeito e os enunciados por ele produzidos. Também a perspectiva dialógica do discurso, pautada em escritos de Bakhtin e do Círculo sobre a linguagem, tem exercido papel fundamental nas pesquisas brasileiras que discutem temas como subjetividade, alteridade, autoria, relacionando-os às formas em que a prática da escrita se configura no contexto escolar de ensino de língua materna.

A questão da escrita em contexto escolar e sua relação com a subjetividade também é abordada em documentos oficiais do Ministério da Educação brasileiro sobre as práticas de ensino de língua materna, como é o caso dos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais. Dentre os diversos aspectos do ensino de língua materna, o documento aborda a questão da atuação dos sujeitos nos processos de aquisição da escrita e sua relação com a produção de textos. Deste modo, os PCNs direcionados ao Ensino Fundamental II propõem que:

Nas atividades de produção que envolvem *autoria ou criação*, a tarefa do sujeito torna-se mais complexa, porque precisa articular ambos os planos: o do conteúdo – o que dizer – e o da expressão – como dizer. [...] As categorias propostas para ensinar a produzir textos permitem que, de diferentes maneiras, os alunos possam construir os padrões da escrita, apropriando-se das *estruturas composicionais, do universo temático e estilístico* dos autores que transcrevem, reproduzem, imitam. É por meio da escrita do outro que, durante as práticas de produção, cada aluno vai desenvolver seu estilo, suas preferências, tornando suas as palavras do outro. (BRASIL, 1998, p. 76-77, grifo nosso)

As propostas curriculares dos PCN claramente apontam para a necessidade da inserção do sujeito autor do texto dentro da prática da escrita, considerando que as atividades de produção de texto devem contemplar aspectos temáticos, de estrutura/composição textuais e de estilo, além de considerar o papel da autoria, como consta no próprio documento na seção dedicada à prática de textos orais e escritos. Nesta proposta dos PCN, que se apropria de conceitos bakhtinianos dos gêneros de discurso (BAKHTIN, 2011) para direcionar as práticas de produção de texto em sala de aula, destaca-se a questão da autoria e da criação, que perpassam a noção de subjetividade diante do texto escrito.

Esta pesquisa se insere nessa problemática da relação entre subjetividade e produção textual acadêmica (entendida aqui no sentido amplo de “escolar”). Ela dá continuidade à pesquisa de iniciação científica realizada pela pesquisadora, que abordou a questão da subjetividade nos discursos sobre o texto dissertativo-argumentativo de videoaulas de redação

destinadas ao Enem e disponibilizadas no *Youtube*, na qual os enunciados foram analisados a partir da perspectiva dialógica do discurso. O objetivo da pesquisa de iniciação científica foi compreender como a questão da subjetividade era abordada nas videoaulas em questão, sabendo-se que o edital do Enem pressupõe o posicionamento do candidato *em defesa de um ponto de vista*¹ diante do problema apresentado na proposta de redação. Para a seleção do *corpus*, foram acessadas algumas videoaulas destinadas à redação do Enem dos canais mais acessados no *Youtube* e observou-se que, na maioria dos casos, a questão da subjetividade não era comentada pelos professores, com exceção de um dos canais, intitulado *AULALIVRE* que, por abordar termos relativos à autoria e ao posicionamento do sujeito no texto escrito, foi escolhido para compor o *corpus* da pesquisa de iniciação científica. Da videoaula² selecionada para análise, foram transcritos trechos que tratam da relação entre sujeito e escrita, revelando o posicionamento do canal sobre a questão da subjetividade na proposta da redação do Enem:

- “É possível que o candidato perceba o quanto ele se inscreve como **sujeito histórico**”;
- “Todas as dicas são válidas. Seria leviano a gente achar que as dicas dão conta de um suporte muito maior que é o trajeto desse candidato até o seu último momento, justamente a última trincheira, lá naquele espaço entre linhas aonde é possível ter **investimento autoral, originalidade**, fuga do senso comum, obviamente que ele tem que saber como se escreve isso em forma culta”

O discurso observado na videoaula nos mostrou, dentre outras questões, o diálogo com concepções encontradas nos textos de Bakhtin e do Círculo e em outros estudos em análise do discurso, como a noção de “sujeito histórico” e de autoria. A pesquisa de iniciação científica em pauta discutiu esse diálogo empreendido pelo discurso da videoaula analisada. Na pesquisa de mestrado pretendeu-se ampliar essa discussão, abordando a subjetividade no gênero de discurso Monografia de Final de Curso.

Dentre os estudos que versam sobre a autoria na esfera didático-pedagógica, destacam-se muitos trabalhos no Brasil, entre eles os de Orlandi (1988), Possenti (1993; 2002; 2008; 2013) e Mendonça (2015; 2016), dos quais a pesquisa propôs-se partir, considerando as devidas diferenças teóricas entre as diferentes perspectivas discursivas. Foram adicionados a estes trabalhos estudos sobre autoria na perspectiva de M. Bakhtin (BAKHTIN, 2011; MELO,

¹BRASIL, INEP. *A redação no Enem-2013. Guia do Participante*. Brasília, 2012.

² Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=tL0fVYDqTQE&list=PLZswlAzZNYVRB4SYHEtrYYZUn6tK4ocpY&index=2>>. Acesso em: Nov. 2020.

2017; BESSA, 2016). A perspectiva teórica da qual partimos foi composta pelos estudos bakhtinianos e do Círculo sobre conceitos como diálogo, enunciado concreto, gênero do discurso, relação eu e outro e subjetividade. (BAKHTIN, 2011; VOLÓCHINOV, 2018; VOLOSHINOV, s.d.)

Além disso, foram relevantes para esta pesquisa estudos sobre a relação entre o sujeito e o discurso científico, considerando como nosso objeto a subjetividade em Monografias de Final de Curso. Destacou-se como estudo importante Coracini (1991), autora que discute a noção de subjetividade e cientificidade na modernidade, que se pauta na busca incessante de uma “verdade” absoluta. Partindo destas pesquisas sobre o tema, manifestou-se a necessidade de compreender como as questões relativas à subjetividade nos textos escolares se davam no nível universitário – sabendo-se que os discursos sobre a escrita escolar acompanham e constituem o sujeito enquanto autor do texto que escreve. Assim, a pesquisa, além da relevância científica e acadêmica já destacada, também tem importância social, pois permite que se lance um olhar para a produção científica de pesquisadores iniciantes, de uma área específica, abrindo caminhos para compreender os movimentos desses sujeitos quando da manifestação da “pessoalidade” do texto e, conseqüentemente, possibilitando novas propostas de produção textual na formação de professores.

Portanto, propôs-se como tema da presente pesquisa a subjetividade na escrita acadêmica, tratada a partir de como os sujeitos se posicionam no texto acadêmico-científico, neste caso os textos de Monografias de Final de Curso inseridos em distintas áreas da Linguística – dos quais foram analisados os resumos e as introduções – de cursos de Letras de diferentes universidades públicas.

Acreditamos que a relevância e justificativa deste tema está na discussão que propusemos sobre a relação do sujeito com a escrita, que reflete, por sua vez, como se configura uma memória discursiva sobre a escrita escolar, que passa pelo ensino básico e chega até o ensino universitário.

A pesquisa teve por objetivo geral refletir sobre como a subjetividade se apresentava no gênero científico Monografia de Final de Curso de alunos de Letras de diferentes universidades, a partir da análise das seções “Resumo” e “Introdução”, sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso. Os objetivos específicos da pesquisa foram: 1) Fazer levantamento do uso das pessoas verbais (terceira pessoa do singular, primeira pessoa do singular ou do plural) nos textos selecionados; 2) Interpretar o uso das pessoas verbais nos enunciados em análise, considerando conceitos bakhtinianos e do Círculo; 3) Observar se há recorrência de construções linguísticas e discursivas em relação à subjetividade nas seções

“Resumo” e “Introdução”.

Inicialmente, o objetivo do estudo era identificar as marcas de subjetividade nas monografias a partir, exclusivamente, do uso das pessoas verbais, visto que em uma das primeiras monografias que selecionamos – e que compôs o *corpus* da pesquisa – notamos o uso de primeira pessoa do singular, o que nos intrigou e chamou atenção para compreender o porquê deste tipo de uso e se seria possível encontrá-lo em outras monografias. A proposta inicial era fazer a análise de um *corpus* mais amplo, no entanto, as dificuldades de acesso às monografias nos repositórios das universidades acabaram nos levando à necessidade de reduzi-lo. Além disso, como partimos das observações a respeito dos resumos das monografias e, logo de início, percebemos que havia diferenças importantes com relação ao conceito de gênero, optamos pela análise mais detalhada desta seção e da seção introdutória, que já apresentava características do gênero monografia, e na qual foram notadas algumas diferenças com relação ao resumo, sobretudo quanto ao uso das pessoas verbais.

Ressaltamos também outro aspecto que nos levou à escolha do *corpus* e que está relacionado ao porquê da seleção de monografias especificamente do curso Letras. Nas discussões prévias sobre o projeto desta pesquisa, nos interessou compreender como os alunos da mesma área do conhecimento da pesquisadora – a área da Linguística – elaboravam as formas de subjetividade em seus textos e se esta abordagem se diferenciava, por exemplo, das formas típicas de uso das pessoas verbais em textos acadêmico-científicos. Com relação à opção pelas universidades públicas, a escolha foi feita a partir da facilidade de acesso aos repositórios e às monografias que fizessem parte do período selecionado (2015 e 2016) e que compunham a área da Linguística.

Para compor o *corpus* foram selecionadas, portanto, cinco monografias pertencentes às seguintes Instituições de Ensino Superior (IES): Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Federal da Bahia (UFBA). Como citamos, a escolha e seleção destas monografias foram guiadas pela maior facilidade de acesso aos repositórios e às monografias, além de estarem em conformidade com os critérios de seleção, área e período de desenvolvimento da pesquisa.

Optamos pela análise dos resumos e introduções das monografias considerando que os resumos apresentam características que os diferenciam enquanto gênero em relação às monografias como um todo e as introduções manifestam em sua materialidade aspectos que são encontrados e reiterados ao longo dos textos. Sabemos da importância em tratar o enunciado em seu “possível” *acabamento*, que é o que constitui sua *conclusibilidade* e

permite a resposta a este enunciado³. No entanto, consideramos que tanto a seção “Resumo” como a seção “Introdução” referem-se, na construção de sentido dos enunciados, a aspectos gerais sobre a pesquisa desenvolvida, possibilitando uma análise que contemple – proporcionalmente – aquilo que os sujeitos autores realizaram em suas pesquisas e como eles se relacionam com os enunciados, com seus *outros* e com o campo acadêmico-científico.

Com relação ao objetivo geral da pesquisa que foi compreender como a subjetividade aparece e se constitui nas Monografias de Final de Curso, destacamos aqui o que entendemos por subjetividade a partir dos estudos bakhtinianos. A subjetividade deve ser compreendida na relação que o sujeito que enuncia estabelece com seus *outros*. Esta relação se dá a partir de como os sujeitos, no caso das ciências humanas, lidam com seus objetos de pesquisa, materializando pelo enunciado a “complexa dialética do interior e do exterior”, entre eu e outro, entre “expressão e conhecimento”. (BAKHTIN, 2011, p. 394)

Durante as análises, percebemos que esta relação de alteridade se manifestava de diferentes formas, dentre elas estão as escolhas estilísticas realizadas pelo sujeito e seu posicionamento ideológico relativo às orientações sobre a escrita das monografias e à visão do campo sobre o texto acadêmico-científico.

A metodologia adotada na pesquisa baseou-se no cotejamento de textos proposto por Bakhtin, o qual considera que a “interpretação como correlacionamento com outros textos e reapreciação em um novo contexto (no meu, no atual, no futuro)”. (BAKHTIN, 2011, p. 401). Com base nesta proposta metodológica, consideramos relevante para as análises o cotejamento com os manuais de orientação de escrita de monografias e textos acadêmicos das IES integrantes do *corpus* da pesquisa, além de estudos que versam sobre a subjetividade/autoria na escrita acadêmico-científica. (SOBRAL, et. al., 2017; BESSA, 2016)

As análises dos resumos e das introduções que apresentamos partiram da seleção de alguns trechos dos enunciados nos quais constam marcas linguísticas que consideramos importantes para análise, como o uso das pessoas verbais, o uso da voz passiva e construções linguísticas que se referem ao trabalho desenvolvido, às teorias utilizadas, entre outros aspectos. As formas linguísticas foram relevantes para análise porque faziam parte do estilo adotado pelos sujeitos autores e que, portanto, compuseram os gêneros aqui estudados.

A dissertação encontra-se dividida em cinco capítulos que tratam da introdução do trabalho, dos aspectos teórico-metodológicos, da contextualização sobre o *corpus*, das análises e das considerações finais. Neste primeiro capítulo de introdução apresentamos as motivações que nos levaram à realização da pesquisa, os objetivos gerais e específicos deste

³ BAKHTIN, 2011, p. 280.

trabalho, a seleção e composição do *corpus*, os aspectos metodológicos e as contribuições que pretendemos fazer com a pesquisa. No segundo capítulo, que trata dos aspectos teórico-metodológicos dos estudos bakhtinianos, abordamos os conceitos estudados durante a pesquisa – dentre os quais estão a noção de gênero do discurso, enunciado concreto, estilo e relação eu e outro (alteridade) – e a metodologia utilizada que teve como base o cotejamento de textos. No terceiro capítulo, apresentamos a contribuição de um estudo sobre o gênero resumo, de outros estudos que tratam das questões sobre autoria e subjetividade no texto acadêmico-científico e os manuais de escrita acadêmica das IES que por sua vez, materializam uma visão do campo sobre a escrita deste tipo de texto e as expectativas sobre os gêneros. No quarto capítulo, subdividido em três subitens, apresentamos a análise do *corpus*: no primeiro subitem tratamos da constituição e seleção do *corpus*; no segundo subitem apresentamos a análise dos cinco resumos; e no terceiro subitem apresentamos a análise das cinco introduções. O último capítulo é composto pelas considerações finais do estudo, no qual avaliamos os resultados encontrados e apontamos as contribuições da pesquisa.

Esperamos que esta pesquisa contribua para os estudos bakhtinianos, sobretudo, a respeito dos gêneros de discurso, e para as discussões sobre a constituição de formas de subjetividade na escrita acadêmico-científica refletida na constituição de sujeitos autores e na formação dos novos pesquisadores.

2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DO CÍRCULO DE BAKHTIN

A noção de diálogo constitui a base do pensamento do Círculo de Bakhtin sobre a linguagem e todas as relações discursivas vistas sob esta perspectiva devem considerar a relação que existe entre o discurso observado/analizado e os outros discursos que o precedem ou que o sucedem, em um dado campo – científico, literário, etc. Em vários momentos de sua obra, Bakhtin aborda o conceito de diálogo sempre o relacionando às diversas formas discursivas que compõem sua concepção de linguagem. O diálogo do qual falam os autores do Círculo de Bakhtin não se trata somente da conversa entre duas pessoas sobre um tema – apesar de em sua teoria abordar as questões discursivas dos gêneros do cotidiano como a própria conversa – mas também de um modo de funcionamento da linguagem no qual tudo o que é expresso discursivamente (de forma escrita, falada, em forma de obra literária ou estudo científico, etc.) só pode ser expresso porque é constituído no e pelo diálogo. Portanto, nenhum dos conceitos bakhtinianos pode ser compreendido fora dessa concepção dialógica sobre a linguagem.

Esta noção de diálogo deve ser entendida a partir da “*alternância dos sujeitos do discurso*”, ou seja, em toda forma de comunicação, existe uma alternância entre sujeitos discursivos que “falam” de um determinado lugar histórico, social, e essa dinâmica dialógica permite que estes discursos se relacionem de diferentes formas, “pergunta-resposta, afirmação-objeção, afirmação-concordância, proposta-aceitação, ordem-execução, etc”. (BAKHTIN, 2011, p. 275)

Citamos um trecho do ensaio *O Enunciado como unidade da comunicação discursiva. Diferença entre essa unidade e as unidades da Língua (Palavras e Orações)*, no qual Bakhtin se refere à noção de diálogo estabelecendo uma relação entre o conceito e as formas possíveis de materialização dos enunciados:

Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois de seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão). (BAKHTIN, 2011, p. 275)

Neste trecho, o autor trata da característica responsiva inerente a todo enunciado e suas possíveis formas – o diálogo do cotidiano, o romance, o tratado científico – e todos eles, em qualquer situação discursiva, estão em constante relação com outros enunciados, pois

respondem a eles e suscitam uma resposta de outros. Nesse sentido, entendemos que para realizar a análise de nosso objeto – os resumos e introduções das Monografias de Final de Curso – devemos sempre pensá-lo em relação a outros discursos, sobretudo aqueles pertencentes ao campo acadêmico-científico que também tratam da questão dos gêneros acadêmico-científicos e da subjetividade presente nestes gêneros. A concepção de diálogo sob a perspectiva bakhtiniana está presente na forma de enunciado concreto, pois os enunciados são as formas pelas quais o discurso se materializa, a partir de um contexto histórico, social; é no enunciado que se materializam as visões de mundo e os valores que constituem o discurso circulante em um determinado campo de atividade. Desta forma esses tipos de relação entre enunciados “só são possíveis entre enunciações de diferentes sujeitos do discurso, pressupõem *outros* (em relação ao falante) membros da comunicação discursiva”. (BAKHTIN, 2011, p. 276)

Para complementar a noção de diálogo e compreender como o pensamento bakhtiniano transpõe a dinâmica da *alternância dos sujeitos* para os enunciados que compõem diferentes tipos de gêneros discursivos, citamos:

Complexas por sua construção, as obras especializadas dos diferentes gêneros científicos e artísticos, a despeito de toda diferença entre elas e a réplica do diálogo, também são, pela própria natureza, unidades da comunicação discursiva: também estão nitidamente delimitadas pela alternância dos sujeitos do discurso, cabendo observar que essas fronteiras, ao conservarem a sua *precisão* externa, adquirem um caráter interno graças ao fato de que o sujeito do discurso – neste caso *o autor* de uma obra – aí revela a sua individualidade no estilo, na visão de mundo, em todos os elementos da ideia de sua obra. Essa marca de individualidade, jacente na obra, é o que cria princípios interiores específicos que a separam de outras obras a ela vinculadas no processo de comunicação discursiva de um dado campo cultural: das obras dos predecessores nas quais o autor se baseia, de outras obras da mesma corrente, das obras das correntes hostis combatidas pelo autor, etc. (BAKHTIN, 2011, p. 279)

Neste trecho, Bakhtin afirma que mesmo as obras mais complexas e elaboradas, pertencentes a diferentes gêneros do discurso, por sua natureza dialógica, devem ser entendidas enquanto “unidades da comunicação discursiva”, pois também são marcadas pela alternância dos sujeitos. Nesta citação, Bakhtin também trata do conceito de *autor*, já que considera que o sujeito, no discurso, “revela a sua individualidade no estilo, na visão de mundo, em todos os elementos da ideia de sua obra” e é justamente esse caráter subjetivo do autor que irá tornar sua obra única no sentido de que “cada texto (como enunciado) é algo

individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual ele foi criado)”. (BAKHTIN, 2011, p. 310)

Tendo explicitado como se constitui a noção de diálogo, chegamos à discussão sobre *autoria* para o Círculo de Bakhtin. Este caráter singular do enunciado, identificado pelas marcas individuais de um sujeito, é uma das discussões centrais do presente trabalho, pois trata-se de uma investigação sobre como a subjetividade é constituída no texto acadêmico-científico, em determinados gêneros do discurso.

Bakhtin (2011) afirma que “Todo texto tem um sujeito, um autor (o falante, ou quem escreve”. Em sua obra, quando se refere à criação estética, ele não trata desse autor somente como pessoa, mas também como uma função discursiva denominada “autor criador”, ou seja, as marcas de autoria que podemos identificar em um texto, na perspectiva dialógica, revelam como este sujeito se posiciona no discurso e nas relações que estabelece com seu outro (que pode ser o autor-pessoa, o herói, entre outros). A complexidade da noção de autoria na obra do autor foi abordada por vários pesquisadores (MARCHEZAN, 2015; SOBRAL, 2012; FARACO, 2005; MELO, 2017) e aproveitamos, no desenvolver da pesquisa, o que dessa discussão é relevante para a nossa atividade analítica, que se debruça sobre o texto que não se produz no campo da arte, mas no campo acadêmico-científico.

A pesquisa parte, portanto, dessa noção de autoria enquanto *função assumida pelo sujeito* no discurso em um dado momento histórico e determinada pelas ideologias que moldam o projeto de dizer deste sujeito em um determinado campo de atividade, a partir das relações dialógicas que estabelece com o discurso do outro. Assim, o enunciado acadêmico-científico é entendido como tendo um autor que assume uma função dentro do texto e que se constitui neste discurso nas formas como se dirige ao outro. A alteridade, portanto, é constitutiva da noção de autoria. Pensando sobre essa função do sujeito no discurso e sobre o papel por ele assumido como autor do texto – e não como autor *pessoa* – optamos por utilizar o termo *sujeito autor* para designar o papel assumido pelos alunos graduandos como autores dos enunciados que analisamos.

Relacionada à noção de alteridade e autoria, trouxemos também para a discussão o texto de Bakhtin *Metodologia das Ciências Humanas* que aborda, dentre outras questões, como se constitui a relação entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa (entre um *eu* e seu *outro*). Ele aponta para a dupla via pela qual caminham os estudos de arte e literatura e na qual, ao mesmo tempo em que há uma relação de “fusão” com o outro, aqui entendido como o objeto de pesquisa, há também uma relação de distanciamento desse outro, o que o autor

chama de uma “manutenção da distância” (do meu lugar), manutenção que assegura o excedente de conhecimento. (BAKHTIN, 2010, p. 395)

Ao tratar da “manutenção da distância”, Bakhtin fala sobre o próprio posicionamento do pesquisador da área das ciências humanas diante de seu objeto. O distanciamento é necessário, mas não como única forma de olhar o outro (o objeto); nas ciências humanas a relação entre pesquisador e objeto também acontece de forma subjetiva, revelando o inacabamento do enunciado. Sobre este inacabamento podemos ainda citar outro trecho do texto no qual o autor define que “o objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado”. (BAKHTIN, 2010, p. 395)

Esta afirmação do autor nos coloca diante da problemática que envolve a metodologia no fazer científico das ciências humanas: o homem, enquanto nosso objeto, interage e se relaciona com seu interior e com seu exterior, portanto, enquanto pesquisadores, não podemos pensá-lo separadamente de sua *expressão* no mundo, na vida. A fim de complementar o pensamento sobre a expressão e o inacabamento do enunciado, o autor ainda afirma que “não se pode mudar o aspecto efetivamente *material* do passado, no entanto o aspecto de sentido, o aspecto expressivo, falante pode ser modificado, porquanto é inacabável e não coincide consigo mesmo (ou é livre)”. (BAKHTIN, 2010, p. 396)

Dando continuidade à nossa abordagem teórica e considerando ainda a discussão sobre as relações dialógicas que permeiam os discursos e, conseqüentemente, os enunciados, trazemos para a discussão a noção de enunciado concreto, desenvolvida em vários escritos dos autores do Círculo; enfocamos aqui a abordagem feita no texto *Discurso na Vida e Discurso na arte – sobre poética sociológica*, de Voloshinov⁴. Ao tratar do enunciado concreto, o autor discute a relação entre os contextos verbal e extraverbal como uma forma de se chegar à compreensão do sentido expresso pela linguagem. Nesta perspectiva, não se pode pensar o enunciado apenas em seu contexto verbal, ligado à morfologia ou à fonética, por exemplo, mas é de essencial importância tratarmos do contexto extraverbal que o constitui. Diante disso, o contexto extraverbal não pode ser considerado apenas como um fator externo ao enunciado, mas sim como uma parte constituinte deste. Nas palavras do autor, “a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação”. (VOLOSHINOV, s.d., p. 6)

⁴ Foi utilizada uma versão não publicada do texto de Voloshinov para fins didáticos traduzida da versão em inglês por Alberto Faraco e Cristóvão Tezza.

Sobre a noção de *contexto extraverbal*, Voloshinov (s.d.) define três fatores que a integram e que são essenciais para a elaboração do sentido de um enunciado: 1) *o horizonte espacial comum dos interlocutores [...]*, 2) *o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores*, e 3) *sua avaliação comum dessa situação*. De acordo com esta concepção, a compreensão do enunciado concreto, verbalmente materializado, deve passar por estes três aspectos *extraverbais*; o horizonte espacial comum, que pode ser um espaço físico, assim como no exemplo desenvolvido pelo autor, mas que também pode ser entendido como um campo específico comum aos interlocutores que participam de um ato discursivo; o conhecimento comum daquela situação discursiva, ou seja, um conhecimento compartilhado pelos interlocutores; e por último, a avaliação comum que estes interlocutores fazem de uma determinada situação discursiva. Neste sentido, o autor define assim o conceito de enunciado concreto:

O enunciado concreto (e não a abstração linguística) nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação. Sua forma e significado são determinados basicamente pela forma e caráter desta interação. Quando cortamos o enunciado do solo real que o nutre, perdemos a chave tanto de sua forma quanto de seu conteúdo – tudo que nos resta é uma casca linguística abstrata ou um esquema semântico igualmente abstrato [...] – duas abstrações que não são passíveis de união mútua porque não há chão concreto para sua síntese orgânica. (VOLOSHINOV, s.d., p. 9-10)

Nesta definição, Voloshinov destaca a importância da interação social na ação discursiva, interação esta que é promotora de um sentido, de um significado. A interação social é mais facilmente perceptível em contextos em que há um diálogo entre interlocutores, como no exemplo citado pelo autor em seu texto, mas esta interação se dá em todos os tipos de enunciação. Se pensarmos no texto acadêmico-científico, nosso objeto de pesquisa, essa interação pode ser compreendida entre o sujeito que escreve o texto e os interlocutores deste texto – os possíveis leitores – que podem ser professores universitários, graduandos, pós-graduandos, ou seja, interlocutores que fazem parte do mesmo campo de atividade em que está inserido o sujeito autor. Entender como se dá esta relação *dialógica* entre interlocutores de um determinado campo de atividade também é entender como os gêneros discursivos se constituem, pois essas relações os determinam e são identificadas nos modos de construção dos gêneros, nos temas que podem ser discutidos, no estilo de escrita que é esperado, ou permitido, e quais devem ser seus componentes formais.

Antes de tratarmos da concepção de gêneros do discurso, é importante mencionar a noção de campo/esfera de atividade, aspecto constituinte da noção de gênero e caro à nossa

pesquisa, considerando que os sujeitos autores das monografias enunciam de um determinado campo da atividade humana, o acadêmico-científico, e se relacionam com este gênero a partir das visões e expectativas sobre este gênero dentro do campo no qual estão inseridos. Para essa discussão trazemos Grillo (2006) que, ao tratar da noção de campo/esfera para o Círculo de Bakhtin, aponta para relação entre esta concepção e a constituição das produções ideológicas:

[...] a noção de esfera da comunicação discursiva (ou da criatividade ideológica, ou da atividade humana, ou da comunicação social, ou da utilização da língua, ou simplesmente ideologia) é compreendida como um nível específico de coerções que, sem desconsiderar a influência da instância socioeconômica, constitui as produções ideológicas, segundo a lógica particular de cada esfera/campo. (GRILLO, 2006, p. 143)

Portanto, segundo a autora, a noção de campo deve ser compreendida a partir de um “nível específico de coerções” – influenciado por suas relações sociais – que gera as “produções ideológicas” de acordo com cada campo de atividade, suas regras de funcionamento, os gêneros que dele fazem parte e, claro, dos sujeitos que constituem determinado campo. Esta noção de campo de atividade está diretamente relacionada à concepção de gêneros do discurso, conceito bakhtiniano importante para nossa pesquisa e análise do *corpus*.

Partimos, portanto, para a noção de *gênero do discurso*. Acreditamos que, assim como a noção de autoria, este é um dos conceitos mais centrais da discussão que propomos durante a pesquisa, considerando que estamos tratando da subjetividade presente nos gêneros resumo e Monografia de Final de Curso.

Sobre este conceito, em seu texto *Gêneros do discurso*, Bakhtin inicia a discussão sobre sua definição apontando para a diversidade dos “campos da atividade humana” que, justamente por serem diversos, utilizam a linguagem de forma distinta de acordo com suas especificidades e finalidades, ação que se promove e se materializa em enunciados. Tais enunciados, mesmo com suas especificidades e elaborados nos diferentes campos de atividade, podem ser interpretados como um *tipo relativamente estável* de enunciado, que Bakhtin nomeia como *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2011, p. 261-262)

Destacamos que, nesta pesquisa, durante os procedimentos de análise que tiveram como ponto de partida a seção “Resumo”, nos deparamos com uma cisão: os resumos, por serem elaborados de forma distinta da monografia como um todo – considerando aspectos como sua estrutura textual e suas formas de circulação, que podem ocorrer de maneira independente das monografias – podem ser entendidos como um gênero do discurso separado

do gênero Monografia de Final de Curso, embora esteja inserido neste último. Desta forma, ao realizarmos as análises das seções “Resumo” e “Introdução”, compreendemos que a primeira constitui um tipo de gênero, que tem suas especificidades, ao passo que a segunda é uma parte constituinte do gênero Monografia de Final de Curso.

Uma das questões discutidas por Bakhtin que trata da *natureza enunciado*, a qual compreende a relação entre as particularidades dos diferentes gêneros e como eles se constituem, nos serviu de base para compreender a diferença entre os gêneros que citamos acima:

Achamos que em qualquer corrente especial de estudo faz-se necessária uma noção precisa da natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciados (primários e secundários), isto é, dos diversos gêneros do discurso. O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. (BAKHTIN, 2011, p. 264-265)

Neste trecho o autor aponta para a necessidade de entendermos a natureza do enunciado – que pertence a um dado gênero do discurso com suas especificidades – enquanto objeto de nossa investigação científica, o que quer dizer que devemos compreender como este enunciado é construído, em quais condições sócio-históricas, para quais leitores ele se direciona, quais discursos o constituem e com quais discursos dialoga. Nesse sentido, entendemos que seja importante o diálogo com outros textos que tratam do gênero acadêmico-científico, pois são esses textos que manifestam uma visão do campo acadêmico-científico sobre os gêneros e os textos produzidos neste mesmo campo. Essa visão sobre o gênero e o texto acadêmico-científico, constituintes de um discurso, dialoga com as produções que fazem parte do *corpus* da pesquisa, repercutindo nas monografias e nas formas de construção da subjetividade.

Ainda sobre a importância do conceito de gênero do discurso e de como devemos compreender suas funções comunicativas e discursivas, Bakhtin nos aponta que:

Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos de seu acabamento,

de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. (BAKHTIN, 2011, p. 266)

Refletir sobre as funções discursivas do gênero resumo e do gênero monografia – a partir da análise dos resumos e das introduções – também é compreender como o estilo os compõem enquanto gêneros do discurso, já que assim como os gêneros, os estilos também são *relativamente estáveis*. Essa é uma das questões abordadas nas análises como uma forma de compreender como se dá a indissociabilidade do estilo em “determinadas unidades composicionais”, já que notamos uma certa regularidade com relação aos estilos adotados pelos sujeitos autores, sobretudo nos resumos.

Atrelada à noção de gêneros do discurso está a forma arquitetônica do enunciado que, de acordo com os estudos do Círculo, está relacionada à exterioridade dos enunciados. Rojo e Melo (2017) elaboram uma discussão sobre o conceito de arquitetura para o Círculo de Bakhtin e o seu papel como importante categoria de análise para enunciados da modernidade inseridos no meio digital. As autoras fazem um levantamento sobre a abordagem do conceito de arquitetura em obras do Círculo e apresentam considerações importantes como esta que citamos:

A arquitetura está relacionada à totalidade da situação, à construção e só pode ser dimensionada a partir do objeto interno (da materialidade) orientado para sua relação com o externo: para o autor-criador que se posiciona a partir de um lugar social, ideológico e axiológico, no processo de interação; para o lugar que o texto/enunciado ocupa no todo acabado como elo da cadeia de textos/enunciados; perpassado pelo contexto maior e pela situação imediata, concreta, de produção; que se corporifica em determinado gênero de discurso (com sua forma de composição), para abrigar as avaliações e assim por diante. (ROJO; MELO, 2017, p. 1280)

Trazemos esta noção de arquitetura porque entendemos que as análises dos enunciados devem ser feitas a partir desta relação entre a materialidade textual e os aspectos que são externos a ela, como as formas de constituição do sujeito, sua relação com o campo de atividade e com os gêneros que neste lugar circulam, quais os valores que atravessam o diálogo sobre os textos acadêmico-científicos e assim por diante. É importante para nossa análise a concepção de arquitetura dado seu caráter constitutivo do enunciado.

Nesta discussão sobre os gêneros e suas formas constitutivas, Bakhtin já nos apresenta a importância de considerarmos, na compreensão do que são os gêneros do discurso, a relação que existe entre os “participantes da comunicação discursiva”. Essa relação é importante não

só porque os enunciados fazem parte desta forma de comunicação e se direcionam para um outro, mas também porque essa relação com o outro determina a forma como os enunciados são produzidos. Sobre a relação eu e outro, nos apoiamos em Volóchinov (2018) e em suas considerações sobre os elementos que compõem a *interação discursiva*. Nesta discussão, o autor nos diz que “*A palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos) [...]*”. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 205)

Essa relação entre os enunciados e para *quem* eles se dirigem nos diz muito sobre como os alunos graduandos, enquanto sujeitos, se posicionam em relação aos seus objetos de pesquisa e ao seu próprio texto, já que demonstram – nas formas de construção da subjetividade, por exemplo – estabelecer essa relação com seu outro. Desta forma, essa relação que o sujeito autor estabelece com seu outro, com seu interlocutor, se configura como um dos elementos essenciais na construção do enunciado e é a partir dessas formas de construção que podemos identificar os indícios dessa relação, assim como de subjetividade e intersubjetividade. Destacamos, portanto, como Volóchinov trata da importância da relação eu e outro a partir do caráter dialógico da palavra:

A importância da orientação da palavra para o interlocutor é extremamente grande. Em sua essência, *a palavra é um ato bilateral*. Ela é determinada tanto por aquele de *quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente *o produto das inter-relações do falante com o ouvinte*. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 205)

Portanto, a relação eu e outro, como forma constituinte do enunciado, faz parte de toda e qualquer análise que se pretende dialógica. Aqui, inclusive, podemos estabelecer uma relação com a questão da natureza do enunciado, que vimos anteriormente. Na perspectiva do Círculo de Bakhtin realizar uma análise dialógica é compreender que todas as relações (dialógicas) que envolvem nosso objeto, ou seja, o enunciado concreto, mesmo que pareçam fazer referência a fatores externos da interação, na verdade se revelam como fatores intrínsecos à constituição do enunciado como tal. Dessa forma, a relação eu e outro, que pode parecer um fator externo ao enunciado por tratar do *para quem* dirigimos nossas palavras, na

realidade é um fator interno, constituinte do enunciado, que só pode ser construído e realizado a partir da relação com as expectativas, com a visão de mundo, com o consentimento (ou não), etc., desse outro, com quem estabelecemos uma relação dialógica.

Sobre as relações dialógicas e o caráter responsivo dos enunciados – que como vimos, também estão correlacionados com a relação eu e outro – e tratando das réplicas do diálogo e da alternância dos sujeitos, Bakhtin (2011) discute sobre os aspectos que constituem a “*conclusibilidade* específica do enunciado”, ou seja, seu *acabamento*, aspecto que “assegura a possibilidade de resposta (ou de compreensão responsiva)”. Dentre os elementos que garantem essa resposta aos enunciados diante de seu acabamento, o autor destaca as “formas típicas composicionais e de gênero do acabamento” que acabam por direcionar o projeto de dizer do sujeito diante de um determinado tema em um determinado campo de atividade humana. (BAKHTIN, 2011, p. 280-281)

Em todos os casos que analisamos, por mais diferentes que tenham sido as formas de construção de uma subjetividade dentro do texto, todas foram elaboradas por sujeitos que compreendem o gênero a partir do qual enunciam e que, portanto, elaboram estratégias de adaptação a esse gênero, mas sem deixar de expor seus posicionamentos enquanto sujeitos – ainda que tenham utilizado em seus textos certas formas linguísticas pretendendo dar um caráter mais “impessoal” ao enunciado.

O percurso teórico que propomos seguir na pesquisa, considerando os conceitos aqui apresentados e a visão de Bakhtin e do Círculo sobre a linguagem, nos encaminha para refletir sobre a subjetividade de um ponto de vista dialógico em todo o processo da pesquisa. Pensar dialogicamente e, assim, entender e analisar nosso objeto de pesquisa, também é entender que “camuflar nossas intenções, nossas preferências, nossa “situacionalidade” de autor, esperando que não sejam identificadas, é, nesse caso, uma impossibilidade”. (SOBRAL, et. al, 2017, p. 176)

Assim, entendemos que as formas de constituição da subjetividade se encontram em todo o percurso discursivo, ou seja, na escolha e na relação do sujeito com os gêneros, nas formas como ele se relaciona com seu outro, ambos pertencentes a um mesmo campo de atividade, na materialidade do texto (no enunciado concreto), no diálogo que estabelece entre discursos. Pensar sobre a subjetividade nos textos sob a perspectiva dialógica é compreendê-la como parte constituinte dos enunciados, pois nada do que é dito é imparcial ou neutro, ou seja, “*A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana*”. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 181)

Ao longo da discussão aqui apresentada sobre os conceitos que compõem nossa base teórica, tecemos comentários sobre a noção de subjetividade que adotamos e, durante as análises, essas questões serão novamente levantadas.

3 O DISCURSO ACADÊMICO E ALGUMAS VISÕES SOBRE O TEXTO ACADÊMICO-CIENTÍFICO

Partindo da perspectiva dialógica e da metodologia pautada no cotejamento de textos, apresentamos aqui uma contextualização a respeito dos gêneros acadêmico-científicos, da visão sobre o texto que compõe este gênero e da subjetividade. Como justificativa para abordar os textos que tratam dessas questões citamos Bakhtin, ao tratar das formas de relação entre o enunciado, a vida e o sujeito. Para o autor, o enunciado precisa ser compreendido nas suas relações discursivas, desta forma:

[...] o enunciado não é determinado por sua relação apenas com o objeto e com o sujeito-autor falante (e por sua relação com a linguagem enquanto sistema de possibilidades potenciais enquanto dado), mas imediatamente – e isso é o que mais importa para nós – com outros enunciados no âmbito de um dado campo da comunicação. Fora dessa relação ele não existe *em termos reais* (apenas como *texto*). Só o enunciado pode ser verdadeiro (ou não verdadeiro), correto (falso), belo, justo, etc. (BAKHTIN, 2011, p.328)

Partindo da importância de compreender o enunciado na sua relação com “o objeto e com o sujeito-autor falante”, mas, sobretudo, com os outros enunciados que compõem o mesmo campo de atividade no qual nos inserimos e no qual está inserido nosso objeto de pesquisa, apresentamos alguns textos que nos serviram de contexto para cotejo, auxiliando as análises que serão apresentadas.

O primeiro texto que utilizamos para contextualizar nossa discussão e, sobretudo, as análises dos resumos das monografias, se refere à análise do gênero resumo de tese proposto por Carvalho (2010), que aborda a questão a partir de uma perspectiva da Linguística Aplicada.

No texto *Padrões de organização textual e lexicogramatical do gênero acadêmico resumo de tese: um estudo de caso*, a autora analisa dois grupos de resumos de teses, um grupo da área da Linguística e o outro da área de Química, tendo como um de seus objetivos entender como este gênero acadêmico é constituído em diferentes áreas do conhecimento com base no modelo descritivo sobre organização textual dirigido especificamente para resumos de artigos acadêmicos proposto por Bhatia. (CARVALHO, 2010)

A autora apresenta como uma de suas bases teóricas algumas perspectivas a partir das quais o gênero acadêmico é definido, dando destaque a dois autores, Swales e Miller, que, segundo ela, tratam da classificação do conceito de gênero considerando não apenas seus

aspectos estruturais e *prescritivos*⁵, mas também suas condições de produção e circulação, que para ambos se dá no contexto social. Sobre a função e classificação dos gêneros acadêmicos, a autora faz referência aos estudos de John M. Swales sobre o gênero:

Embasado na análise de textos produzidos para fins acadêmicos e profissionais, Swales (1990) enfatiza a relevância do propósito comunicativo do texto. Para o autor, é o propósito comunicativo que molda o gênero, determinando sua estrutura interna e impondo limites quanto às possibilidades de ocorrências linguísticas e retóricas. É por esta razão que Swales (1990) manifesta uma certa desconfiança em relação à classificação dos gêneros e a uma postura prescritiva na sua definição, visto que concebe os gêneros como entidades dinâmicas, passíveis de transformações de acordo com as condições sociais e históricas em que são produzidos. (CARVALHO, 2010, p. 116)

Ao contrário da perspectiva bakhtiniana, Swales considera o *propósito comunicativo*, ou seja, a finalidade comunicativa do gênero, como determinante de sua forma e utilização linguísticas. Na perspectiva de Bakhtin, a finalidade do gênero é importante, mas não é o cerne de sua definição, já que outros aspectos devem ser igualmente considerados, como conteúdo, estilo e forma composicional. O que Swales afirma ser determinado pela finalidade/função de um gênero, para Bakhtin se trata justamente do determinante da definição de gênero do discurso, ou seja, a própria *estrutura interna* de um gênero é aquilo que o determina, aquilo que o constitui. No entanto, ao considerar que os gêneros são *entidades dinâmicas*, o autor aqui citado dialoga com a proposta dos estudos do Círculo, ao afirmar que as condições de produção de um determinado enunciado são definidas social e historicamente.

Em sua análise, Carvalho (2010) se utiliza de um modelo descritivo desenvolvido por Bhatia em que o autor define quais elementos são necessários para a elaboração de um resumo de artigo acadêmico, a saber: “i) o que o autor fez, ii) como o autor fez, iii) o que o autor encontrou, iv) o que o autor concluiu.” (CARVALHO, 2010, p. 118)

Em síntese, estes são os elementos que, segundo a autora, deveriam estruturar um bom resumo e é com base neles que ela analisa seu *corpus*. Na análise, a autora demonstra que as áreas definidas pelo estudo, Linguística e Química, dão enfoques distintos aos elementos que constituem o resumo, de acordo com o modelo adotado. Ao passo que os resumos da área de Linguística priorizam os aspectos teórico-metodológicos e os objetivos da pesquisa, os resumos da área de Química dão prioridade à metodologia utilizada e aos resultados obtidos.

⁵ ROCHA, 2002; VANEEVA, 2005 *apud* CARVALHO, 2010.

Não discutiremos aqui todos os procedimentos de análise realizados pela autora, mas é importante destacar que, em sua conclusão, a pesquisadora considera a forma de organização e elaboração dos= resumos na área da Linguística um indicativo de subjetividade, mas que sinalizam “pouco rigor, padronização, objetividade e impacto das pesquisas realizadas pelos pesquisadores vinculados à área da Linguística”. (CARVALHO, 2010, p. 125). Mesmo conferindo um valor negativo à “postura *subjetiva*” dos sujeitos pesquisadores da área da Linguística, a autora conclui que não é possível realizar uma análise estritamente normativa sobre o gênero, considerando que no percurso da análise foram encontradas características distintas nos resumos das áreas estudadas. Portanto:

[...] é preciso reiterar que não se pode falar de “modelo” de análise em termos normativos ou prescritivos, pois, como pode ser verificado, a elaboração do gênero resumo de tese admite considerável flexibilidade, dada a variedade de estratégias disponíveis para a escolha dos pesquisadores/produtores do texto – o que não esgota, desse modo, todas as possibilidades de realização concreta deste gênero. (CARVALHO, 2010, p. 125)

Nesse sentido, pode-se dizer que ao considerar que há uma *flexibilidade* nas *possibilidades de realização concreta* do gênero resumo de tese, a autora dialoga com a teoria de Bakhtin sobre os gêneros do discurso, na qual o autor aponta para a *relativa estabilidade* dos gêneros, já que os gêneros do discurso, pertencentes a um determinado campo de atividade, se modificam e se complexificam ao longo do tempo. (BAKHTIN, 2011, p.262)

Segundo a perspectiva dialógica, o enunciado deve ser compreendido na relação eu e outro e, no caso de nossa pesquisa, nas relações dialógicas que determinado enunciado estabelece com outros enunciados que tratam não somente da questão formal da elaboração dos resumos, mas também de como os textos acadêmico-científicos são vistos por uma determinada categoria de sujeitos, por um determinado campo de atividade. Por esse motivo, optamos por estabelecer um diálogo com outros enunciados – que também tratam da questão dos gêneros discursivos/textuais – como uma forma de refletir sobre discursos que constituem a noção de escrita acadêmico-científica e que, conseqüentemente, acabam por atribuir determinados valores à ideia de subjetividade vista, de forma geral, como aspecto negativo.

Falar sobre os discursos que tratam da questão da subjetividade no texto acadêmico-científico é falar sobre os enunciados que dão contexto à nossa discussão, é demonstrar que por mais que esses discursos não estejam diretamente presentes nos enunciados estudados, os constituem no diálogo, no entendimento do que é um texto

acadêmico-científico e como ele deve ser escrito. Buscamos compreender no cotejo com outros textos como se constitui uma noção de texto acadêmico-científico que faz com que os graduandos, enquanto sujeitos, construam determinadas formas de subjetividade em seus textos.

Este estudo de Carvalho (2010) e os manuais de escrita acadêmica das instituições – que apresentaremos a seguir – que selecionamos para a pesquisa materializam e representam visões que o campo acadêmico-científico tem sobre a escrita e estes discursos estão em diálogo constante com os que encontramos nas monografias. A voz social representada por esse outro com quem as monografias estabelecem uma relação dialógica – e que também faz parte do campo acadêmico-científico – é que pode determinar, por vezes, como os graduandos devem se colocar ou se posicionar em seus textos, ou seja, utilizando ou não as primeiras pessoas verbais, por exemplo, e correspondendo, ou não, a uma imagem do texto acadêmico-científico, a uma expectativa dos interlocutores, etc.

Assim, utilizamos para dar contexto à discussão sobre os gêneros – especialmente em relação ao gênero resumo – os manuais de orientação de escrita acadêmica das IES que compõem o *corpus* da pesquisa. Não pretendemos estabelecer uma relação direta entre os manuais e a análise dos resumos, mas entendemos que seja importante compreender como os manuais concebem o texto acadêmico-científico e seus gêneros, sabendo-se que estes manuais compõem um discurso sobre a escrita acadêmico-científica. Portanto, contextualizar a análise dos resumos é também cotejá-los com os manuais que revelam uma visão sobre o texto acadêmico-científico.

Com relação aos manuais, o primeiro aspecto que nos chama atenção é a forma como cada IES os nomeia. A escolha lexical para dar nome a esses documentos ou a essas orientações já nos revela uma construção de sentido, um projeto de dizer que tem uma concepção do que é o texto acadêmico-científico, neste caso, a Monografia de Final de Curso. Sobre esse aspecto, podemos destacar, por exemplo, o nome dado ao manual elaborado pela UFBA, *Manual de Estilo Acadêmico*, em que a palavra “estilo” produz sentido de uma forma bastante específica. Neste caso, pode-se compreender que exista um estilo a ser seguido, não havendo espaço para a manifestação de estilos individuais ou subjetivos, por exemplo. Os títulos dos outros manuais tratam das questões de normalização e elaboração das monografias: *Normas técnicas para a monografia de graduação da Faculdade de Letras (UFRJ)*; *Monografia: normalização do documento eletrônico (UNICAMP)*; *Orientações para elaboração de trabalhos acadêmicos da Biblioteca Setorial de Educação (UFRGS)*; *Manual do TCC (UnB)*. Sobre essa questão, Bakhtin, ao tratar dos gêneros do discurso, aponta para o

fato de que “nem todos os gêneros são propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual”, sendo os gêneros literários mais afeitos a esse estilo. (BAKHTIN, 2011, p. 265)

Por outro lado, com relação ao manual da UFBA, por este ser um manual destinado também a teses e dissertações, entendemos que, por esse motivo, haja um rigor maior com relação às orientações de elaboração do texto acadêmico-científico. Ainda assim, isso demonstra que existe uma visão sobre esse tipo de texto, que é a de um texto que deve ser elaborado segundo regras e instruções específicas que podem lhe dar um caráter “mais científico”.

Em todos os manuais, os autores especificam que as diretrizes são pautadas nas normas estipuladas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Citamos como exemplo as orientações do manual da UFRGS:

Deve ressaltar os objetivos, os métodos, os resultados e as considerações finais do trabalho, podendo dispensar a leitura do texto.
É redigido com frases completas, evitando-se o uso de parágrafos, e deve ter entre 150 e 500 palavras. O texto do resumo deve ser justificado e digitado em fonte Arial ou Times New Roman, corpo 12. (UFRGS/FACED/BSE, 2019, p. 14)

Neste exemplo, forma composicional, estilo e conteúdo temático do resumo são bem delimitados e especificados, indicando o que deve constar no corpo do texto e como deve ser feita a sua configuração. Esta mesma orientação com relação à forma e ao conteúdo do resumo é encontrada nos outros manuais, revelando um certo padrão com relação às orientações sobre a composição formal e temática do gênero.

Ao pensar sobre a subjetividade nos textos acadêmico-científicos, também nos interessou saber como as orientações de elaboração das monografias tratam a questão do uso das pessoas verbais, ou seja, se existe uma orientação formal com relação ao uso da terceira pessoa ou à proibição do uso da primeira pessoa do singular na escrita dos textos. Para o estudo aqui apresentado sobre os resumos, por exemplo, notamos que existe sim uma orientação sobre os usos das pessoas verbais para a elaboração destes gêneros. Dos manuais aqui relacionados – exceto o da UFRJ que não propõe diretrizes para a elaboração de resumos – os que apontam para o uso da terceira pessoa são os da UFBA e da UNICAMP, como podemos ver no exemplo retirado do manual da UFBA, o qual afirma que o resumo “deve ser redigido na terceira pessoa do singular, com o verbo na voz ativa, em frases correntes, sem enumeração de tópicos”. (LUBISCO; VIEIRA, 2019, p. 56)

Pensando na função discursiva de um resumo de trabalho acadêmico-científico, consideramos que seja de essencial importância que este gênero seja capaz de informar o seu interlocutor sobre uma determinada pesquisa de forma clara e concisa, já que os resumos geralmente são acessados no intuito de se obter informações sobre o que se trata determinado estudo sem a necessidade de ler o texto completo, que pode não ser de interesse deste interlocutor. A escrita objetiva e clara, no entanto, não necessariamente está relacionada ao uso da terceira pessoa, por exemplo.

Entendemos os usos das pessoas verbais como ponto de partida da discussão sobre a subjetividade no texto acadêmico-científico, tendo a consciência de que não é na interpretação pura e simples de uma unidade linguística ou dos usos de determinadas pessoas verbais que encontraremos como a subjetividade se constitui nas monografias, principalmente por se tratar de uma abordagem dialógica. O que pretendemos demonstrar com este estudo está relacionado àquilo que esses usos revelam na concretude dos enunciados analisados. Esses usos (ou não usos) nos apontam para uma visão sobre o texto acadêmico-científico construída, constituída historicamente e que revela quais os valores incutidos na relação que os graduandos têm com as suas próprias monografias e com seus interlocutores (avaliadores). Portanto, as “regras” sobre o que pode ser dito e como deve ser dito no texto acadêmico-científico se relacionam diretamente – e historicamente – com as formas prescritivas que refletem uma visão sobre este tipo de texto.

Sobre a questão do uso de primeira pessoa em textos científicos, damos destaque a um ensaio de Sobral et al. (2017) no qual os autores analisam a questão da subjetividade em textos científicos partindo da discussão sobre o papel das marcas linguísticas na materialidade do enunciado e sobre as marcas enunciativas, reveladas na relação entre os interlocutores do enunciado científico. Este estudo é relevante por tratar justamente da relação entre os usos das pessoas verbais e a subjetividade, não de forma direta, mas a partir de uma perspectiva que trata da “construção discursiva do autor” que inclui as condições de produção do texto, as relações entre autor e leitor, os valores envolvidos na tessitura do texto e a tensão que os permeia, e como os gêneros discursivos se constituem. Estas considerações são feitas a partir da análise de alguns elementos de teses e dissertações, apresentada no transcorrer do ensaio.

Os autores apontam para uma noção de subjetividade que não se encontra no “sentido de aparelho psíquico individual, de domínio pelas emoções em si, mas de situacionalidade, de posição enunciativa – social e histórica – de quem escreve”, ou seja, ao analisarem as formas constituintes da subjetividade no texto científico são considerados os contextos de elaboração

dos enunciados e o lugar histórico e social onde se encontra o sujeito, mas não suas intenções pessoais ao redigir o texto. (SOBRAL, et al. 2017, p.179)

Atrelada a essa concepção de subjetividade, os autores discutem a noção de autoria a partir da perspectiva bakhtiniana, na qual deve ser considerada a postura ativa do sujeito autor – mesmo inserida entre as tensões valorativas que o permeia – e que é evidenciada nas formas de organização textuais. Sobre essa questão, citamos:

O autor está presente no todo do discurso, em sua organização, nas escolhas feitas. Não é a partícula “eu” que indica o autor, mas o fato de alguém dizer algo de uma dada maneira, com ou sem a partícula “eu”. Claro que se pode discutir sobre graus de presença autoral, que teriam como possíveis extremos o formulário do Imposto de Renda e a ficção, mas o que importa é que, embora as marcas de pessoa num texto sejam relevantes, é no todo do texto, que as inclui, que está o autor. (SOBRAL, et al. 2017, p. 179-180)

Nesse ponto da discussão, os autores introduzem a questão do uso da primeira pessoa do singular, mas apontam que “é no todo do texto que está o autor”, o que significa que devemos olhar para as formas de organização do texto, para suas condições de produção, para as relações entre o autor e seus interlocutores, para os diálogos com outros discursos que o enunciado estabelece, enfim, para sua totalidade, pois só assim podemos compreender como este autor se apresenta e de que forma a subjetividade que o constitui também é constituída.

Mais adiante no ensaio, considerando que os gêneros do discurso se desenvolvem a partir da relação entre os interlocutores e do projeto de dizer daquele que enuncia, os autores reafirmam a premissa de que os usos de determinadas pessoas verbais não garantem uma “subjetividade autoral” nos textos acadêmico-científicos:

A concepção bakhtiniana de gênero, que é nossa base aqui, consiste em, sem desprezar as marcas linguísticas (digamos, o pronome “eu”), ver o uso destas em termos dos propósitos enunciativos, do projeto de dizer, de quem usa, ou seja, ela considera também as marcas enunciativas, que é do plano, superior ao do texto, do discurso. Assim, dessa perspectiva, a presença ou ausência de “eu” não é o fator determinante, mas sim o que essa presença indica sobre o texto (a materialidade) do ponto de vista do discurso (a organização dessa materialidade por um locutor/autor com relação a um dado interlocutor, sendo esses os elementos que vão constituir o gênero (as formas relativamente estáveis dos enunciados nas diversas esferas). (SOBRAL, et al. 2017, p. 184-185)

Este trecho do ensaio retoma a discussão que estabelecemos quando tratamos dos conceitos que norteiam nosso estudo, referente à relação do sujeito com os gêneros do discurso. Como vimos, as marcas linguísticas, ou seja, os usos das pessoas verbais, devem nos

servir como indícios de uma forma de construção da subjetividade e não como seu reflexo direto. Tais usos precisam ser vistos “em termos dos propósitos enunciativos”, que passam pela relação entre o sujeito e o gênero e pelas relações discursivas que ali estão presentes. Este ensaio, ao retomar a perspectiva bakhtiniana sobre os gêneros e sobre a subjetividade, direciona nosso olhar no momento da análise de nosso objeto para as formas de construção da subjetividade enquanto parte constituinte daquilo que entendemos por gênero do discurso, materializado na forma de enunciados concretos, as Monografias de Final de Curso.

Acreditamos que esse tipo de contextualização – a partir de outros estudos sobre os gêneros, dos manuais das IES que revelam uma visão sobre o texto acadêmico-científico e dos estudos sobre a subjetividade em textos acadêmico-científicos – enriquece o estudo e a análise que aqui apresentamos, além de constituir uma metodologia dialógica que pressupõe o cotejo de textos.

A partir das reflexões teóricas apresentadas e da contextualização aqui proposta, partimos para a análise das seções “Resumo” e “Introdução” das monografias selecionadas para o estudo.

4 ANÁLISE DO *CORPUS*

4.1 A seleção do *corpus* e o cotejamento de textos

Para compor o *corpus* da pesquisa foram realizadas buscas nos repositórios de diversas Instituições de Ensino Superior (IES) públicas espalhadas pelo país. Nos repositórios a busca das monografias foi realizada dentro da área de Linguística, considerando o período de 2015 e 2016. No entanto, a delimitação do período e o acesso às monografias⁶ foram determinantes para que as monografias que aqui serão apresentadas fossem selecionadas. As monografias selecionadas, portanto, para compor o *corpus* da pesquisa pertencem às seguintes IES: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Os trabalhos selecionados para análise pertencem à área da Linguística e compõem as subáreas de Aquisição da Linguagem, Variação e Mudança Linguística, Sintaxe e Análise do Discurso. A busca foi realizada especificamente na área da Linguística, porém as subáreas aqui elencadas não fizeram parte dos critérios de busca e seleção das monografias. No entanto, consideramos positiva a forma aleatória como as subáreas da Linguística se manifestaram, possibilitando um olhar sobre diferentes abordagens dos estudos da linguagem. Foram selecionadas as primeiras monografias que apareceram listadas a partir da busca dentro da área da Linguística, considerando apenas o filtro relativo ao ano de publicação, 2015 e 2016.

Partindo de uma perspectiva dialógica, é preciso que estas monografias sejam também colocadas em relação a outros textos. Neste caso, consideramos para cotejo textos como manuais de escrita acadêmica – neste caso, os manuais produzidos pelas próprias IES – e estudos sobre o gênero acadêmico-científico, como por exemplo a abordagem feita por Carvalho (2010), e sobre as formas de construção da subjetividade nos textos científicos, partindo de estudos como o realizado por Sobral et. al (2017) e Bessa (2016) e trabalho sobre a subjetividade na cientificidade elaborado por Coracini (1991).

Compreender como as monografias constituem sentido dentro da proposta da pesquisa é colocá-las em relação a outros textos, revelando seu aspecto responsivo enquanto enunciado e ampliando os horizontes de discussão. Assim, este procedimento metodológico será utilizado para analisar os resumos e as introduções das monografias, a fim de compreendê-los

⁶ Aqui, estamos considerando que em alguns casos as monografias não estavam disponíveis ou não foram encontradas monografias dentro do período estipulado.

enquanto gêneros discursivos – no caso da introdução, a compreendemos como uma seção do gênero monografia, – em especial em seus aspectos temáticos, de estilo e de construção composicional⁷, mas não somente nesses aspectos. Esta relação estabelecida entre textos faz parte da metodologia bakhtiniana de análise, na qual o autor considera que:

Toda palavra (todo signo) de um texto conduz para fora dos limites desse texto. A compreensão é o cotejo de um texto com os outros textos. O comentário. Dialogicidade deste cotejo. [...] Compreender é cotejar com outros textos e pensar num contexto novo (no meu contexto, no contexto contemporâneo, no contexto futuro). Contextos presumidos do futuro: a sensação de que estou dando um novo passo (de que me movimenteí). Etapas da progressão dialógica da compreensão; o ponto de partida — o texto dado, para trás — os contextos passados, para frente — a presunção (e o início) do contexto futuro. (BAKHTIN, 1997, p. 404)

Cotejar textos não se trata apenas de relacionar textos de temáticas e discussões semelhantes, visto que texto aqui é entendido também como enunciado, e este pode ser materializado verbalmente enquanto texto formal escrito, ou pode ser um discurso que circula em determinado campo. Desta forma, realizar o cotejo de textos é também pensar nos diálogos estabelecidos entre as produções científicas dos graduandos e o discurso sobre a noção de texto que começa a ser construída na escola com os textos dissertativo-argumentativos e que se consolida na universidade com o texto acadêmico-científico. Compreendemos, portanto, que ao realizar o cotejo entre os enunciados das monografias e os textos que tratam do discurso acadêmico-científico estaremos “recuperando parcialmente a cadeia infinita de enunciados a que o texto responde, a que se contrapõe, com quem concorda, com quem polemiza, que vozes estão aí sem que se explicitem porque houve esquecimento da origem”. (GERALDI, 2012, p.33)

⁷ BAKHTIN, 2011, p. 262.

4.2 Análise da seção “Resumo” das Monografias de Final de Curso de Letras

As análises que serão apresentadas nesta seção se referem aos resumos das cinco monografias que selecionamos para o compor o *corpus* da pesquisa, todas de alunos de Letras e cada uma pertencente a uma das IES aqui já referenciadas – UNICAMP, UFRJ, UFRGS, UnB e UFBA – nos períodos de 2015 e 2016. Como citamos anteriormente, as monografias selecionadas para análise pertencem à área da Linguística e compõem as subáreas de Aquisição da Linguagem, Variação e Mudança Linguística, Sintaxe e Análise do Discurso.

A primeira análise que apresentamos aqui se refere ao resumo de uma monografia do curso de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA) da área de Aquisição da Linguagem, desenvolvida em 2016, cujo título é *A aquisição dos segmentos /r/ e /s/ em coda silábica na Língua Portuguesa*. Seguimos com a citação do resumo completo:

O presente trabalho focaliza na aquisição dos segmentos /R/ e /S/ em posição de coda silábica (medial e final) na Língua Portuguesa. Por meio de um estudo transversal **foram analisadas as produções linguísticas** de 112 crianças com idade de 2;1 (dois anos e um mês) a 6;0 (seis anos) nascidas na cidade de Salvador. **Os sujeitos foram distribuídos** em 7 grupos etários e divididos de acordo com a escolaridade e o status social dos pais - Classe A, referindo-se a pais com grau universitário, e Classe C para os pais com educação primária. **O corpus, composto de produções linguísticas infantis, foi obtido** a partir do PROAEP (Programa de Estudos em Aquisição e Ensino do Português como Língua Materna) através da aplicação do exame fonético-fonológico ERT. Na seção referencial teórico, **o processo de aquisição é discutido** desde o momento em que os segmentos alvos começam a ser produzidos até sua completa estabilização no sistema fonológico da criança. Através da análise dos dados analisados, **foi possível verificar** que a maior frequência de produção adequada dos segmentos é encontrada na Classe A. Crianças da Classe C, por outro lado, mostram um grau elevado de aplicação de diferentes estratégias, tais como a elisão, confusão de fricativas, migração, entre outras. **Estes resultados revelam que as questões sociolinguísticas desempenham um papel importante** no desenvolvimento da fala infantil. (NERI, 2016, p. 4, *negrito adicionado*)

A primeira consideração que fazemos sobre este resumo é com relação à sua organização textual. Aqui, o sujeito autor estrutura e organiza as informações sobre sua pesquisa seguindo a seguinte sequência: apresentação do tema da monografia; apresentação do *corpus* da pesquisa; metodologia – apresentada a partir de como foram separados e formados os grupos participantes da pesquisa; comentário sobre o percurso teórico; apresentação dos resultados. O resumo, de maneira geral, é entendido como uma síntese dos aspectos mais relevantes da pesquisa e esta forma de organização corresponde àquilo que se espera em relação às informações que devem constar nesse tipo de texto – tema da pesquisa,

corpus, aspectos teóricos, metodologia e resultados. O próprio manual de orientação sobre os textos acadêmicos da UFBA apresenta a definição de resumo em termos semelhantes, afirmando que “Segundo a NBR 6028 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2003), Resumo é a “Apresentação concisa dos pontos relevantes de um texto”, isto é, natureza do trabalho, contexto, objetivos, metodologia, resultados e conclusões”. (LUBISCO; VIEIRA, 2019, p. 56). Desta forma, podemos dizer que o sujeito, pelo enunciado, atualiza as orientações sobre o que é um resumo de trabalho acadêmico-científico e qual deve ser sua forma de organização textual.

A segunda consideração que fazemos é referente aos trechos destacados do resumo, nos quais constam as formas verbais utilizadas pelo sujeito autor. O uso recorrente da terceira pessoa do singular e do plural e o uso da voz passiva compõem os trechos que destacamos para nossa análise. Considerando que marcas linguísticas/discursivas, como o uso das pessoas verbais, são, entre outros aspectos, indicadores de pessoalidade ou impessoalidade no enunciado em gêneros acadêmico-científicos, notamos que neste resumo não há uso de primeira pessoa, mas há o uso recorrente da terceira pessoa do singular e da voz passiva. Alguns exemplos dessas duas marcas linguísticas são as passagens: “O presente trabalho *focaliza*” ou “*foram analisadas* as produções linguísticas”. A primeira observação que podemos fazer com relação a esses usos é sobre como eles parecem “omitir” linguisticamente a ação do sujeito autor, destacando os objetos aos quais os verbos se referem, como o “presente trabalho” e as “produções linguísticas”. Também podemos dizer que este resumo apresenta, enquanto enunciado concreto, uma relação com as orientações que prescrevem, por exemplo, o uso de terceira pessoa neste tipo de texto. Estar em “conformidade” com essas orientações é estabelecer um diálogo com os discursos que tratam das formas e normas do texto acadêmico-científico e é nesse sentido que devemos compreender como se constitui o sujeito no discurso. Portanto, é possível compreender como a subjetividade se constitui a partir do diálogo que o sujeito estabelece com as orientações e normas de escrita acadêmica – considerando que as recomendações destes manuais apresentam uma visão sobre o texto acadêmico-científico que circula em um determinado campo de atividade. Para compreendermos melhor como se estabelece esse diálogo, citamos um trecho das orientações para a elaboração de resumos acadêmicos da UFBA e que consta no *Manual de Estilo Acadêmico*:

Deve ser redigido na terceira pessoa do singular, com o verbo na voz ativa, em frases correntes, sem enumeração de tópicos, num total de 150 a 500

palavras, respectivamente para TCC e dissertações/teses. A frase de abertura deve explicitar o tema do trabalho; em seguida, deve-se indicar a categoria a que pertence (memória, estudo de caso etc). Deve ser evitado o uso de frases negativas, parágrafos, fórmulas, siglas, símbolos, citações bibliográficas. (LUBISCO; VIEIRA, 2019, p. 56)

Considerando as orientações do manual referente à elaboração do resumo, podemos dizer que o sujeito autor corresponde, de certa forma, a algumas dessas orientações, como a que se refere ao uso da terceira pessoa e à recomendação de se evitarem citações bibliográficas. No entanto, com relação à orientação do uso da voz ativa, como vimos, o sujeito autor opta por fazer o uso da voz passiva. A utilização de uma forma verbal distinta daquilo que é prescrito para o gênero ou seja, a escolha realizada pelo sujeito, nos aponta para uma forma de constituição de subjetividade dentro do gênero resumo e neste caso, assim como em outros que serão aqui apresentados, percebemos que há nesta forma de constituição de subjetividade uma relação com o estilo que é adotado pelo sujeito. De maneira geral, podemos dizer que neste resumo o sujeito autor adota um estilo dito “acadêmico”, “científico”, atendendo à maioria das orientações que pretendem padronizar a forma de escrita do gênero. Mas, ainda assim, como podemos constatar em alguns usos e escolhas deste sujeito, encontramos aspectos de subjetividade em seu texto, como por exemplo o uso da voz passiva que destacamos em alguns trechos, aspecto este que pode ser relacionado à maneira como o sujeito se relaciona com o gênero resumo, ou seja, a partir de uma postura *ativa* no diálogo com seu outro, com o gênero e com uma visão sobre a escrita que nele é materializada. Portanto, essa postura ativa do sujeito acaba por materializar-se nas escolhas sobre o estilo empregado no resumo.

Ao final do resumo, destacamos um trecho em que o sujeito autor relata que “Estes resultados *revelam* que as questões sociolinguísticas desempenham um papel importante [...]”, no qual evidenciamos o uso do verbo *revelar*. É interessante notar que o uso deste verbo, na forma como foi colocado (na qual os resultados revelam algo) parece “retirar” o sujeito da pesquisa, pois os resultados revelam por si as questões importantes relatadas pelo sujeito. O uso deste verbo, portanto, resulta em um efeito de “apagamento” do sujeito diante da análise dos resultados de sua pesquisa.

A escolha por utilizar determinadas formas linguísticas nos apontam para a postura ativa do sujeito em relação ao enunciado. Mesmo que – como no caso acima citado – essas formas linguísticas gerem um efeito de “apagamento”, de “distanciamento” do sujeito diante das ações empreendidas, é na escolha destas formas linguísticas que está a postura ativa deste sujeito autor, aspecto indissociável e constitutivo de qualquer enunciado. Esta escolha,

portanto, pode nos indicar como este sujeito responde aos discursos sobre a escrita acadêmico-científica, que geralmente prescreve as formas de dizer dos sujeitos em seus textos. Esta marca linguística, portanto, aponta para esta postura *ativa* do sujeito dentro do texto acadêmico-científico, demonstrando como ele articula sua resposta ao diálogo estabelecido com o gênero de discurso em questão. Sobre esta “posição ativa” do sujeito e sua relação com os gêneros do discurso, citamos:

“A escolha dos meios linguísticos e dos gêneros de discurso é determinada, antes de tudo, pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido. É o primeiro momento do enunciado que determina as suas peculiaridades estilístico-composicionais”. (BAKHTIN, 2011, p. 289)

Ao desenvolver a discussão sobre os elementos que constituem o enunciado, Bakhtin aponta para a importância das escolhas do sujeito, “centradas no objeto e no sentido”. Essas escolhas é que irão determinar de que forma o sujeito irá abordar seu objeto a partir de um gênero e, portanto, a partir de um determinado estilo. Sobre esta questão, como afirmamos anteriormente, entendemos que o sujeito autor opta por um estilo ao escrever seu resumo, considerando que, comparado ao restante da monografia que o contempla, o resumo tem um estilo bastante distinto daquele adotado a partir da introdução até à seção das conclusões. Sobre este outro estilo adotado pelo sujeito, trataremos mais adiante na seção de análise das introduções das monografias.

Outra questão que merece atenção está relacionada aos estilos que são possíveis dentro dos gêneros acadêmico-científicos, gêneros que possuem bastante estabilidade se comparados aos de outros campos de atividade. Como vimos até aqui, por mais que seja possível encontrar indícios de subjetividade em um resumo acadêmico-científico, o estilo do gênero manifesta sua estabilidade, o que está vinculado ao fato de que em determinados gêneros do discurso apenas alguns estilos são possíveis. Para ampliar essa discussão, citamos as considerações de Bakhtin sobre estilo e enunciado:

Todo estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso. Todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também qualquer campos de comunicação discursiva (*rietchevóie obschênie*) – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual. Entretanto, nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual. (BAKHTIN, 2011, p. 265)

A questão do enunciado relacionada ao estilo individual, aqui desenvolvida por Bakhtin, nos remete às formas de construção de subjetividade que encontramos neste e nos próximos resumos que serão apresentados, já que são nestas formas que podemos identificar a individualidade do sujeito na concretude do enunciado. Mas da mesma forma, como nos aponta o autor, nem todos os gêneros são favoráveis à manifestação de um estilo individual e veremos – a partir desta e das próximas análises – que esta afirmação se confirma, resultante do fato de que mesmo identificando algumas formas de subjetividade nos resumos, o estilo do gênero, de forma geral, se revela estável.

O objetivo inicial do nosso estudo era tentar compreender, a partir do levantamento dos usos das pessoas verbais, como a subjetividade se constitui nas monografias. No entanto, com o aprofundamento teórico e as análises dos resumos e introduções, foi possível constatar que a subjetividade é construída a partir de outros aspectos que vão além dos usos das pessoas verbais. Neste resumo que acabamos de analisar, por exemplo, a ausência dos usos de primeira pessoa, por si só, não pode ser entendida como ausência de subjetividade, mesmo porque sob a perspectiva dialógica isso é impossível; mas a forma como o sujeito organiza e estrutura o texto e a escolha por realizá-lo desta maneira manifestam sua relação com seu outro, um outro que avalia e prescreve essas formas de organização textual no contexto acadêmico-científico. Sobre esta questão, Bakhtin (2011) ao tratar do “texto como *enunciado*”, diz que os elementos que assim definem o texto são “a sua ideia (intenção) e a realização dessa intenção” e que todo enunciado deve ser entendido como um lugar onde convivem tanto as repetições, relativas ao “sistema da linguagem” – que no caso de nossa análise pode ser entendido como as formas verbais, por exemplo – quanto aquilo que é “individual, único, singular” e que está atrelado ao sujeito e às formas de constituição de subjetividade, que podemos exemplificar com a discussão sobre como o sujeito (aluno de graduação) dialoga e responde aos discursos sobre a escrita do resumo acadêmico-científico.

Ainda na área de Aquisição da Linguagem citamos aqui outro resumo, desta vez pertencente a uma monografia de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), intitulada *Estatividade e morfologia progressiva: uma análise à luz da Aquisição de Linguagem no português do Brasil*:

Este trabalho tem por objetivo contribuir para a reflexão a respeito da classificação dos tipos de verbo, em especial, os de estado, a partir da análise da emergência do imperfeito contínuo na aquisição do Português do Brasil. **A hipótese deste estudo é** a de que a expressão do imperfeito contínuo por meio da morfologia progressiva ocorre após a emergência da expressão desse mesmo aspecto por meio da morfologia não progressiva

com todos os tipos de verbo. Para verificar essa hipótese, **foi realizado um estudo longitudinal** com dados de fala espontânea de uma criança falante nativa do PB com idade entre dois anos e três meses e dois anos e oito meses. **Foram analisadas as produções** verbais relativas à emergência do aspecto imperfectivo contínuo por meio das morfologias progressiva e não progressiva em verbos de atividade, de estado, de processo culminado e de culminação. **Verificamos que a expressão do imperfectivo** contínuo por meio da morfologia não progressiva acontece antes da expressão do imperfectivo contínuo por meio da morfologia progressiva apenas nos verbos de estado. **Verificamos também** que a expressão do imperfectivo contínuo por meio da morfologia progressiva ocorre primeiramente com verbos de atividade. **Ao contrário das expectativas**, a expressão do imperfectivo contínuo por meio da morfologia progressiva em verbos de estado e de culminação aconteceu no mesmo período, antes mesmo dos verbos de processo culminado. A partir da análise dos resultados, **é possível questionar se os verbos tipicamente classificados como de estado sempre o são**, uma vez que a associação desse tipo de verbo com uma morfologia progressiva pode dar um caráter dinâmico ao verbo, caráter que, a priori, um verbo tipicamente classificado como de estado não tem. (MOTA, 2016, p. 9, *negrito adicionado*)

Este resumo demonstra em sua forma de organização textual informações sobre a pesquisa de uma maneira que, inicialmente, já difere do primeiro resumo que aqui analisamos. Neste caso, o sujeito autor opta por apresentar as informações referentes ao objetivo da pesquisa, a hipótese levantada, – aspectos que não encontramos no primeiro resumo – apresentação do *corpus*, metodologia de análise e resultados encontrados. Essa diferença com relação aos aspectos abordados no resumo talvez se deva às orientações sobre escrita acadêmica encontradas no manual da UFRJ, o qual recomenda que o resumo deve “ressaltar o objetivo, o método, as técnicas de abordagem, os resultados e as conclusões do trabalho”. (PAULA et. al., 2013, p. 23)

O resumo é iniciado com a construção “*Este trabalho tem por objetivo [...]*”, forma linguística que, como vimos, não favorece a imagem de um sujeito agente, linguisticamente, dentro do texto. Mas, como partimos da perspectiva dialógica, consideramos o uso destas formas como uma opção do sujeito, como uma resposta que faz parte do diálogo com o gênero. Essa escolha pelo uso de determinadas formas linguísticas pode ser entendida a partir deste diálogo do sujeito com as prescrições sobre a elaboração dos textos acadêmico-científicos. Outras formas linguísticas que também aparecem neste resumo, assim como no primeiro que foi analisado, são o uso de terceira pessoa e de voz passiva, encontrados nos seguintes trechos: “A hipótese deste estudo *é*”; “*foi realizado* um estudo longitudinal”; “*Foram analisadas* as produções”. Apesar de, textualmente, essas formas linguísticas produzirem o efeito de “apagamento” do sujeito das ações descritas, sabemos que por trás de toda pesquisa há sim um sujeito pesquisador que elabora hipóteses e realiza

estudos e análises. Mas considerando que nosso foco é, a partir da materialidade textual, encontrar as formas de constituição da subjetividade, destacamos alguns outros trechos que nos chamaram atenção. Inicialmente, destacamos as construções: “*Verificamos* que a expressão do imperfectivo” e “*verificamos* também”. Nestas duas construções encontramos o uso da primeira pessoa do plural. A escolha por utilizar essa forma verbal pode nos indicar que este sujeito se coloca, textualmente, como agente da ação de verificar, ou seja, de investigar o seu objeto de pesquisa com o objetivo de confirmar (ou não) suas hipóteses. O próximo trecho que destacamos corrobora nossa última afirmação, que é quando o sujeito autor afirma que “*Ao contrário das expectativas*” o tempo verbal por ele analisado apresentou, nos resultados, uma ocorrência diferente daquilo que era esperado. Aqui, portanto, o sujeito autor se revela como um sujeito que ao iniciar sua pesquisa tinha expectativas e hipóteses com relação ao seu objeto, mas que acabaram não sendo correspondidas ao final do estudo, mostrando como foi o percurso por ele traçado. Mais ao final do resumo, destacamos outro trecho que reitera essa quebra de expectativa, no qual o sujeito autor diz que analisando os resultados “é possível *questionar* se os verbos tipicamente classificados como de estado sempre o são”. Neste trecho, destacamos o uso do verbo *questionar*, que também colabora para a construção de uma subjetividade no texto, já que o ato de questionar deve partir justamente do sujeito pesquisador que, diante da expectativa não correspondida, pôde indagar sobre as suas hipóteses iniciais de pesquisa.

Notamos que aqui o sujeito autor também não faz referência às teorias que utilizou em sua pesquisa, mas destacamos a forma como ele apresenta os resultados de sua análise, já que essa parte compõe metade de seu resumo. No momento em que trata da hipótese de pesquisa e das análises que realizou, o sujeito autor utiliza construções como “*foi realizado* um estudo longitudinal” e “*foram analisadas* as produções”, mas no momento em que passa a relatar sobre os resultados encontrados opta pelo uso da primeira pessoa do plural, como em “*Verificamos* que a expressão do imperfectivo”. Portanto, neste caso, é a escolha do sujeito autor em utilizar as formas verbais em momentos específicos que pode nos indicar uma forma de construção de subjetividade em seu texto.

Neste resumo, conseguimos observar de que forma o sujeito estabelece uma relação com seu outro quando opta por uma organização textual e por determinados usos linguísticos no diálogo com as orientações sobre a escrita do resumo e, consequentemente, com o discurso que permeia essas orientações e a visão sobre o texto e o discurso acadêmico-científico. No entanto, ao dialogar com os discursos que prescrevem as formas de constituição do gênero resumo, o sujeito autor elabora formas de construir uma subjetividade que nos direcionam

para o seu papel como sujeito pesquisador e essas formas de construção, como já citamos, se materializam nas escolhas sobre a organização do texto – por exemplo, como e quais partes da pesquisa são apresentadas – e nas formas verbais e pronominais utilizadas.

Também é interessante observar que, no último trecho que destacamos, no momento em que o sujeito autor se refere aos possíveis questionamentos que os resultados de sua pesquisa proporcionaram, podemos identificar uma certa atenuação, sobretudo a partir do uso da expressão “*é possível* questionar” que, em seguida, é acompanhada de uma máxima sobre os verbos que são “tipicamente classificados como de estado”. Com a leitura da seção de análise dos dados desta monografia sabemos que este trecho se refere às conclusões feitas pelo sujeito autor sobre os resultados encontrados e que, por sua vez, dialogam com as teorias abordadas sobre o tema da pesquisa. Este sujeito, inclusive, apresenta outras teorias que corroboram os questionamentos que ele trata ao final da pesquisa. Notamos, portanto, que o sujeito estabelece com seu outro – com os enunciados anteriores ao seu e com as teorias utilizadas em sua pesquisa – uma relação dialógica que se concretiza no enunciado a partir das escolhas do que é dito e de como é dito. Aqui destacamos também a importância da leitura das monografias para realizar as considerações analíticas aqui apresentadas, pois, mesmo considerando o resumo como um gênero distinto da monografia, sabemos que ele a compõe e está diretamente a ela relacionado, já que se configura como uma síntese daquilo que é apresentado no decorrer de todo o texto.

Seguimos com mais um resumo, agora de uma monografia de Letras da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), pertencente à área de Análise do Discurso, com o título *Ideologia, política e resistência no discurso do Diretório Central dos Estudantes da Unicamp*:

O presente trabalho analisa, a partir de um incomum e heterodoxo entrecruzamento de teorias distintas da Análise do Discurso francesa, um corpus composto por materiais publicados pelo Diretório Central dos Estudantes (entidade representativa estudantil, doravante DCE) da Unicamp, tanto em sua atuação como gestão eleita dentro dos campi universitários quanto como um coletivo de esquerda organizado no interior da UNE (União Nacional dos Estudantes), durante o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ou seja, de 2003 a 2010. A partir de suas publicações, **caracterizamos as formações** ideológica e discursiva da entidade, entendendo que a primeira materializa-se na segunda, principalmente a partir das construções parafrásticas; a partir daí, explicitar o simulacro criado do governo Lula e, indiretamente, do PT, componentes fundamentais de seus discursos políticos; suas condições de produção; e o ethos incorporado ao dirigir-se aos seus interlocutores. Além disso, **analisamos o sintagma Reforma Universitária** tomando como norte metodológico a noção de fórmula discursiva, tal como a definiu Alice Krieg-Planque. (BORGES, 2015, p. 5, *negrito adicionado*)

Neste resumo, o sujeito autor cita qual a perspectiva teórica por ele adotada e apresenta o *corpus* da pesquisa e a metodologia de análise de seu objeto, não havendo no resumo referências a hipóteses ou objetivos de pesquisa nem aos resultados encontrados. Consultamos o manual para monografias de *Normalização do documento eletrônico* da UNICAMP para saber se há orientações relativas aos itens que devem compor o resumo e encontramos a seguinte orientação: “Seis itens são essenciais para a elaboração de um resumo: a) situar o trabalho; b) expor os objetivos; c) descrever a metodologia utilizada; d) expor a própria experiência; e) apresentar os resultados obtidos; f) conclusão”. (LLAGOSTERA, 2008, p. 13). A consulta ao manual nos mostra que os itens que o sujeito autor coloca em seu resumo fazem parte de uma escolha realizada por ele, já que não segue à risca as orientações, em especial no que se refere à apresentação dos objetivos e dos resultados da pesquisa. É essa forma de organização e a escolha feita pelo sujeito em tratar de alguns aspectos da pesquisa em detrimento de outros que podem nos orientar com relação ao seu projeto de dizer e, conseqüentemente, às formas de constituição de subjetividade.

O primeiro trecho que destacamos é referente à apresentação das teorias que o sujeito autor utiliza em sua pesquisa: “a partir de um *incomum* e *heterodoxo* entrecruzamento de teorias distintas”. Neste excerto, notamos que o sujeito autor utiliza dois adjetivos – *incomum* e *heterodoxo* – para caracterizar, qualificar a forma como ele estabelece uma inter-relação entre as teorias com as quais trabalhou em sua pesquisa. Ao caracterizar desta forma seu próprio trabalho, o sujeito autor nos aponta para uma singularidade na forma como aborda as teorias e que esta singularidade é, em certa medida, inesperada. Assim, o sujeito escolhe essa forma de relacionar as teorias e faz uso dos adjetivos para descrevê-la, atribuindo um *valor* ao seu fazer científico. Se o sujeito autor nos diz que o entrecruzamento de teorias realizado por ele é *incomum* e *heterodoxo*, isso significa que existe uma outra forma de abordagem de tais teorias considerada comum, esperada, tradicional. Portanto, podemos dizer que essa forma mais tradicional de abordagem das teorias constitui a parte presumida do enunciado que não é verbalmente explicitada, mas que constitui e constrói sentido. Com relação a esse conhecimento compartilhado – que aqui é a abordagem tradicional das teorias – e à valoração que lhe é dada, citamos uma passagem do ensaio *Discurso na Vida e Discurso na Arte* em que Voloshinov desenvolve a questão da avaliação comum feita pelos interlocutores na interação verbal:

[...] qualquer que seja a espécie, o enunciado concreto, sempre une os participantes da situação comum como *co-participantes* que conhecem,

entendem e avaliam a situação de maneira igual. O enunciado, consequentemente, *depende de seu complemento real, material, para um e o mesmo segmento da existência e dá a este material expressão ideológica e posterior desenvolvimento ideológico comuns*. (VOLOSHINOV, s.d., p. 5-6)

A *expressão ideológica* que o autor cita está relacionada à noção de um “*julgamento de valor social*”, ou seja, um valor que é atribuído à “situação comum” compartilhada pelos sujeitos participantes do diálogo. No caso do resumo, esse valor social compartilhado é justamente a consciência de que há uma forma tradicional de abordagem de diferentes teorias – dentro da Análise de Discurso francesa, como consta no resumo – e que esta forma é valorada como a mais usual e, por sua vez, mais aceita. Percebemos, portanto, que esse conhecimento compartilhado e essa valoração de um determinado discurso estruturam o enunciado, aqui analisado, a partir de seu interior, já que “a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação”. (VOLOSHINOV, s.d., p. 6)

Diante disso, podemos dizer que esse compartilhamento de um valor social sobre a abordagem das teorias e, portanto, sobre a escrita acadêmica, também faz parte da constituição do sujeito, pois é a partir disso que ele faz suas escolhas e se posiciona, no enunciado, em conformidade ou não com essa visão sobre a escrita da monografia e sobre o fazer científico. Nesse sentido, podemos dizer que o sujeito estabelece uma relação com seu outro – neste caso com a teoria – que se concretiza no enunciado a partir dos usos dos adjetivos e que também revela um olhar sobre esse outro. Entendemos que há um valor atribuído pelo sujeito no uso desses adjetivos indicando um eu que se volta para seu próprio fazer científico e que o avalia e qualifica.

Outros dois trechos que destacamos foram as construções “*caracterizamos* as formações” e “*analisamos* o sintagma Reforma Universitária”, nos quais o sujeito autor opta pelo uso da primeira pessoa do plural. Se compararmos estes dois trechos com o restante do resumo, pensando na forma da construção textual, podemos dizer que o resumo como um todo, no modo como é elaborado, é que nos revela a construção da subjetividade, muito mais do que estes usos de primeira pessoa do plural. O sujeito autor, aqui, realiza escolhas com relação às informações que são apresentadas e de que forma elas são organizadas no texto. O resumo apresenta, em sua maior parte, considerações sobre o *corpus* da pesquisa e sobre a metodologia de análise adotada se distanciando, em alguma medida, das formas prescritivas sobre o gênero, considerando que o esperado é que outras partes da pesquisa também sejam apresentadas, como os objetivos, o embasamento teórico e os resultados da pesquisa. Este

aspecto nos indica que o sujeito pode ter realizado escolhas próprias sobre o conteúdo do resumo, nos indicando uma forma de construção de subjetividade. Portanto, podemos dizer que mesmo que haja uma expectativa em relação ao gênero, – sobre os aspectos que devem ser abordados pelo sujeito – ligada às formas prescritivas sobre como este gênero deve ser escrito, é possível que o sujeito materialize, no enunciado, suas escolhas pessoais, mas sem descaracterizar o gênero, pois, mesmo diante das escolhas do sujeito autor, ainda reconhecemos o gênero resumo em sua forma, composição e estilo.

O próximo resumo que apresentamos pertence a uma monografia de Letras, na área de Variação Linguística, da Universidade de Brasília (UnB), desenvolvida em 2016 e que tem como título *O uso dos pronomes tu e você com interpretação genérica e específica no meio digital*:

O presente trabalho tem o objetivo de evidenciar o estado atual dos pronomes tu e você no quadro pronominal de 2ª pessoa do singular no português brasileiro **com a intenção de analisar** as situações em que esses pronomes possam ocorrer com interpretação específica ou genérica no meio digital. **Para tal, serão utilizados** princípios da teoria linguística variacionista, sociolinguística e teoria gerativa a fim de fundamentar e esclarecer os resultados obtidos. (MANTIRI, 2016, n.p.)

A primeira observação que fizemos ao nos deparar com este resumo foi com relação a sua extensão, que difere dos outros resumos que compõem nosso *corpus*. Uma possível justificativa para essa diferença de extensão pode ser o fato de que nas orientações sobre a escrita do resumo, o *Manual do TCC* da UnB, há a indicação que este contenha o tema e o objeto da pesquisa e que seja elaborado em no máximo dez linhas⁸. O cotejo com os manuais é importante porque nos mostra como essas orientações sobre a escrita acadêmico-científica entendem e respondem aos discursos que circulam sobre os gêneros. No caso deste manual, percebemos que ele orienta que haja no resumo apenas o tema e objeto da pesquisa, deixando de lado orientações a respeito, por exemplo, da metodologia e dos resultados da pesquisa, o que nos permite relacionar esta constatação com a questão da *relativa estabilidade* do gênero. Neste resumo, notamos que o sujeito autor opta por apresentar, brevemente, informações sobre o objetivo da pesquisa e também sobre a teoria por ele utilizada. Mesmo não apresentando mais informações, como vimos nos outros resumos, ainda sim identificamos que se trata de um resumo acadêmico-científico, pois sua configuração, estrutura, tema, estilo, são mantidos. Neste caso percebemos, portanto, que o conteúdo não parece ser o principal aspecto

⁸ Fonte: <http://fac.unb.br/tcc/index.html#tcc>. Acesso em: Maio, 2021.

que caracteriza e/ou identifica o gênero, já que as outras características são capazes de nos fazer identificar este enunciado como pertencente ao gênero resumo.

Dentro dos trechos que destacamos há uso de terceira pessoa além do uso da voz passiva que, como vimos até o momento, tem sido comum entre os resumos aqui analisados. Mais uma vez, notamos como essas formas linguísticas – o uso da terceira pessoa e da voz passiva – realizam, linguisticamente, um “apagamento” da ação do sujeito. Destacamos também o trecho em que o sujeito autor utiliza a seguinte construção: “com a *intenção* de analisar”. Esta construção está ligada ao primeiro trecho do resumo em que diz “O presente trabalho tem o objetivo de [...]”, remetendo a intenção de análise ao objetivo do trabalho. Esta construção, relacionada ao uso de terceira pessoa, nos aponta para uma opção do sujeito de ser impessoal, determinando a intenção de pesquisa ao objetivo do trabalho e não à sua ação como sujeito pesquisador.

Outro aspecto sobre este resumo é que não encontramos informações sobre o *corpus* da pesquisa, sobre a metodologia de análise nem sobre os resultados que foram encontrados. Nesse sentido, se considerarmos a organização textual que compõe o gênero, este resumo parece não apresentar todas as informações que são esperadas, mas, sobretudo, a falta de mais informações pode afetar os objetivos desse tipo de comunicação discursiva, ou seja, na relação com o enunciado, os interlocutores podem não encontrar todas as informações necessárias ou esperadas. Desta forma, entendemos que este sujeito, na elaboração do enunciado, pode não ter considerado as expectativas comunicativas de seus interlocutores. Essa forma de organização textual e a relação do sujeito com seus interlocutores também nos revelam uma forma de construção de subjetividade, nesse caso entendida como a forma com que o sujeito se relaciona com seu enunciado e seus interlocutores dentro de um mesmo campo de atividade.

O último resumo que apresentamos é de uma monografia de Letras da área de Sintaxe, desenvolvida em 2015 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O título da monografia é *Gramaticalização em perífrases verbais na Língua Portuguesa: uma análise de modelos de descrição gramatical*. Citamos o resumo:

Este trabalho versa sobre o tratamento do processo de gramaticalização de perífrases verbais em Língua Portuguesa conferido por duas gramáticas descritivas datadas do século XXI, a saber, a Gramática Pedagógica do Português Brasileiro, de Marcos Bagno (2011), e a Gramática do Português, de Eduardo Raposo et al. (2013), **com o propósito de se explicitar** de que maneira os gramáticos consideram os conteúdos gramaticais relativos à gramaticalização, às perífrases verbais e aos verbos auxiliares presentes nas

mesmas, **a fim de se estabelecer um contraste** entre modelos de descrição gramatical. Os fundamentos para essa abordagem encontram-se no campo do Funcionalismo, sobretudo nas abordagens teóricas de Michael Halliday e de Simon Dik, baseadas na concepção de competência comunicativa, segundo a qual a língua é constituída pela interação verbal, uma vez que é dependente da capacidade de os usuários construir, utilizar e interpretar expressões de maneiras eficiente e apropriada, de acordo com o contexto. Além disso, **por conta do interesse central deste trabalho de examinar os padrões contemporâneos de uso do português, optou-se por adotar** uma perspectiva sincrônica do estudo da gramaticalização, fenômeno entendido como o processo a partir do qual uma unidade linguística tem seu estatuto categorial alterado em função de os usuários fazerem, para atender suas intenções comunicativas, uma seleção dos recursos linguísticos já existentes no sistema para os aplicar em novos contextos. **Baseando-se, então, nas definições** propostas por Heine et al. (1991) e por Hopper e Traugott (1993) a respeito do fenômeno da gramaticalização, e por Lobato (1975) e por Pontes (1973) referente às perífrases verbais, é feita a análise particularizada das duas gramáticas selecionadas para este estudo, com o objetivo de trazer as principais categorizações propostas pelos autores, bem como a tipologia (de aspecto, de tempo, de voz, de modalidade) dos verbos auxiliares, estruturas essenciais à construção de perífrases verbais. Finalmente, **procura-se sintetizar** o resultado da leitura dos materiais de forma a se evidenciar as singularidades e as semelhanças entre as duas descrições comparadas, **tendo em conta o exame de caráter qualitativo e quantitativo que se almeja neste estudo**. Como consequência do público a que se destina cada obra e também da variedade linguística norteadora das descrições, **constata-se que a obra brasileira** realiza um exame mais geral das perífrases verbais, cujo foco não é a dissecação das formas atualizadas pelos usuários, mas, sim, o processo histórico do qual deriva a gramaticalização dos verbos auxiliares e a valoração sociocultural dos falantes frente aos diferentes empregos perifrásticos. A gramática portuguesa, por sua vez, realiza uma leitura mais minuciosa e categorizada de tais construções, principalmente com relação à análise dos verbos auxiliares, que são exemplificados em diversos contextos sintáticos, para se evidenciar a sua gramaticalidade ou agramaticalidade. (FERREIRA, 2015, p. 7, *negrito adicionado*)

De todos os resumos que compõem o nosso *corpus*, este é o de maior extensão e com o maior número de informações, incluindo até mesmo algumas referências bibliográficas referentes às teorias utilizadas pelo sujeito autor em sua pesquisa. Aqui encontramos a apresentação do *corpus*, os objetivos, os aspectos teóricos abordados, a metodologia de análise e os resultados do trabalho. É interessante notar que mesmo tratando-se de um resumo, o sujeito autor detalha algumas informações, por exemplo, quando relata como as teorias são trabalhadas na análise de seu *corpus*. Neste caso, também é possível atribuir as escolhas realizadas pelo sujeito às orientações que encontramos no manual da UFRGS de *Orientações para elaboração de trabalhos acadêmicos da Biblioteca Setorial de Educação*. Citamos um trecho em que o manual aborda a elaboração do resumo, no qual diz que este “deve ressaltar os objetivos, os métodos, os resultados e as considerações finais do trabalho, *podendo*

dispensar a leitura do texto”. (BIBLIOTECA SETORIAL DE EDUCAÇÃO, 2019, p. 14, grifo nosso)

Demos destaque ao trecho em que as orientações dizem que o resumo deve apresentar determinados aspectos, “*podendo dispensar a leitura do texto*”, o que nos remete a uma ideia de que no resumo deve constar o máximo de informações possível que sejam relevantes e que deem conta de sintetizar o processo de pesquisa que foi realizado. Talvez, por conta dessas orientações, o sujeito autor tenha optado por inserir em seu resumo o máximo de informações sobre sua pesquisa, possibilitando o acesso ao seu trabalho sem a necessidade da consulta ao texto integral.

Após tais considerações, passamos agora para a análise dos trechos em destaque. Aqui, como mostrado nos outros resumos, temos alguns usos de terceira pessoa como, por exemplo, no excerto “Este trabalho *versa* sobre [...]” que, inclusive, coloca como sujeito da oração o próprio trabalho de pesquisa. No entanto, o que se destaca no sentido de uma construção de subjetividade em alguns trechos é a escolha do sujeito autor em utilizar determinados verbos, exemplificados nos trechos: “por conta do interesse central deste trabalho de examinar os padrões contemporâneos de uso do português, *optou-se* por adotar”; “tendo em conta o exame de caráter qualitativo e quantitativo que *se almeja* neste estudo”; “*constata-se* que a obra brasileira”. *Optar*, *almejar*, *constatar* são verbos que nos remetem mais diretamente ao papel do sujeito pesquisador no percurso da pesquisa. Sobretudo os verbos *optar* e *almejar* tratam de como esse sujeito atuou ativamente durante seus estudos, revelando quais foram suas escolhas de perspectiva de análise e quais eram seus anseios diante de seu objeto de pesquisa. Podemos dizer ainda que essas formas concretas, que nos demonstram como se deu a relação do sujeito com seu objeto de pesquisa, nos revelam também como se constitui a relação desse sujeito com seu outro, ou seja, com sua pesquisa.

Neste caso, temos um resumo que manifesta em sua organização textual o maior número de informações que correspondem aos aspectos gerais do gênero resumo. Destacamos os usos de terceira pessoa, como nos trechos “*Baseando-se*, então, nas definições”, “*procura-se* sintetizar”, “*constata-se* que a obra”, usos também recorrentes no texto da monografia como um todo. Além disso, demos destaque ao trecho em que o sujeito utiliza a construção “por conta do *interesse central* deste trabalho em examinar os padrões contemporâneos de uso do português”, no qual podemos identificar, na materialidade do enunciado, o “objetivo geral” do sujeito autor.

Destacamos, por fim, dois trechos do resumo que exercem papel semelhante na construção de sentido do enunciado: “*com o propósito de se explicitar*” e “*a fim de se*

estabelecer um contraste”. As duas expressões destacadas, “*com o propósito de*” e “*a fim de*”, semelhantes em seu aspecto semântico, reiteram uma das características que identificamos nas análises que é a atribuição das intenções da pesquisa ao um outro sujeito – que não o sujeito autor – e que neste caso é a própria pesquisa. Desta forma, identificamos, a partir das construções linguísticas presentes no enunciado, que este sujeito autor busca elaborar formas mais “impessoais” respondendo às orientações e expectativas sobre constituição de um gênero acadêmico-científico.

Mesmo que não haja o uso de primeira pessoa sabemos que toda monografia tem um sujeito que se manifesta no texto, nas formas e escolhas que realiza verbalmente e na relação com seu outro. O caso deste resumo nos mostra, portanto, que mesmo sem o uso das primeiras pessoas – singular ou plural – as formas de organização e de relação desse sujeito com o seu objeto de pesquisa podem nos revelar formas de construção de subjetividade.

Se compararmos os resumos podemos notar que a escolha do sujeito em, por exemplo, apresentar ou não os resultados de sua pesquisa, ou dar um destaque maior para algum dos elementos como o objeto de pesquisa ou o embasamento teórico, pode acarretar uma *variação da forma composicional* e do conteúdo temático do gênero resumo. Nesse sentido, entendemos que a *relativa estabilidade* do gênero se encontra justamente nessa escolha sobre os componentes formais que vão ou não constituir o texto e na forma como suas informações são organizadas. Na maioria dos resumos essa variação não parece prejudicar as funções comunicativas e discursivas do gênero, exceto no caso do resumo da UnB, em que a supressão de alguns elementos formais pode prejudicar a construção de sentido que nos leva a uma compreensão maior sobre a pesquisa. Entendemos, portanto, que os sujeitos autores dos resumos assumem um estilo na escrita do texto que é o estilo do gênero – incluindo suas formas prescritivas para o uso das pessoas verbais. Mesmo encontrando uma variação na forma composicional do gênero, gerada pelas escolhas pessoais dos sujeitos, consideramos que estes optam pelo estilo do gênero e não por um estilo mais pessoal. Essa afirmação se dá porque na leitura e análise das introduções das monografias percebemos que há uma diferença de estilo comparada aos resumos, como, por exemplo, um caso em que o sujeito autor utiliza em sua introdução a primeira pessoa do singular.

Outro ponto importante é com relação à forma de circulação dos resumos acadêmico-científicos. Sabemos que os resumos circulam de maneira independente das monografias e são encontrados nos repositórios das universidades, possibilitando um acesso mais rápido e facilitado ao conteúdo da pesquisa. Como apontado por Voloshinov (s.d.), o significado e a forma de um enunciado concreto se dão na interação, o que nos leva ao fato de

que não podemos considerar a análise dos resumos separadamente das funções que eles exercem na interação social. Portanto, a forma típica do gênero resumo – objetivos da pesquisa, metodologia, resultados – é essencial para que ele exerça suas funções comunicativas e discursivas.

A análise dos resumos nos revelou que as formas de constituição de subjetividade passam não somente pelos usos ou não de determinados pronomes ou pessoas verbais, mas está materializada em vários elementos do enunciado; está nas formas de organização do texto, na relação do sujeito autor com seu outro, na valoração atribuída aos discursos mais tradicionais sobre o gênero e no estilo que é possível e aceito para o gênero em questão. Além disso, a compreensão de como esses sujeitos se relacionam com seus interlocutores também nos indica a construção de uma subjetividade no texto acadêmico-científico e, no caso das ciências humanas, isto se mostra de forma mais evidente, pois, como aponta Bakhtin (2011), a relação entre o pesquisador e o objeto de análise ocorre de forma distinta de outras áreas do conhecimento. Além disso, é possível compreender a relação do sujeito com o gênero do discurso analisado a partir do campo de atividade no qual ele e o gênero estão inseridos, campo este que gera prescrições e expectativas sobre o gênero e às quais o sujeito autor responde a partir da escolha do estilo e das formas de constituição de subjetividade, dentre outros aspectos.

O olhar mais atento aos resumos nos mostrou que a subjetividade é construída não apenas com a escolha das pessoas verbais, mas também com outros elementos que compõem a forma do gênero. Vimos que a ênfase dada a determinados aspectos da pesquisa, as formas de organização do texto, as escolhas realizadas pelos autores e a relação eu e outro podem nos levar a diferentes maneiras de enxergar o enunciado em sua materialidade textual e entender também que a variação na forma composicional do gênero, nas escolhas linguísticas, fazem parte da construção de uma subjetividade nos resumos que aqui apresentamos.

4.3 Análise da seção “Introdução” das Monografias de Final de Curso de Letras

Nesta seção, trazemos a análise das introduções das cinco monografias que compõem nosso *corpus* de pesquisa e que correspondem aos resumos que foram analisados. Entendemos a introdução como a seção da monografia que antecipa o desenvolvimento do trabalho e nos situa com relação à pesquisa, trazendo as primeiras considerações sobre o estudo realizado e apresentando, ainda que de forma sintética, alguns aspectos do percurso traçado pelo sujeito pesquisador.

A análise das introduções foi realizada no diálogo com outras seções das monografias, considerando que alguns dos aspectos levantados – como o estilo – são reiterados nas monografias como um todo. A importância de tratarmos da monografia em seu (possível) acabamento, a partir da análise mais aprofundada das introduções, se justifica pela própria abordagem dos estudos do Círculo de Bakhtin com relação às análises de enunciados. Nesse sentido, Bakhtin nos alerta para a diferença que há entre a análise puramente linguística que se pode fazer de uma oração – “destacada do contexto” – da análise que devemos fazer do enunciado, que é constituído pela relação com o contexto, com o extraverbal. (BAKHTIN, 2011, p. 287). Esta orientação teórica nos serve de base para realizarmos as análises que, neste caso, partem do destaque de alguns trechos das introduções para uma compreensão do todo, sempre considerando os enunciados no acabamento que lhes é permitido e que permite, por sua vez, a constituição do sujeito, a relação entre discursos, a resposta do outro. Portanto, em toda a análise que se faz a partir da perspectiva bakhtiniana – mesmo que esta análise tenha como ponto de partida trechos ou fragmentos de um enunciado e o levantamento e interpretação de aspectos linguísticos – devemos sempre considerar o enunciado em sua totalidade, sempre em relação com o contexto extraverbal que o constitui, já que “A oração, afirmativa em sua *forma*, torna-se afirmação *real* apenas no contexto de um determinado enunciado”. (BAKHTIN, 2011, p. 288)

Tendo em vista tais considerações, iniciamos com a análise da primeira introdução, pertencente à monografia intitulada *Ideologia, política e resistência no discurso do Diretório Central dos Estudantes da Unicamp* e que está inserida na área da Análise do Discurso Francesa, como indicado no resumo pelo sujeito autor do texto. No excerto que citamos, logo no primeiro parágrafo, o sujeito autor apresenta o contexto histórico no qual a pesquisa se insere, tratando do percurso por ele realizado desde 2013:

Esse trabalho é fruto de uma pesquisa financiada pela FAPESP que teve início em agosto de 2013, **poucos dias depois das grandes manifestações que marcaram época em nossa história recente. Nelas, depois de longas décadas, a juventude reclamou seus direitos, exigindo serviços públicos de qualidade, e questionou – ainda que de forma difusa – nossas estruturas democráticas, concepções sobre o exercício da cidadania e as relações de poder que operam por trás da máquina eleitoral.** “O gigante acordou” era a fórmula emblemática do movimento, presente em hashtags nas redes sociais e incorporada por parte da grande mídia; **expressava o renascimento de um sentimento há muito esquecido de pertencimento a uma coletividade que, unida, se mostrava poderosa e combativa.** (BORGES, 2015, p. 8, *negrito adicionado*)

Neste primeiro trecho, ao apresentar o contexto histórico da pesquisa, o sujeito autor faz referências às manifestações realizadas no Brasil no ano de 2013, também conhecidas como *Jornadas de Junho*. À época, as reivindicações por preços mais justos no transporte público acabaram acarretando uma série de outras reivindicações além de críticas ao até então governo, liderado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e que tinha como presidenta Dilma Rousseff. Ao tratar das manifestações, nos deparamos com um sujeito que se insere e se “auto” situa neste período histórico, a partir de construções como “manifestações que marcaram época em *nossa história recente*”. Neste trecho, o uso do pronome possessivo *nossa* inclui esse sujeito autor na realidade histórica a qual ele se refere e a adjetivação da história como *recente*, contribui para a reiteração do momento histórico no qual esse sujeito está inserido. Podemos tomar como exemplo semelhante o uso da expressão “*nossas estruturas democráticas*”, momento do texto no qual o sujeito trata dos questionamentos – feitos pelos jovens nas manifestações – sobre a forma recente de constituição da democracia brasileira e da qual o sujeito autor afirma fazer parte.

A partir da introdução, e também ao longo da monografia, notamos que este sujeito autor dialoga com “diversos *outros*” em seu enunciado. No caso dos trechos em destaque, podemos identificar que esse *outro* em questão materializa-se na figura das manifestações, as quais foram lideradas por parte da juventude brasileira. Nesta relação, o sujeito valoriza este outro construindo uma narrativa em que considera as manifestações como o momento em que a juventude brasileira desperta “depois de longas décadas” e que, a partir disso, “reclamou seus direitos, exigindo serviços públicos de qualidade, e questionou – *ainda que de forma difusa – nossas estruturas democráticas, concepções sobre o exercício da cidadania e as relações de poder que operam por trás da máquina eleitoral*”. Nota-se que, neste mesmo trecho, o sujeito estabelece duas relações distintas com seu outro: de um lado valoriza as manifestações a partir de uma visão favorável a esse “despertar” da juventude; de outro, tece

uma crítica à forma como as manifestações questionaram as estruturas democráticas, materializada pela expressão “*ainda que de forma difusa*”. Estes valores que o sujeito atribui ao seu outro, ora em forma de apoio, ora em forma de crítica, fazem parte dos conflitos ideológicos presentes no meio social e que se materializam nas complexas discussões sobre o papel das manifestações e sua forma de organização dentro de um contexto de resistência. Nesse sentido, é importante compreender como se constituem as *orientações ideológicas*, como nos aponta Volochínov em seu ensaio *Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística*:

Na sociedade humana o indivíduo não entra mais em contato com o mundo e com as coisas como unidade biológica: *sua orientação ideológica nos confrontos com os objetos está sempre conectada à sua orientação ideológica nos confrontos da sociedade*. Esta dupla orientação encontra expressão ideológica na avaliação. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 236)

Volochínov (2013), em sua discussão sobre a *avaliação social*, nos diz que é justamente nesta avaliação que podemos identificar as formas de *expressão ideológica* do sujeito, que são construídas socialmente. Portanto, a valoração que o sujeito elabora no texto não é meramente uma atribuição de características ou a expressão de um ponto de vista individual, mas sim uma *expressão ideológica* socialmente constituída e materializada no enunciado a partir da *avaliação social*.

No último trecho em destaque, o sujeito autor trata da expressão “o gigante acordou”, e relata que este movimento, inaugurado pelas manifestações, “expressava o renascimento de um sentimento há muito esquecido de pertencimento a uma coletividade que, unida, se mostrava *poderosa e combativa*”. Aqui damos destaque aos adjetivos utilizados pelo sujeito autor para qualificar a coletividade que surgia naquele contexto histórico como *poderosa e combativa*, termos que expressam um valor ideológico atribuído à coletividade e, conseqüentemente, às manifestações. Esta valoração realizada pelo sujeito, faz parte de um diálogo tenso entre discursos que enxergam as *Jornadas de Junho* de maneiras distintas. A outra ponta do diálogo tem na figura de alguns governantes, de parte da população e parte da mídia, uma visão negativa das manifestações, que as considerou exageradas e violentas, atos de puro vandalismo. Além de valorar as manifestações, podemos dizer que aqui o sujeito se situa nesse embate ideológico entre posturas diferentes com relação aos acontecimentos históricos, nos indicando que seu lugar é junto dos manifestantes e do discurso que apoia as reivindicações das manifestações.

Essa tensão entre valores ideológicos e o papel da mídia ao reportar as manifestações são explorados pelo sujeito autor em sua introdução, logo em seguida, incluindo uma reflexão sobre os papéis discursivos nas relações de poder:

O discurso jornalístico convencional rapidamente forjou uma polêmica que apenas tangenciava a real motivação dos atos: polarizou a sociedade em torno da questão do uso ou não da violência nos protestos, **dando desproporcional ênfase ao movimento black bloc, apagando, dessa forma, as reivindicações por um país mais justo** e rompendo os elos de identificação entre a população “passiva” e grupos progressistas. Foi um grande exemplo do poder do discurso, de sua capacidade de impor leituras da realidade que muitas vezes se distanciam da percepção direta do interlocutor e que, não obstante, tornam-se hegemônicas inclusive entre as comunidades excluídas, demonstrando a **pesada carga ideológica** de seus enunciados, cuja influência sobre os modos de agir e não agir, comportamentos e visões de mundo é patente. (BORGES, 2015, p. 8, *negrito adicionado*)

Neste excerto, podemos identificar algumas construções linguísticas que apontam para a forma como o sujeito autor valoriza – neste caso, desvaloriza – a posição da mídia em relação às manifestações, utilizando construções como “o discurso jornalístico convencional *forjou* uma polêmica que apenas *tangenciava* a real motivação dos atos”, “dando *desproporcional ênfase* ao movimento black bloc, *apagando*, dessa forma, as reivindicações por um país mais justo”, “*pesada carga ideológica* de seus enunciados”. Os termos em destaque indicam não somente os valores que o sujeito atribui ao discurso da mídia, mas também demonstram seu posicionamento dentro de um embate ideológico entre discursos. Neste caso, o embate ideológico se encontra na discussão sobre o papel da mídia como formadora de opinião, pois existem discursos que a defendem, alegando a liberdade de expressão e a (impossível) neutralidade na transmissão das informações ao público, e outros que a tomam como manipuladora e tendenciosa. Caracterizar como *desproporcional* o destaque dado pela mídia ao black bloc, por exemplo, faz parte de uma postura de desacordo com os enunciados que dão lugar ao tema da violência dos protestos em detrimento das motivações que levaram os manifestantes às ruas. Nesse sentido, podemos retornar à discussão proposta por Sobral *et al.* (2017) com relação às marcas linguísticas em um dado texto. Neste caso, estamos tratando das marcas linguísticas enquanto pronomes possessivos, formas verbais e adjetivos. Analisar as formas linguísticas em si, considerando, por exemplo, seu papel dentro da sintaxe, nada poderia nos dizer a respeito dos posicionamentos do sujeito em análise, muito menos sobre como se estabelecem os diálogos tensos entre discursos. No entanto, é a partir da observação de tais formas linguísticas que podemos traçar um caminho

que nos leve ao entendimento de como esse sujeito (des)valoriza o discurso do outro com quem estabelece esse diálogo.

Outro fator importante a ser considerado é que ao estabelecer esse diálogo – em discordância – com o discurso que condena as manifestações e as resume em atos violentos, o sujeito se posiciona abertamente sobre a temática discutida e, nesse sentido, podemos dizer que esse posicionamento configura uma forma de subjetividade dentro do texto acadêmico-científico na qual o sujeito autor é revelado a partir das construções que nos permitem identificar o seu ponto de vista sobre uma determinada temática, sobre seu lugar histórico e sobre os embates ideológicos dos quais participa. Portanto, “não são as marcas aparentes do texto que indicam a maior ou menor subjetivação na construção discursiva do autor, mas as posições enunciativas possíveis nele reveladas/desveladas”. (SOBRAL, et al. 2017, p. 174)

Notamos também que por se tratar de uma pesquisa dentro da área de Análise do Discurso francesa, o sujeito autor desenvolve algumas reflexões sobre as relações de poder entre discursos, nos levando a considerar que, ao se posicionar diante das discussões que apresenta, este sujeito em específico, – dada sua inserção em uma área que analisa os discursos circulantes em diversos campos e que são proferidos por diferentes instituições – elabora uma reflexão sobre as características ideológicas que os discursos inevitavelmente carregam. Essa reflexão, por sua vez, pode ter levado o sujeito autor a esse posicionamento mais direto como, por exemplo, em relação às manifestações. Este posicionamento, portanto, nos é revelado e concretizado no enunciado a partir das marcas linguísticas que destacamos. Aqui, a subjetividade está na forma como o sujeito se posiciona histórica e ideologicamente e em como se constitui sua relação com os discursos com os quais dialoga.

Mais adiante na introdução, existem algumas construções que também nos revelam a forma como a subjetividade se constitui no decorrer do texto. Neste trecho, o sujeito autor estabelece um diálogo com a sua bibliografia de referência, mais especificamente com o pensamento do filósofo marxista Althusser sobre o conceito de ideologia:

A ideologia althusseriana é eterna, oni-histórica, ontológica (o homem é um “animal ideológico”), e os Aparelhos Ideológicos do Estado cumprirão sempre a mesma tarefa estrutural de moldar a consciência das massas; a categoria sujeito desaparece, ou melhor, só é referida uma vez subordinada ao verdadeiro elemento agente da história, as próprias estruturas autônomas imbuídas na ideologia dominante. O sujeito é assujeitado pela ideologia e sua existência enquanto tal depende dessa condição; praticamente não há indivíduos pensantes. **Muito embora esse trabalho tenha sido edificado sobre tais afirmações, fazemos hoje uma autocrítica que põe em dúvida**

seu cerne revolucionário; pois não seria algo paralisante pensar a história em termos tão deterministas e engessados? Não seria estéril um marxismo que retira do sujeito sua própria essência de sujeito, de ser o motor revolucionário da história? (BORGES, 2015, p. 9, *negrito adicionado*)

Nesta passagem da introdução, o sujeito autor elabora algumas críticas ao pensamento de Althusser citando uma das obras mais conhecidas do autor, *Aparelhos Ideológicos do Estado*, publicada pela primeira vez na década de 1970. A crítica do sujeito autor sobre o pensamento do filósofo baseia-se no fato de Althusser entender o sujeito enquanto “assujeitado pela ideologia”, “dependente dessa condição”. Mais adiante, o sujeito autor relata que mesmo que sua pesquisa “tenha sido edificada sobre tais afirmações”, ou seja, sobre a postura teórica de Althusser, é realizada “uma autocrítica que *põe em dúvida* seu cerne revolucionário”, complementando este posicionamento crítico a partir de duas perguntas retóricas: “não seria algo *paralisante* pensar a história em termos tão *deterministas e engessados*? Não seria *estéril* um marxismo que retira do sujeito sua própria essência de sujeito, de ser motor revolucionário da história?”. Em ambas as perguntas, destacamos os adjetivos utilizados pelo sujeito para caracterizar a forma como Althusser concebe a história, a partir de sua visão sobre ideologia. Mais uma vez, notamos que os adjetivos enquanto marcas linguísticas nos apontam para o tipo de construção materializada no enunciado. O uso dos adjetivos materializa os valores que este sujeito atribui à teoria, a partir de um diálogo direto com o objeto de sua crítica, atitude que pode ser compreendida como uma “relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado”. (BAKHTIN, 2011, p. 287)

Mais ao final da introdução, o sujeito autor trata da relação entre as críticas e questionamentos que fez sobre a teoria althusseriana e parte do percurso teórico de sua pesquisa:

Ainda que tenhamos questionado acima a validade pessoal atual dos postulados de Althusser, não negamos que sua filosofia foi decisiva para o entendimento do discurso e do sentido enquanto dois campos de batalha da luta de classes, ideia que **nos abriu perspectivas interessantes que nos guiaram rumo a uma visão da linguagem** que leve em conta o materialismo histórico de Marx. Além disso, ainda nesta primeira parte, **fazemos tímidas e superficiais aproximações entre ideologia, linguagem e inconsciente que, se estudadas de forma sistemática e aprofundada, seriam objeto de novos trabalhos, extrapolando o escopo desta investigação.** (BORGES, p. 10, 2015, *negrito adicionado*)

Neste trecho podemos identificar como se constitui a relação entre o sujeito autor e seu outro – neste caso, a teoria com a qual dialoga e na qual se baseia durante a pesquisa – no

enunciado. Ao passo que nos excertos anteriores vimos um sujeito que se posicionou contrário e crítico aos “postulados de Althusser”, aqui temos um sujeito que parece se diminuir diante da teoria utilizada em sua pesquisa. No trecho em que diz “*Ainda que tenhamos questionado* acima a validade pessoal atual dos postulados de Althusser, *não negamos que sua filosofia foi decisiva [...]*”, temos um sujeito que admite que, mesmo passível de críticas, a teoria althusseriana tem seu lugar de relevância dentro dos estudos do discurso na perspectiva marxista e que essa relevância foi importante e “*nos* abriu perspectivas interessantes que *nos* guiaram rumo a uma visão de linguagem [...]”. Destacamos aqui o uso do pronome *nos* porque ele indica que o sujeito autor se insere em um grupo de sujeitos que estuda a linguagem sob a perspectiva marxista e, a partir dessa marca linguística, ele se situa enquanto sujeito histórico, social.

Em seguida, destacamos outro trecho em que as marcas linguísticas nos sinalizam mais diretamente uma postura do sujeito autor na qual ele se diminui diante da bibliografia por ele utilizada na pesquisa: “[...] *fazemos tímidas e superficiais aproximações* entre ideologia, linguagem e inconsciente”. Aqui, novamente nos deparamos com o uso de adjetivos como forma de valoração do objeto discutido pelo sujeito. Ao utilizar os adjetivos *tímidas* e *superficiais* para caracterizar suas aproximações teóricas, este sujeito se desvaloriza, como se considerasse seu trabalho de pesquisa insuficiente, não aprofundado, o que se confirma a partir da sequência na qual diz que “as aproximações entre ideologia, linguagem e inconsciente [...] *se estudadas de forma sistemática e aprofundada*, seriam objeto de novos trabalhos, extrapolando o escopo desta investigação”. Este último trecho reitera a ideia de que o trabalho teórico desenvolvido pelo sujeito autor, na sua própria visão e valoração, não é suficiente e esta visão se materializa a partir do uso dos adjetivos *sistemática* e *aprofundada*.

Este posicionamento do sujeito, enquanto pesquisador iniciante no campo acadêmico-científico, é muito comum, sobretudo quando se trata de alunos graduandos. Por isso, é importante considerar nas análises qual o lugar histórico e social ocupado pelos sujeitos autores e qual “seu estágio de formação como pesquisador e todas as dificuldades que a condição de ser jovem pesquisador e escrever textos científicos implica [...]”. (BESSA, 2016, p. 282)

Nesse sentido, esta forma como o sujeito se posiciona diante de seu próprio texto nos remete a um entendimento hierarquizante sobre o texto acadêmico-científico, no qual a monografia é compreendida como um gênero realizado por pesquisadores iniciantes e que, portanto, não se pode esperar grandes aprofundamentos teóricos – neste caso, no campo das ciências humanas. Este sujeito, ao posicionar-se de maneira inferior em relação à bibliografia

que cita em seu texto, nos coloca diante de um enunciado que responde a esse outro – um outro “teórico” – e ao discurso a respeito das monografias no campo acadêmico-científico. Bakhtin, ao tratar do enunciado, o situa como “um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo” e a sua própria definição é dada enquanto “uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo”. (BAKHTIN, 2011, p. 296-297). Isso nos mostra que sempre que estamos diante da análise de qualquer enunciado, devemos levar em consideração os enunciados que o precedem e que pertencem ao mesmo campo de atividade, pois é nessa relação dialógica que podemos compreender a construção dos sentidos e entender o porquê de o sujeito se posicionar de determinada forma em relação a seu outro. Sobre essa relação entre enunciados, Bakhtin discute sobre como se constitui a responsividade e a expressão do enunciado:

[...] os enunciados dos outros podem ser recontados com um variado grau de reassimilação; podemos simplesmente nos basear neles como em um interlocutor bem conhecido, podemos pressupô-los em silêncio, a atitude responsiva pode refletir-se somente na expressão do próprio discurso – na seleção de recursos linguísticos e entonações, determinada não pelo objeto do próprio discurso mas pelo enunciado do outro sobre o mesmo objeto. Este caso é típico e importante: muito amiúde a expressão do nosso enunciado é determinada não só – e vez por outra não tanto – pelo conteúdo semântico-objetual desse enunciado mas também pelos enunciados do outro sobre o mesmo tema, aos quais respondemos, com os quais polemizamos; através deles se determina também o destaque dado a determinados elementos, as repetições e a escolha de expressões mais duras (ou, ao contrário, mais brandas); determina-se também o tom. A expressão do enunciado nunca pode ser entendida e explicada até o fim levando-se em conta apenas o seu conteúdo centrado no objeto e no sentido. (BAKHTIN, 2011, p. 297)

Entendemos, portanto, que ao se minimizar diante da bibliografia citada, o sujeito autor desta monografia responde a enunciados outros que tratam de uma visão sobre o texto acadêmico-científico e mais especificamente sobre a monografia de final de curso, trabalho elaborado por estudantes que ainda estão na fase inicial dentro da pesquisa científica. Por isso é importante estabelecer uma relação entre estes enunciados, enquanto objetos de análise, e os enunciados que tratam do texto acadêmico-científico, pois ambos circulam dentro de um mesmo campo de atividade e constroem sentidos que avaliam e atribuem valores aos gêneros.

As considerações aqui apresentadas sobre a análise desta primeira introdução nos encaminham para uma forma de construção da subjetividade que depende do tipo de comportamento responsivo do enunciado com relação a outros enunciados. Neste caso, a adjetivação recorrente, como vimos nos exemplos citados, materializa no texto o valor que o

sujeito autor atribui tanto a si quanto aos seus interlocutores, com os quais dialoga. Ainda neste caso em específico, acreditamos que essa relação se manifesta de maneira mais evidente devido ao fato de o sujeito autor estar inserido nas discussões sobre o papel do sujeito na história a partir do conceito de ideologia, desenvolvido por ele durante a pesquisa. Essa forma de posicionamento faz com que a construção discursiva desse sujeito seja mais claramente identificada, demonstrando como ele se posiciona historicamente, socialmente.

A próxima introdução a ser analisada compõe a monografia de final de curso intitulada *A Aquisição dos segmentos /R/ e /S/ em coda silábica na Língua Portuguesa* e que está inserida na área de Aquisição da Linguagem. Destacamos inicialmente o segundo parágrafo da introdução em que o sujeito autor apresenta algumas teorias que tratam da concepção de *linguagem humana*:

Sabe-se que a linguagem humana, tal como preconiza Chomsky (1959 apud SCARPA, 2001), é uma capacidade biologicamente inata do homem sendo transmitida geneticamente de geração a geração. Portanto, ela constitui fator importante para distinguir a espécie humana de todas as outras espécies. **Apesar disso, essa capacidade precisa ser ativada** e isso ocorre a partir do contato com uma língua natural. A respeito disso, Teixeira (1995) destaca que a criança precisa adquirir naturalmente o código que lhe possibilite interagir com a comunidade linguística em que está inserida. Muito embora concorde com esse posicionamento proposto por Chomsky concernente à concepção de linguagem, acrescenta-se ainda a **grande contribuição** da corrente interacionista proposta por Vygotsky (1970 apud SCARPA, 2001), a qual destaca a necessidade de existir uma interação entre adulto e criança e/ou crianças entre si para que aconteça o desenvolvimento da linguagem, demonstrando, dessa maneira, a **relevância das trocas comunicativas** e do ambiente social. (NERI, 2016, p. 7, *negrito adicionado*)

O trecho citado é iniciado pelo uso da terceira pessoa na expressão “*Sabe-se que*”, a partir da qual o sujeito autor presume que é de conhecimento de seus interlocutores o fato de a linguagem ser uma “capacidade biologicamente inata do homem”. Essa atitude do sujeito em presumir o conhecimento de seus interlocutores/leitores está relacionada ao campo de atividade em que estão inseridos – tanto o sujeito autor, quanto os interlocutores – e aos conhecimentos compartilhados⁹ entre os integrantes deste campo científico que trabalha com as questões de linguagem.

Neste momento do texto, o sujeito inicia a construção de uma relação com seu outro que, neste caso, está materializada no diálogo com as teorias que versam sobre a linguagem humana e suas formas de aquisição partindo de diferentes perspectivas. Aqui, identificamos

⁹ VOLOCHÍNOV, 2013, p. 78.

que a construção de uma subjetividade dentro do texto parte do momento em que o sujeito autor cita outros estudiosos para exemplificar com quais teorias o seu enunciado estabelece um diálogo. Inevitavelmente, seu discurso responde a esses outros enunciados, ou seja, ao apresentar e utilizar a palavra do outro sobre o mesmo tema, o enunciado se comporta responsivamente a essas palavras. Nesse sentido, podemos retomar a noção bakhtiniana sobre a expressão do enunciado que “em maior ou menor grau, *responde*, isto é, exprime a relação do falante com os enunciados do outro, e não só a relação com os objetos de seu enunciado”. (BAKHTIN, 2011, p. 298)

No trecho em que há uma construção concessiva, “*Apesar* disso, essa capacidade precisa ser ativada”, notamos que esse tipo de construção valoriza o argumento seguinte, de que é preciso considerar o contato com a comunidade. Nesse sentido, o sujeito autor desenvolve um caminho argumentativo ao longo do texto. Os trechos “grande contribuição” e “relevância das trocas comunicativas” destacam o valor positivo que o sujeito atribui à teoria, marcando seu posicionamento no diálogo que estabelece com os teóricos que referencia.

No parágrafo seguinte, o sujeito autor apresenta suas motivações para a realização dos estudos em Aquisição da Linguagem, seu objeto de pesquisa e as teorias que embasam seu trabalho:

A partir das leituras acerca do tema e do **forte interesse** pelos estudos fonológicos e aquisicionais da linguagem, **resolvi aprofundar meus estudos** a respeito de questões que permeiam as pesquisas na área da aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil tendo a Língua Portuguesa como língua materna, destacando, para isso, um enfoque linguístico. **Apesar da grande variedade de trabalhos já realizados, proponho debruçar-me nessa temática com o intuito de contribuir com a abrangência do conhecimento sobre a natureza e o funcionamento das línguas**, em especial, ao sistema fonológico da criança, identificando as “interferências” que a própria língua pode ocasionar durante a aquisição. Por isso, **optei em focalizar, neste trabalho**, a aquisição das consoantes /R/ e /S/ na posição final de sílaba, i.e. coda (em posição medial e/ou posição final absoluta). Além de apresentar a literatura referente ao tema da aquisição da linguagem, **utilizarei como base a Teoria da Fonologia Natural** [...]. Essa será a abordagem a ser utilizada aqui no presente trabalho. (NERI, 2016, p. 7-8, *negrito adicionado*)

Destacamos aqui, os trechos em que o sujeito autor utiliza a primeira pessoa do singular, quando faz uso de expressões como “*resolvi aprofundar*”, “*proponho debruçar-me*” e “*utilizarei como base*”. Logo de início é importante ressaltar que o que pretendemos compreender a partir da seleção de trechos em que encontramos a presença da primeira pessoa do singular é como esta presença se configura estilisticamente enquanto parte constituinte de

um projeto de dizer do sujeito autor. Como podemos notar, existe uma diferença entre a forma como o sujeito apresentou as teorias que utiliza em sua pesquisa no primeiro trecho citado e a forma como se posiciona, neste último trecho, com relação às decisões e escolhas que ele realizou durante seus estudos. O primeiro ponto que pode ser levantado é que, no primeiro trecho, o sujeito expõe, marcando timidamente seu posicionamento, as teorias que servirão de base para sua pesquisa, ao passo que, no segundo trecho, outras informações são acrescentadas, como as motivações que o levaram a se interessar pelos estudos na área de Aquisição da Linguagem e seus objetivos com a pesquisa, informações que nos apontam para um projeto de dizer desse sujeito autor.

Iniciamos a discussão partindo do primeiro trecho em destaque: “A partir das leituras acerca do tema e do *forte interesse* pelos estudos fonológicos e aquisicionais da linguagem, *resolvi aprofundar* meus estudos”. O sujeito autor relata que diante de um *forte interesse* nos estudos que compõem sua pesquisa, decidiu aprofundar seus estudos, ou seja, ele apresenta as motivações pessoais que o levaram a ter interesse pela temática. Neste momento, o sujeito não só opta por utilizar um verbo que designa o sentido de “decisão sobre algo” como, ao utilizar a primeira pessoa, toma para si esta ação de decidir, diferente do posicionamento que assume no primeiro trecho da introdução que citamos, no qual trata das importantes contribuições das teorias marcando de forma mais tímida seu posicionamento. Este sujeito, ao escolher como se posicionar dentro do texto – de forma mais tímida ou mais direta; utilizando ou não a primeira pessoa do singular – nos dá indícios de uma construção de subjetividade, pois é essa escolha, materializada pelo enunciado, que sinaliza a presença de um sujeito autor do texto. Desta forma, o sujeito constrói, nesse segundo momento, um enunciado que nos permite acessar sua ação como pesquisador que toma decisões e que opta por certos caminhos teóricos.

Dentro da perspectiva dialógica, precisamos compreender como este enunciado se constitui na relação com outros enunciados do mesmo campo de atividade, a fim de entender os sentidos por ele produzidos a partir de um projeto de dizer do sujeito. Sobre a relação entre enunciado e sujeito e a forma como devemos compreender os enunciados, Bakhtin aponta para o fato de que:

Só o enunciado tem relação *imediata* com a realidade e com a pessoa viva falante (o sujeito). Na língua existem apenas as possibilidades potenciais (esquemas) dessas relações (formas pronominais, temporais, modais, recursos lexicais, etc.). Contudo, o enunciado não é determinado por sua relação apenas com o objeto e com o sujeito-autor falante (e por sua relação com a linguagem enquanto sistema de possibilidades potenciais, enquanto dado), mas imediatamente – e isso é o que mais importa para nós – com

outros enunciados no âmbito de um dado campo da comunicação. Fora dessa relação ele não existe *em termos reais* (apenas como *texto*). Só o enunciado pode ser verdadeiro (ou não verdadeiro), correto (falso), belo, justo, etc. [...]

Não estamos interessados no aspecto psicológico da relação com os enunciados dos outros (e interpretações) mas com seu reflexo na estrutura do próprio enunciado. (BAKHTIN, 2011, p. 328)

A relação entre sujeito e enunciado, portanto, se mostra na forma do enunciado, em como ele é construído e como se estabelece sua relação com outros enunciados em um determinado campo de atividade, – que neste caso é o campo acadêmico-científico – relação que pode ser exemplificada a partir do trecho “*Apesar da grande variedade de trabalhos já realizados, proponho debruçar-me nessa temática com o intuito de contribuir com a abrangência do conhecimento sobre a natureza e o funcionamento das línguas*”. Neste excerto, o sujeito faz referência a outros estudos realizados sobre o mesmo tema que ele aborda em sua pesquisa, mas enfatiza que apesar de já haver muitos estudos que tratam do mesmo objeto, ele pretende contribuir com as discussões sobre o estudo da linguagem. Aqui, o sujeito materializa pelo e no enunciado a sua relação com o objeto de pesquisa, uma relação de *forte interesse* sobre a temática estudada e que por isso o leva à dedicação aos estudos sobre a linguagem. Notamos que aqui o sujeito utiliza novamente uma construção concessiva (“*Apesar da grande variedade de trabalhos*”) como uma forma de argumentação e também de valoração (positiva) em relação à sua pesquisa e à sua intenção de colaborar com os estudos linguísticos. Nesse sentido, podemos depreender que a estrutura do enunciado que estamos analisando é determinada, entre outros aspectos, pelo reflexo dos “enunciados dos outros”, ou seja, a partir do diálogo entre enunciados que fazem parte do mesmo campo de estudos sobre a linguagem.

No mesmo excerto há mais duas passagens em que o sujeito autor faz o uso da primeira pessoa do singular, “[...] *optei em focalizar, neste trabalho*” e “[...] *utilizarei como base a Teoria da Fonologia Natural*”. Se compararmos este enunciado com o que analisamos anteriormente, na primeira introdução, notamos que a subjetividade é construída de forma semelhante, pois a identificamos, nos dois casos, a partir da relação que os sujeitos autores estabelecem com seus referenciais teóricos. A diferença, no entanto, está na forma como os sujeitos se posicionam dentro dessa relação. Diferente do sujeito autor que analisamos anteriormente, este não parece se diminuir com relação aos outros enunciados que tratam do seu tema de pesquisa, mesmo sabendo que estes enunciados podem compor diferentes tipos de trabalhos, não só monografias. O sujeito autor toma para si a responsabilidade pelo seu

trabalho e a materializa nas formas como constrói seu enunciado, neste caso, com o uso da primeira pessoa do singular. Aqui, podemos notar que o sujeito valoriza positivamente seu enunciado em relação aos enunciados do outro e se posiciona diante dessa valorização que realiza.

Outro ponto relevante e que deve ser destacado nesta introdução é que o uso da primeira pessoa do singular, que pode configurar um estilo pessoal do sujeito autor, não interfere no estilo típico que compõe o gênero Monografia de Final de Curso. As escolhas feitas pelo sujeito e que compõem seu projeto de dizer, ou seja, as marcas linguísticas que aqui identificamos, não nos parecem descaracterizar o gênero monografia. Esse estilo mais pessoal, marcado pelo uso da primeira pessoa do singular, só é possível porque nenhum enunciado é neutro, pois nele sempre há a resposta ativa do falante – ou do sujeito autor – que pode ser expressa pela valoração que ele dá ao “conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado”, ou nas palavras de Bakhtin:

O segundo elemento do enunciado, que lhe determina a composição e o estilo, é o elemento *expressivo*, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado. [...] um enunciado absolutamente neutro é impossível. A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. O estilo individual do enunciado é determinado principalmente pelo seu aspecto expressivo. (BAKHTIN, 2011, p. 289)

Essa *relação subjetiva emocionalmente valorativa* de que nos fala Bakhtin está ligada, portanto, à ideia de que não pode haver um enunciado neutro sem que tenha nele indícios da subjetividade do sujeito, sua maneira de enxergar o objeto e construir sentidos em seu enunciado. Além disso, é esta relação valorativa que leva às escolhas linguísticas realizadas pelo sujeito autor que, no caso da introdução em análise, é o uso da primeira pessoa do singular, aqui compreendido como um estilo individual do sujeito, portanto, por *seu aspecto expressivo* identificado no texto.

Essa relação entre enunciados também pode ser exemplificada por outro trecho da introdução em que o sujeito autor diz que “No decorrer desta pesquisa, *estabeleço*, ainda, *um diálogo com outros autores já consagrados*”. Aqui, percebemos que existe uma outra forma de se relacionar com esses outros enunciados, e conseqüentemente, com outros discursos. O sujeito utiliza um adjetivo (*consagrados*) como uma forma de valoração dos autores com os

quais dialoga em sua pesquisa e, nesse sentido, podemos dizer que este sujeito, a partir da materialidade do enunciado, nos apresenta sua visão sobre o enunciado do outro.

Citamos outro trecho da introdução que nos despertou interesse quanto ao uso da primeira pessoa do singular:

Para além das leituras teóricas que exploram o tema em destaque, **o contato com crianças de diversas faixas etárias aguçou minha curiosidade em saber como esse fenômeno se desenvolve** e, se este ocorre de forma divergente quando se agrega a seguinte ponderação: como se comportam as crianças cujos pais pertencem a classes socioescolar diferentes. Com isso, **opto por complementar** essa pesquisa, levando em consideração o status socioescolar dos pais das crianças – Classe socioescolar A1 e Classe socioescolar C2. (NERI, 2016, p. 8, *negrito adicionado*)

Neste trecho da introdução, o sujeito retoma as motivações que o levaram a se interessar pelo tema de pesquisa, mas, desta vez, descrevendo sua experiência pessoal, como mostra o trecho em que diz que “[...] *o contato com crianças de diversas faixas etárias aguçou minha curiosidade em saber como esse fenômeno se desenvolve*”. Neste caso, o uso da primeira pessoa do singular se comporta como uma forma linguística típica em gêneros como o relato pessoal, portanto a escolha deste uso nos parece ter relação com o fato de se tratar de um momento no texto em que o sujeito, de fato, relata sua experiência. Destacamos também a construção “*opto por complementar*”, que confirma a elaboração da hipótese formulada pelo sujeito autor a partir do relato sobre como surgiu seu interesse pela pesquisa. Formas como esta, de relatar as experiências que serviram de motivação para a pesquisa não são incomuns, o que nos leva a entender que, mesmo dentro de um texto acadêmico-científico, é possível a realização dessas formas, mas sem descaracterizar o gênero, neste caso, as Monografias de Final de Curso. Nesse sentido, é importante resgataremos a noção bakhtiniana sobre a *relativa estabilidade dos gêneros do discurso*. Esta relativa estabilidade nos aponta para a variedade de gêneros do discurso e, conseqüentemente, para a diversidade de funções discursivas às quais esses diferentes gêneros servem, pois cada gênero do discurso está inserido em um determinado “campo da atividade humana”¹⁰ e se adequa às necessidades comunicativas deste campo, ou seja:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso,

¹⁰ BAKHTIN, 2011, p. 261.

que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2011, p. 262)

Nesta citação, em que Bakhtin chama atenção para a questão da diversidade dos gêneros e de como eles podem ser modificados de acordo com as necessidades de cada campo de atividade, o autor reitera nossa discussão sobre as mudanças que são “permitidas” em um determinado gênero – que, no caso da introdução em análise, estão materializadas pelas marcas de estilo individual – sem que este seja descaracterizado. Portanto, a relação com o campo de atividade, com seu desenvolvimento e suas complexidades, e também com suas necessidades comunicativas/discursivas, é que determinam as características do gênero e suas formas típicas, cedendo ou não espaço para alterações dessas características.

Dando continuidade às considerações sobre a construção da subjetividade na introdução em análise, destacamos o parágrafo final da seção:

Início este trabalho, revisitando os estudos acerca do tema e de conceitos que aqui serão tratados. Em seguida, analiso os dados concedidos dialogando com os trabalhos já realizados anteriormente e, por fim, apresento as conclusões, apontadas pelos dados, concernente ao que proponho pesquisar, considerando as ponderações supracitadas. (NERI, 2016, p.9, *negrito adicionado*)

Selecionamos este trecho, em que o sujeito autor segue utilizando a primeira pessoa do singular para destacar a forma como ele apresenta seu percurso de pesquisa. Aqui, o sujeito relata que *revisitou* os estudos teóricos sobre seu objeto de pesquisa, analisou os dados “*dialogando com os trabalhos já realizados anteriormente*” e chegou às suas conclusões “*considerando as ponderações supracitadas*”. Notamos que, em todos esses momentos do texto, o sujeito relata suas ações de pesquisa sempre em relação ao seu outro que, neste caso, pode ser entendido como os estudos anteriormente realizados e com os quais ele dialoga. As ações do sujeito sempre estão ligadas à revisão dos estudos anteriores sobre o tema, o que pode ser um indício tanto da visão que este sujeito autor tem sobre o seu próprio lugar de pesquisador em formação, – e que necessita de referências teóricas de prestígio – quanto das expectativas que o campo de atividade tem em relação ao texto acadêmico-científico e à forma como ele deve ser escrito.

A análise desta introdução nos mostra que os usos de primeira pessoa são aspectos linguísticos importantes pois constituem o enunciado e o projeto de dizer do sujeito, indicando um estilo mais individual e que está relacionado às experiências do sujeito autor e aos relatos sobre o seu processo como pesquisador. No entanto, as formas de constituição de

subjetividade estão presentes nas relações que o sujeito estabelece com seu outro, com seus interlocutores, baseada nas expectativas de um campo de atividade específico sobre o texto acadêmico-científico e que se mostra nas construções em que há a referência a outros estudos a partir dos quais a pesquisa se baseia. Com relação às orientações sobre a escrita da introdução, que constam no manual da UFBA, não encontramos prescrições referente ao uso das pessoas verbais, o que talvez tenha possibilitado a presença de um estilo mais individual. Mesmo assim, entendemos que a presença do sujeito autor na materialidade textual é dada pela “relação subjetiva emocionalmente valorativa”¹¹ do sujeito com os estudos por ele citados e com os enunciados com os quais dialoga.

A terceira introdução que apresentamos para análise compõe a monografia intitulada *Gramaticalização em perífrases verbais na Língua Portuguesa: Uma análise de Modelos de Descrição Gramatical*. Observamos, logo de início, que esta introdução apresenta um estilo muito semelhante ao encontrado no resumo do mesmo trabalho, caracterizado, predominantemente, pelo uso de terceira pessoa do singular. Outro aspecto que destacamos é que no decorrer de toda a monografia, assim como na introdução, esse estilo se mantém, não havendo ocorrência de uso de outras pessoas verbais. Para exemplificar tais usos, trazemos aqui dois trechos da introdução da monografia:

O presente trabalho pretende, sob a ótica funcionalista, cotejar a descrição de construções perifrásticas apresentadas em duas gramáticas de Língua Portuguesa, do Brasil e de Portugal, datadas do século XXI. A partir de uma perspectiva sincrônica do fenômeno de gramaticalização [...] **intenta-se explicitar** de que forma os autores das obras assumem os conteúdos gramaticais relativos às estruturas perifrásticas [...] **com o intuito de se estabelecer uma avaliação comparativa** entre modelos de descrição gramatical. (FERREIRA, 2015, p. 9, *negrito adicionado*)

[...]

Tendo em conta, ainda, que o exame dessas e de outras formas linguísticas necessita de um estudo teórico-metodológico que o justifique e que o oriente, **optou-se por dividir a pesquisa em cinco capítulos**, relativos às considerações iniciais, ao referencial teórico, à metodologia, à análise de dados e às considerações finais. (FERREIRA, 2015, p. 9, *negrito adicionado*)

Nestes dois trechos da introdução o sujeito autor apresenta sua pesquisa abordando seu objeto, a metodologia que utiliza em sua análise e como ele realiza a divisão dos capítulos da monografia. Os excertos em destaque mostram o uso da terceira pessoa do singular, como em

¹¹ BAKHTIN, 2011. p. 289.

“O presente trabalho *pretende*”, – que como vimos nas análises dos resumos, é uma forma linguística que favorece um efeito de “apagamento” do sujeito, já que o sujeito (gramatical) é o trabalho, a pesquisa – “*intenta-se* explicitar”, “*optou-se* por dividir”. No entanto, o que nos chama atenção nos excertos em destaque é a escolha dos verbos que o sujeito autor utiliza, como “*intenta-se* explicitar” e “*optou-se* por dividir”. Aqui, mesmo utilizando a terceira pessoa do singular, a escolha desses verbos pode nos levar a uma interpretação que considera essas formas próximas de uma certa *pessoalidade*, já que as intenções de se explicitar algo ou a opção por realizar determinada divisão dos capítulos parte do sujeito autor da pesquisa. Como mencionado, na leitura da monografia notamos que este sujeito em nenhum momento do texto faz uso das formas de primeira pessoa do plural, por exemplo, – um dos usos que encontramos em outras monografias, inclusive nos resumos – o que, de acordo com a perspectiva dialógica da qual partimos, não necessariamente indica uma “falta” de subjetividade; ao contrário, a escolha do sujeito autor por utilizar apenas a terceira pessoa nos indica a forma como ele se relaciona com os discursos que tratam das orientações sobre a escrita do texto acadêmico-científico. Esta escolha do sujeito, determinada por sua relação com os discursos circulantes no campo acadêmico-científico constitui uma forma de subjetividade. Assim, podemos relacionar a escolha do sujeito autor por utilizar apenas a terceira pessoa a um estilo de escrita que é esperado dentro do gênero monografia e que, por sua vez, faz parte do campo acadêmico-científico. A perspectiva bakhtiniana sobre as escolhas dos tipos de oração que utilizamos, complementa essa nossa discussão:

Quando escolhemos um determinado tipo de oração, não o escolhemos apenas para uma oração, não o fazemos por considerarmos o que queremos exprimir com determinada oração; escolhemos um tipo de oração do ponto de vista do enunciado *inteiro* que se apresenta à nossa imaginação discursiva e determina a nossa escolha. A concepção sobre a forma do conjunto do enunciado, isto é, sobre um determinado gênero do discurso, guia-nos no processo do nosso discurso. (BAKHTIN, 2011, p. 286)

Portanto, como nos aponta Bakhtin, são os gêneros do discurso e a forma como os compreendemos que irão guiar nossas escolhas e, assim, materializá-las pelo enunciado concreto, compreensão esta que passa pelos discursos que tratam do texto acadêmico-científico e o que se espera em relação a eles, às suas formas composicionais, ao seu estilo. A partir dessa perspectiva, podemos entender que a forma de construção de subjetividade que encontramos nessa introdução é revelada a partir das escolhas feitas pelo

sujeito autor, elaboradas no entendimento sobre o gênero monografia e sobre quais as formas linguísticas que podem/devem ser utilizadas dentro deste gênero.

A próxima introdução cuja análise iremos apresentar faz parte da monografia de título *Estatividade e Morfologia Progressiva: uma análise à luz da Aquisição de Linguagem no Português do Brasil*. Citamos dois trechos da introdução:

Esta monografia, além de contribuir para o entendimento de como o conhecimento de língua é adquirido, utiliza dados sobre esse processo de aquisição para refletir sobre o que é conhecimento de linguagem, especificamente, sobre o que constitui nosso conhecimento de aspecto. (MOTA, 2016, p. 12, *negrito adicionado*)

[...]

Mais especificamente, **pretendemos investigar** a aquisição do aspecto imperfeito contínuo por meio das morfologias progressiva e não progressiva nos diferentes tipos de verbo, e avaliar a pertinência da classificação de determinados verbos como sendo de estado a partir da emergência da morfologia progressiva. **A hipótese deste estudo é** a de que a expressão do imperfeito contínuo por meio da morfologia progressiva ocorre após a emergência da expressão desse mesmo aspecto por meio da morfologia não progressiva com todos os tipos de verbo. Para tanto, **foi feito um estudo longitudinal** com dados de fala espontânea de uma criança falante nativa do PB, coletados entre dois anos e três meses e dois anos e oito meses. (MOTA, 2016, p. 13, *negrito adicionado*)

Na introdução, assim como na monografia de forma geral, encontramos uma alternância entre os usos de terceira pessoa do singular e de primeira pessoa do plural, além do uso da voz passiva, como ilustrado nos trechos em destaque. Estes mesmos usos também foram encontrados no resumo da monografia, demonstrando uma manutenção do estilo nos dois gêneros discursivos.

Sobre o primeiro destaque, em que o sujeito autor utiliza a construção “*Esta monografia, além de contribuir para o entendimento de como o conhecimento da língua é adquirido [...]*”, temos como sujeito da oração a monografia que, novamente, como vimos em análises anteriores, gera um efeito de “apagamento” do sujeito dentro do texto. No entanto, neste caso é interessante observar que o sujeito autor valoriza sua monografia ao dizer que ela irá contribuir com o conhecimento sobre a aquisição da língua, situando-a como uma contribuição relevante dentro do campo acadêmico-científico e, portanto, constituindo uma forma de subjetividade em seu texto a partir da valoração positiva que ele atribui à sua própria pesquisa. Nos destaques seguintes, observamos que o sujeito faz uso das expressões “*pretendemos investigar*”, “*A hipótese deste estudo é*” e “*foi feito um estudo longitudinal*”,

alternando as formas verbais. Esta alternância, como mencionamos acima, é recorrente em toda a monografia, também encontrada no resumo da mesma. O uso dessas formas pode ser interpretado como uma forma encontrada pelo sujeito autor de evitar a repetição e ainda sim corresponder ao estilo esperado dentro do gênero. Essa resposta do sujeito às expectativas sobre o gênero, que parte de um determinado campo, também se manifesta em outras partes da monografia, como no trecho que selecionamos para complementar a discussão e que faz parte da seção “Metodologia”:

As coletas foram feitas na casa da criança, onde estavam presentes majoritariamente a pesquisadora e a mãe de MV11. **A pesquisadora buscou levar** alguns livrinhos ou historinhas com temas que MV achava interessante, para incentivar sua produção. Entretanto, não havia o intuito de trabalhar com uma historinha específica de maneira continuada, mas como MV gostava muito de certos temas, alguns assuntos eram recorrentes durante as gravações. (MOTA, 2016, p. 24, *negrito adicionado*)

Optamos por trazer este excerto – que está em outra seção da monografia – como uma forma de legitimar a discussão sobre a resposta do sujeito às expectativas sobre o gênero. Notamos que este trecho se configura como um relato do sujeito pesquisador sobre como foi feita a coleta de dados de sua pesquisa a partir da interação com a criança no processo de aquisição. Neste caso, o sujeito autor ao falar de si mesmo opta pelo uso da expressão “*A pesquisadora optou*”, em detrimento do uso de primeira pessoa do singular. Desta forma, o sujeito, mesmo relatando sua experiência pessoal, escolhe uma construção linguística tentando atribuir um aspecto de “impessoalidade” ao texto, respondendo ao gênero, ao estilo do texto acadêmico-científico. Neste caso, portanto, ao optar pelo uso dessas formas verbais em todo o texto, o sujeito autor responde às expectativas sobre o gênero, ou seja, ao uso determinadas pessoas verbais, construindo a partir dessa escolha uma forma de subjetividade.

Apresentamos agora a análise da última introdução e que faz parte da monografia intitulada *O uso dos pronomes tu e você com interpretação genérica e específica no meio digital*. Citamos o primeiro parágrafo da introdução:

O presente trabalho visa investigar o estado atual dos pronomes tu e você para a representação da segunda pessoa do singular no português brasileiro **com foco em analisar os contextos** em que esses pronomes possam aparecer com interpretação genérica ou específica em ambientes virtuais. Para tal, **serão utilizados princípios da teoria linguística variacionista**, sociolinguística e teoria gerativa a fim de fundamentar os objetivos alcançados. (MANTIRI, 2016, n.p., *negrito adicionado*)

Aqui destacamos o uso de terceira pessoa e da voz passiva, também encontrados no resumo da mesma monografia. O sujeito autor utiliza como sujeito da oração a própria pesquisa, como em “*O presente trabalho visa investigar*” e faz uso da voz passiva para tratar da teoria utilizada como na construção em destaque “*serão utilizados* princípios da teoria [...]”. Estas marcas linguísticas são recorrentes tanto na introdução quanto na monografia de maneira geral, indicando o estilo adotado/utilizado pelo sujeito autor.

Outro aspecto interessante sobre esta introdução é o foco dado pelo sujeito aos aspectos teóricos como justificativa de suas escolhas no percurso da pesquisa, principalmente no que concerne aos resultados da pesquisa. Seleccionamos um momento em que podemos encontrar esse posicionamento do sujeito: “Será dada uma *atenção especial* à teoria de Pilate & Naves (2012), *que servirá como principal fundamento teórico para a explicação dos resultados* obtidos”. Neste trecho, notamos uma ênfase dada pelo sujeito autor ao fato de que seus resultados serão explicados com base nos fundamentos teóricos dos autores; a expressão “*atenção especial*” atribui um valor a estes fundamentos, considerando-os essenciais e que, portanto, merecem uma atenção mais dedicada, particular. Nos deparamos, então, com uma forma de construção de subjetividade presente na valoração do *outro* que, conseqüentemente, repercute em uma insegurança do *eu*, que precisa deixar claro para seu interlocutor a importância das teorias que embasam seus estudos, além de configurar uma resposta aos discursos sobre o texto acadêmico-científico que institui a relevância do embasamento teórico nas pesquisas.

Citamos o parágrafo final da introdução em que o sujeito autor fala sobre os resultados de sua pesquisa:

Por fim, **espera-se como resultado deste trabalho comprovar a supressão que o pronome você exerce sobre o pronome tu**, evidenciando uma nova forma de representação no quadro pronominal do falante do português brasileiro e identificar em quais tipos de contexto específicos o pronome tu tende a ocorrer. **Espera-se também obter resultados que favoreçam a interpretação genérica dos pronomes de segunda pessoa, pretendendo-se explicar os resultados obtidos à luz da teoria gerativa.** (MANTIRI, 2016, n.p., *negrito adicionado*)

Neste parágrafo final nos deparamos com o que o sujeito autor relata sobre seus resultados. Nos trechos como “*espera-se como resultado deste trabalho comprovar*”, “*Espera-se também obter resultados*”, “*pretendendo-se explicar*”, notamos o uso recorrente de terceira pessoa além do uso de formas que não nos remetem – pela construção de sentido – ao que de fato foi verificado ao final da pesquisa. O sujeito autor materializa no enunciado as

pretensões, intenções sobre seus resultados mas não os apresenta de fato. Para compreender melhor o projeto de dizer do sujeito neste enunciado que encerra a seção introdução, nos remetemos ao parágrafo final da monografia e que encerra as conclusões do sujeito sobre a pesquisa:

É possível levantarmos a seguinte questão: Será que o PB caminha para a utilização do pronome você como pronome específico de referência genérica e o pronome tu como pronome específico de referência específica? Ainda é preciso fazer um mapeamento e aprofundamento de pesquisas nessa área de referencialidade e interpretação genérica pronominal para respondermos essa questão. (MANTIRI, 2016, n.p., *negrito adicionado*)

Destacamos este trecho das conclusões da monografia em que o sujeito autor encerra seu texto elaborando uma pergunta sobre as possíveis mudanças do Português Brasileiro com relação aos pronomes que foram objetos de sua pesquisa. Em seguida, afirma que “*Ainda é preciso fazer um mapeamento e aprofundamento de pesquisas*” para responder à questão elaborada por ele. Notamos que este segundo enunciado, que compõe as conclusões da monografia, dialoga com o enunciado anterior que encerra a seção “Introdução” do mesmo texto, no sentido em que reafirma as incertezas deste sujeito autor referentes aos resultados de sua pesquisa. Nos parece que este sujeito – sobretudo a partir do trecho em que utiliza o advérbio *ainda* – diminui a relevância de sua pesquisa atribuindo um valor inferior a ela, já que *ainda* são necessários outros estudos, mais aprofundados, para responder à pergunta que ele elabora a partir dos resultados que encontrou. Sabemos que nenhuma pesquisa é acabada e que não encerra nenhuma discussão, por mais bem desenvolvida que ela seja. No entanto, a relação de sentido que estabelecemos entre estes dois trechos da monografia nos demonstra uma construção de subjetividade em que o sujeito autor se diminui em relação ao seu outro dentro do campo, indicando uma certa insuficiência dos seus estudos em apurar as mudanças relativas aos pronomes que ele analisa no Português Brasileiro.

A análise das introduções nos mostrou que as formas de construção de subjetividade se constituem na materialidade do enunciado de diversas maneiras, seja a partir do uso de um estilo mais individual ou mais típico do gênero, seja na forma como responde aos discursos sobre o texto acadêmico-científico. Mas principalmente, a subjetividade se constrói na *relação*, no relacionamento. Relação entre sujeitos (autor e interlocutores), relação entre discursos (a partir do diálogo), relação com o campo de atividade, relação com o gênero de discurso. Em resumo, é na relação com o outro que o sujeito se constitui e se apresenta na

forma do texto, no enunciado concreto. Sobre o poder dessas relações na forma como o sujeito se constitui e se apresenta para o mundo e para encerrar as discussões apresentadas neste capítulo, citamos um trecho da introdução de *Para uma filosofia do ato responsável*, na qual Ponzio trata da discussão proposta por Bakhtin em que se estabelece uma relação entre o universal e o subjetivo, discutida em diversos momentos desta pesquisa:

Trata-se também de uma questão que toca diretamente a vida de cada um e que produz um profundo impacto sobre ela, de uma questão em que entra em jogo a qualidade da vida, o reconhecimento da diferença singular de cada um, pelo fato de que a organização social mesma, a modelagem cultural mesma da vida, funciona sobre a base de classificações, de fechamentos, de atribuições de pertencimento, recorre ao gênero, ao universal como condição da identificação, da diferenciação, da individuação. (PONZIO, 2020, p. 17)

De acordo com o autor, portanto, é no âmbito universal e socialmente organizado que o sujeito estabelece suas relações – com seus *outros*, com outros discursos, com o campo de atividade, etc. – e se diferencia, se individualiza, ou seja, é a partir dessas relações e do diálogo entre discursos que o sujeito se mostra e se constitui. Assim, como vimos nas análises apresentadas, a construção de uma subjetividade dentro de textos acadêmico-científicos, como as monografias, só é possível nas e pelas relações construídas pelo sujeito a partir de uma perspectiva dialógica do discurso que considera os discursos que o permeiam e os *outros* com os quais dialoga.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, cujo objetivo geral era compreender as formas de construção de subjetividade no texto acadêmico-científico, possibilitou o aprofundamento das discussões sobre a constituição dos gêneros do discurso e sua relação com o sujeito autor que, neste caso, ocupa a posição de pesquisador principiante no campo acadêmico-científico.

Foram analisadas as seções “Resumo” e “Introdução” das Monografias de Final de Curso de Letras de cinco Instituições de Ensino Superior (IES) – UNICAMP, UFRJ, UFRGS, UnB e UFBA – desenvolvidas entre os períodos de 2015 e 2016 e que pertencem aos seguintes campos da Linguística: Aquisição da Linguagem, Variação e Mudança Linguística, Sintaxe e Análise do Discurso. Analisamos ao todo cinco resumos e cinco introduções – cada um pertencente a uma monografia – e consideramos para análise alguns aspectos encontrados no todo do texto, partindo da necessidade de compreender os enunciados em seu todo de sentido e no seu “possível” acabamento. A partir da análise das duas seções foi possível compreender como os gêneros *resumo* e *monografia de final de curso* se constituem e quais aspectos os diferenciam.

Em relação aos aspectos que diferenciam os gêneros resumo e monografia de final de curso, identificamos que há características que se destacam possibilitando essa diferenciação, como a forma de circulação do gênero e o estilo encontrado nos enunciados analisados. Sobre as formas de circulação, temos que o gênero resumo circula de maneira mais independente se comparado às monografias. Essa “independência” se dá porque são os resumos dos trabalhos que encontramos nos repositórios das universidades; lembramos também que este gênero circula independentemente do texto como um todo quando se trata, por exemplo, de inscrições e anais de eventos acadêmico-científicos. No entanto, entendemos que o gênero resumo é um gênero que faz parte da monografia, ou seja, lidamos com um gênero incluído em outro gênero, dado que o resumo faz parte da monografia e a ela faz referência. Outro aspecto que identificamos sobre a constituição do gênero resumo é que – comparado às monografias as quais ele pertence – há um estilo típico do gênero adotado pelos sujeitos autores e que se materializa, sobretudo, a partir das marcas linguísticas de uso de terceira pessoa do singular – apesar de termos encontrado o uso de primeira pessoa do plural, mas aqui consideramos o estilo do gênero encontrado nos enunciados que dialoga com as prescrições dos manuais de orientação de escrita acadêmico-científica. Já no gênero monografia, foi possível encontrar indicativos de um estilo mais individual como, por exemplo, o uso da primeira pessoa do singular e construções linguísticas que demonstraram, pela construção de sentido, um

posicionamento dos sujeitos autores relacionado aos seus objetos de pesquisa e às teorias que baseiam seus estudos. Esta diferenciação entre os gêneros baseia-se, portanto, nos diferentes “graus de estabilidade e coação” dos gêneros e na manifestação da “vontade discursiva que costuma limitar-se à escolha de um determinado gênero, e só leves matizes de uma entonação expressiva [...] podem refletir a individualidade do falante (a sua ideia discursivo-emocional)”. (BAKHTIN, 2011, p. 284)

Nos enunciados em que encontramos estilos mais individuais – como foi o caso das introduções – e que contribuem para a construção de uma subjetividade, podemos considerar que estes estilos se configuram como indícios de autoria no texto acadêmico-científico. Estes indícios aparecem principalmente na escolha dos usos das pessoas verbais, nos posicionamentos do sujeito com relação às teorias utilizadas na pesquisa e na visão que este sujeito tem sobre as suas próprias contribuições dentro do campo acadêmico-científico. Com relação ao uso das pessoas verbais, em uma das introduções – pertencente à monografia de título *A Aquisição dos segmentos /R/ e /S/ em coda silábica na Língua Portuguesa* – identificamos o uso da primeira pessoa do singular em vários momentos como, por exemplo, nos relatos do sujeito autor sobre como surgiu seu interesse pelo tema da pesquisa. No decorrer da monografia estas marcas linguísticas de primeira pessoa são reiteradas e desempenham um papel que marca, textualmente, a presença do sujeito pesquisador, atribuindo um aspecto mais autoral, mais *peçoal* à monografia. No caso dos resumos, identificamos uma certa recorrência do mesmo estilo marcado, sobretudo, pelos usos de terceira pessoa e pela estrutura textual, demonstrando que neste gênero discursivo esses indícios de autoria são menos evidentes, mas, como demonstramos nas análises, ainda podem ser encontrados na relação que o sujeito autor estabelece com seus *outros*.

A pesquisa também possibilitou compreender como é estabelecida a relação entre os sujeitos autores e os enunciados por eles produzidos, a partir de determinados gêneros do discurso, – *resumo* e *monografia de final de curso* – em um determinado campo de atividade. Esta relação se materializa nas formas de interação do sujeito com o objeto de pesquisa, com seus interlocutores, que incluem os possíveis leitores (e avaliadores) de seu texto, e com uma visão sobre a escrita do texto acadêmico-científico. Como vimos, estas relações só são possíveis devido a interação do sujeito com o contexto extraverbal do enunciado concreto, contexto este que é parte constituinte de todo e qualquer enunciado integrando os sentidos por ele produzidos. (VOLOSHINOV, s.d., p. 6)

As análises desenvolvidas na pesquisa, a partir dos conceitos abordados, contribuem com as discussões dentro da Análise Dialógica do Discurso demonstrando a produtividade analítica que as concepções bakhtinianas possibilitam tendo como noção basilar a noção de diálogo que engloba todas as relações estabelecidas entre sujeito e enunciado, entre vida e materialidade discursiva.

Os resultados da pesquisa sobre as formas de constituição de subjetividade nas Monografias de Final de Curso de Letras nos apontam para algumas discussões sobre o letramento acadêmico na atualidade. Observamos que os sujeitos, na maioria das análises, são moldados por uma visão do campo acadêmico-científico sobre a produção científica, o que é demonstrado a partir dos valores que estes sujeitos autores atribuem ao fazer científico, marcado por posicionamentos de inferioridade, insegurança, insuficiência. Acreditamos que estes posicionamentos refletem discussões importantes e necessárias sobre a escrita acadêmico-científica e sobre a formação de novos pesquisadores, possibilitando um olhar mais atento para as produções científicas e para as formas de constituição de subjetividade nos textos acadêmico-científicos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermentina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. O Enunciado como unidade da comunicação discursiva. Diferença entre essa unidade e as unidades da Língua (Palavras e Orações). In: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BESSA, José Cezinaldo Rocha. **Dialogismo e construção da voz autoral na escrita do texto científico de jovens pesquisadores**. 2016. 360 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2016.

BIBLIOTECA SETORIAL DE EDUCAÇÃO (BSE). **Orientações para elaboração de trabalhos acadêmicos da biblioteca setorial de educação**. Porto Alegre: UFRGS/FACED/BSE, 2019.

BORGES, Mariana Toledo. **Ideologia, política e resistência no discurso do diretório central dos estudantes da unicamp**. 2015. 60 f. Monografia - Curso de Letras, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000965408&opt=1>. Acesso em: 25 nov 2020.

CARVALHO, Flaviane Faria. Padrões de organização textual e lexicogramatical do gênero acadêmico resumo de tese: um estudo de caso. **Trab. linguist. apl.**, Campinas, v. 49, n. 1, p. 115-128, Jun 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132010000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 Jun 2020.

CORACINI, M. J. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência**. Campinas: Pontes Editores. São Paulo: EDUC, 1991.

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

FERREIRA, Renata Blessmann. **Gramaticalização em perífrases verbais na língua portuguesa: uma análise de modelos de descrição gramatical**. 2015. 86 f. Monografia - Curso de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/141760>. Acesso em: 25 nov 2020.

GEGE (Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso) (Org.) **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2012.

GRILLO, Sheila V. de Camargo. Esfera e campo. In: BRAIT, B. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

LLAGOSTERA, Ana. **Monografia: normalização do documento eletrônico**. Campinas: UNICAMP, 2008.

LUBISCO, Nídia M. L. VIEIRA, Sônia Chagas. **Manual de estilo acadêmico : trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses**. Salvador : EDUFBA, 2019.

MANTIRI, Frangky Lourenço. **O uso dos pronomes tu e você com interpretação genérica e específica no meio digital**. 2016. 17 f. Monografia - Curso de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/11926>. Acesso em: 25 nov 2020.

MARCHEZAN, Renata C. A noção de autor na obra de M. Bakhtin e a partir dela. Bakhtiniana. **Revista de Estudos Discursivos**. v.10, n. 3, 2015.

MELO, J. R. B. **Vozes sociais em construção**: Dialogismo, bivocalidade polêmica e autoria no diálogo entre Diário do hospício, O cemitério dos vivos, de Lima Barreto, outros enunciados e outras vozes sociais. 2017. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo.

MENDONÇA, Marina Célia. Práticas de escrita e subjetividade. **Letras & Letras (Online)**, v. 31, p. 43-55, 2015.

_____. O DISCURSO SOBRE AUTORIA NA ESFERA DIDÁTICO- PEDAGÓGICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.. **Revista da ABRALIN**, [S.l.], v. 15, n. 2, 2016. ISSN 0102-7158. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/47893/28828>>. Acesso em: 20 out. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/rabl.v15i2.47893>.

MOTA, Ana Luiza Oliveira. **Estatividade e morfologia progressiva: uma análise à luz da aquisição de linguagem no português do Brasil**. 2016. 38 f. Monografia - Curso de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/2035>. Acesso em: 25 nov 2020.

NERI, Dayana Moreira. **A aquisição dos segmentos /r/ e /s/ em coda silábica na língua portuguesa**. 2016. 43 f. Monografia - Curso de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19740>. Acesso em: 25 nov 2020.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.

PAULA, et. al. **Normas técnicas para a monografia de graduação da Faculdade de Letras**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. 1. reimpressão. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. Estilo e aquisição da escrita. **Estudos Linguísticos, XXII. Anais de Seminários do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL)**, São Paulo, Jaú, 1993b.

_____. Índícios de autoria. **Perspectiva**, Florianópolis, v.20, n.01, p.105-124, jan./jun. 2002.

_____. Notas sobre a questão da autoria. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.20, n.32, jan./jun. 2013.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 4. ed, 1997, 348p.

ROJO, Roxane; MELO, Rosineide de. Letramentos contemporâneos e a arquitetura Bakhtiniana. **DELTA**, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 1271-1289, Dez. 2017.

SOBRAL, A.; SOLIGO, R.; PRADO, G. V. T. A subjetividade autoral em textos acadêmicos: algumas considerações. **Nonada: Letras em Revista**, n. 28, vol. 1. Maio de 2017, p. 174-193.

_____. A concepção de autor do "Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshinov": confrontos e definições. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1., n. 2., Dez. 2012, p. 123-142.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo; Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

_____. Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística. In: **A Construção da Enunciação e Outros Ensaio**s. Trad. João Wanderley Geraldi. São Paulo: Pedro e João Editores, 2013.

VOLOSHINOV, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte**. Trad. Carlos Alberto Faraco; Cristovão Tezza, s.d.

ANEXOS

ANEXO A - INTRODUÇÃO MONOGRAFIA UNICAMP

8

INTRODUÇÃO

*“Desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:
não aceiteis o que é de hábito
como coisa natural.
Pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural.
Nada deve parecer impossível de mudar.”*
BERTOLT BRECHT

Esse trabalho é fruto de uma pesquisa financiada pela FAPESP que teve início em agosto de 2013, poucos dias depois das grandes manifestações que marcaram época em nossa história recente. Nelas, depois de longas décadas, a juventude reclamou seus direitos, exigindo serviços públicos de qualidade, e questionou – ainda que de forma difusa – nossas estruturas democráticas, concepções sobre o exercício da cidadania e as relações de poder que operam por trás da máquina eleitoral. “O gigante acordou” era a fórmula emblemática do movimento, presente em *hashtags* nas redes sociais e incorporada por parte da grande mídia; expressava o renascimento de um sentimento há muito esquecido de pertencimento a uma coletividade que, unida, se mostrava poderosa e combativa.

O discurso jornalístico convencional rapidamente forjou uma polêmica que apenas tangenciava a real motivação dos atos: polarizou a sociedade em torno da questão do uso ou não da violência nos protestos, dando desproporcional ênfase ao movimento *black bloc*, apagando, dessa forma, as reivindicações por um país mais justo e rompendo os elos de identificação entre a população “passiva” e grupos progressistas. Foi um grande exemplo do poder do discurso, de sua capacidade de impor leituras da realidade que muitas vezes se distanciam da percepção direta do interlocutor e que, não obstante, tornam-se hegemônicas inclusive entre as comunidades excluídas, demonstrando a pesada carga ideológica de seus enunciados, cuja influência sobre os modos de agir e não agir, comportamentos e visões de mundo é patente. Isso nos leva a questionar a ideia de Althusser, um tanto positiva, segundo a qual a base econômica e material da estrutura social condicionaria de forma unilateral sua superestrutura, representada pelas instâncias jurídico-políticas e ideológicas, entre elas os meios de comunicação; pois a ideologia não apenas *reproduz* as condições de produção

vigentes, como também possui significativa agência em *produzi*-las. Althusser subestimou o poder da ideologia, dando-lhe caráter de ilusão ou falsa aparência e, ao mesmo tempo, negou o veio inerentemente capitalista que Marx lhe havia imputado. Para Marx, a ilusão é um momento do real, e a ilusão ideológica, em conexão direta e unívoca com a classe dominante, ruiria com a ascensão de um novo modo de produção, juntamente com todos os seus principais mecanismos de veiculação, tais como o Direito, o Estado e a Religião. A ideologia althusseriana é eterna, oni-histórica, ontológica (o homem é um “animal ideológico”), e os Aparelhos Ideológicos do Estado cumprirão sempre a mesma tarefa estrutural de moldar a consciência das massas; a categoria sujeito desaparece, ou melhor, só é referida uma vez subordinada ao verdadeiro elemento agente da história, as próprias estruturas autônomas imbuídas na ideologia dominante. O sujeito é assujeitado pela ideologia e sua existência enquanto tal depende dessa condição; praticamente não há indivíduos pensantes. Muito embora esse trabalho tenha sido edificado sobre tais afirmações, fazemos hoje uma autocrítica que põe em dúvida seu cerne revolucionário; pois não seria algo paralisante pensar a história em termos tão deterministas e engessados? Não seria estéril um marxismo que retira do sujeito sua própria essência de sujeito, de ser o motor revolucionário da história?

Diante de um cenário de tamanha efervescência política e de uma conjuntura oscilante e cada vez mais regressiva, de recuos nos direitos humanos e constantes ataques aos discursos minoritários, e de monopólio dos *media* por forças governamentais e empresariais a serviço do capital, a ideia de dar voz institucional a alguns grupos de juventude surge-nos como um posicionamento acadêmico relevante e necessário. Não só do ponto de vista linguístico, no qual temos interesses diretos, mas também do ponto de vista histórico. Uma imensa parte dos materiais que serviram de inspiração a esta investigação encontra-se empilhada em arquivos nas sedes dos Diretórios Centrais dos Estudantes em condições inóspitas, sem qualquer suporte técnico que se preocupe com sua preservação, marginalizados e esquecidos, enquanto tiragens e tiragens de jornais e revistas conservadores são pulverizados pelos lares brasileiros, sem qualquer acusação a respeito de seu conteúdo ideológico. Enquanto ainda amargarmos o fel da desigualdade social, da censura velada e da repressão institucional, um trabalho com tal proposição não pode ser uma opção.

Dividimos os resultados dessa pesquisa em duas partes. A primeira parte se dedica a fazer uma retomada teórica de conceitos que consideramos a base da Análise do Discurso e dos embates e disputas que surgiram durante seu amadurecimento, expondo divergências e convergências entre autores que colaboraram para o nascimento e o desenvolvimento dessa

área da linguística. Assim, discutimos as polêmicas em torno da noção de condições de produção, cruzando Pêcheux e Courtine, e a forma como esse debate nos forneceu recursos metodológicos para definição do corpus, bem como as definições de ideologia propostas por Althusser e apropriadas por Pêcheux e como os atritos ideológicos afetam a construção semântica de textos, enunciados e palavras. Ainda que tenhamos questionado acima a validade pessoal atual dos postulados de Althusser, não negamos que sua filosofia foi decisiva para o entendimento do discurso e do sentido enquanto dois campos de batalha da luta de classes, ideia que nos abriu perspectivas interessantes que nos guiaram rumo a uma visão da linguagem que leve em conta o materialismo histórico de Marx. Além disso, ainda nesta primeira parte, fazemos tímidas e superficiais aproximações entre ideologia, linguagem e inconsciente que, se estudadas de forma sistemática e aprofundada, seriam objeto de novos trabalhos, extrapolando o escopo desta investigação.

O estudo de nosso material empírico encontra-se na segunda parte, muito embora aí também tenha sido necessário tecer algumas explicações teóricas, haja vista o entrelaçamento necessário e dialético entre teoria e análise. Buscamos no *corpus* a maneira como se materializam as seguintes categorias: a noção de simulacro proposta por Maingueneau, cujo conceito em muito reflete de forma pragmática a noção de interdiscurso de Pêcheux; a ideia de fórmula tal como a definiu Alice Krieg-Planque, por cujo gesto metodológico nos guiamos para análise do sintagma *Reforma Universitária*; e o recente conceito de ethos discursivo, que pega emprestado da retórica aristotélica a ideia de *ethos* usada, primordialmente, apenas para discursos falados e adaptada por Maingueneau também para o registro escrito. Além disso, e baseando-nos no exemplo de Courtine, selecionamos para análise construções parafrásticas mediadas pelos conectores *ou seja*, *trocando em miúdos*, *em outras palavras* e *em suma*, demonstrando como determinadas estruturas sintáticas são preñes de aspectos ideológicos e induzem a determinadas interpretações, escancarando seu papel ativo na comunicação.

Esperamos, com esse trabalho, ter contribuído tanto para futuros debates em Análise do Discurso quanto para os grupos que enunciaram o material de que nos utilizamos.

Campinas, 22 de novembro de 2015.

A autora

ANEXO B - INTRODUÇÃO MONOGRAFIA UFBA

7

1 INTRODUÇÃO

O estudo sobre aquisição da linguagem constitui um vasto campo científico, o que se pode perceber pelas abordagens que diversas áreas do conhecimento apresentam acerca da temática. Conforme Scarpa (2001), esse estudo é discutido e analisado por várias disciplinas – Linguística, Neurolinguística, Psicolinguística, etc. – se constituindo, dessa maneira, em uma área multidisciplinar. Sendo assim, é plausível que, em cada área do saber, o enfoque e os métodos de pesquisa aplicados sejam divergentes. Porém, a abordagem científica de cada área contribui para o avanço nos estudos a respeito de como ocorre a aquisição da linguagem, o que acontece durante esse processo, e como as influências externas interferem nesse fenômeno.

Sabe-se que a linguagem humana, tal como preconiza Chomsky (1959 apud SCARPA, 2001), é uma capacidade biologicamente inata do homem sendo transmitida geneticamente de geração a geração. Portanto, ela constitui fator importante para distinguir a espécie humana de todas as outras espécies. Apesar disso, essa capacidade precisa ser ativada e isso ocorre a partir do contato com uma língua natural. A respeito disso, Teixeira (1995) destaca que a criança precisa adquirir naturalmente o código que lhe possibilite interagir com a comunidade linguística em que está inserida. Muito embora concorde com esse posicionamento proposto por Chomsky concernente à concepção de linguagem, acrescenta-se ainda a grande contribuição da corrente interacionista proposta por Vygotsky (1970 apud SCARPA, 2001), a qual destaca a necessidade de existir uma interação entre adulto e criança e/ou crianças entre si para que aconteça o desenvolvimento da linguagem, demonstrando, dessa maneira, a relevância das trocas comunicativas e do ambiente social.

A partir das leituras acerca do tema e do forte interesse pelos estudos fonológicos e aquisicionais da linguagem, resolvi aprofundar meus estudos a respeito de questões que permeiam as pesquisas na área da aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil tendo a Língua Portuguesa como língua materna, destacando, para isso, um enfoque linguístico. Apesar da grande variedade de trabalhos já realizados, proponho debruçar-me nessa temática com o intuito de contribuir com a abrangência do conhecimento sobre a natureza e o funcionamento das línguas, em especial, ao sistema fonológico da criança, identificando as “interferências” que a própria língua pode ocasionar durante a aquisição. Por isso, optei em focalizar, neste trabalho, a aquisição

das consoantes /R/ e /S/ na posição final de sílaba, i.e. coda (em posição medial e/ou posição final absoluta). Além de apresentar a literatura referente ao tema da aquisição da linguagem, utilizarei como base a Teoria da Fonologia Natural, pautada na noção de processos fonológicos, inicialmente desenvolvida por Stampe (1973 apud STOELGAMMON, 1990, p. 17), a qual salienta que “[...] as crianças não adquirem ou desenvolvem um sistema fonológico; em vez disso, elas aprendem a suprimir ou restringir aqueles processos que não ocorrem na sua língua” e, posteriormente revisada por outros autores, como Teixeira (1988, p. 54) que destaca os processos “[...] como meros dispositivos descritivos que representam as estratégias transitórias de formulação de hipóteses utilizadas pela criança [...]”. Essa será a abordagem a ser utilizada aqui no presente trabalho.

No decorrer desta pesquisa, estabeleço, ainda, um diálogo com outros autores já consagrados, como Mezzomo (2004), Santos (2002), Scarpa (2001), Silva (1999), et. al.

Os dados que serão expostos e analisados nesse trabalho foram concedidos pelo Programa de Estudos em Aquisição e Ensino do Português como Língua Materna – PROAEP (1987) da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Estes constituem amostras da fala de 112 sujeitos soteropolitanos que foram organizados em sete grupos etários e duas classes socioescolares definidas a partir do nível de instrução escolar dos pais.

Para além das leituras teóricas que exploram o tema em destaque, o contato com crianças de diversas faixas etárias aguçou minha curiosidade em saber como esse fenômeno se desenvolve e, se este ocorre de forma divergente quando se agrega a seguinte ponderação: como se comportam as crianças cujos pais pertencem a classes socioescolar diferentes. Com isso, opto por complementar essa pesquisa, levando em consideração o status socioescolar dos pais das crianças – Classe socioescolar A¹ e Classe socioescolar C². Essa ponderação descende da seguinte assertiva destacada por Dale (1976 apud TEIXEIRA, 1996, p. 01), “[...] o desenvolvimento fonológico infantil pode ser investigado a partir de dois pontos de vista: o primeiro descreve a relação entre as pronúncias adultas e as pronúncias infantis, o segundo descreve a expansão gradual do sistema de sons usado pela criança”. Assim, partindo-se desses pressupostos, é

¹ Crianças filhas de pais com formação universitária.

² Crianças filhas de pais com formação primária ou inferior.

possível adquirir informações que complementarão os estudos linguísticos, psicológicos, pedagógicos, dentre outros.

Início este trabalho, revisitando os estudos acerca do tema e de conceitos que aqui serão tratados. Em seguida, analiso os dados concedidos dialogando com os trabalhos já realizados anteriormente e, por fim, apresento as conclusões, apontadas pelos dados, concenente ao que proponho pesquisar, considerando as ponderações supracitadas.

ANEXO C - INTRODUÇÃO MONOGRAFIA UFRJ

12

Introdução

O gerativismo é uma corrente da linguística que estuda a linguagem por meio de uma abordagem formal, considerando-a como um produto de uma faculdade específica da nossa mente. Um dos pressupostos gerativistas é o da modularidade da mente, segundo o qual a mente é composta por módulos cognitivos distintos e complexos, que interagem entre si. A faculdade mental específica na qual a linguagem está representada é a Faculdade da Linguagem. Uma das maneiras pelas quais é possível entender como a linguagem está representada mentalmente é por meio do estudo de aquisição de linguagem.

Um estudo de aquisição de linguagem contribui para responder a duas questões apresentadas por Chomsky, fundador do gerativismo, como perguntas que guiam o programa de investigação do gerativismo: “o que é conhecimento de linguagem?” e “como esse conhecimento é adquirido?” (CHOMSKY, 1986). Esta monografia, além de contribuir para o entendimento de como o conhecimento de língua é adquirido, utiliza dados sobre esse processo de aquisição para refletir sobre o que é conhecimento de linguagem, especificamente, sobre o que constitui nosso conhecimento de aspecto.

De acordo com Comrie (1976), aspecto são os diferentes modos de se visualizar a composição temporal interna de uma situação. Essa noção pode ser expressa por meio da morfologia verbal, o que chamamos de aspecto gramatical, ou por meio da semântica interna dos verbos e dos demais elementos da sentença que podem alterar inicialmente essa semântica, o que chamamos de aspecto semântico.

Com relação ao aspecto gramatical, um dos aspectos gramaticais básicos é o imperfeito, que se divide em habitual e contínuo, sendo este referente a uma situação em andamento em determinado intervalo de tempo. No português do Brasil (doravante PB), o imperfeito contínuo pode ser expresso por meio de uma morfologia progressiva (“Alice está lendo um livro”) ou uma morfologia não progressiva (“Alice lê um livro agora”).

Com relação ao aspecto semântico, uma das maneiras de visualizar o significado aspectual é olhando para os predicados verbais. Vendler (1967) propôs quatro categorias que se diferenciavam em função de noções semânticas pertencentes aos predicados verbais. Esta monografia tem como foco uma delas, os verbos de estado.

Segundo Comrie, há uma incompatibilidade entre os verbos de estado e a morfologia progressiva, uma vez que tal combinação envolve uma contradição interna entre a estatividade do verbo e a não estatividade essencial do progressivo. No entanto, observa-se que essa combinação é aceitável em línguas como o PB. Com o verbo “morar”, por exemplo, podemos usar tanto a morfologia não progressiva – “eu moro no Rio de Janeiro” – quanto a não progressiva – “estou morando no Rio de Janeiro”.

Diante desse quadro, o objetivo desta monografia é contribuir para a reflexão a respeito da classificação dos tipos de verbo, em especial, os de estado, a partir da análise da emergência do imperfectivo contínuo na aquisição do PB. Mais especificamente, pretendemos investigar a aquisição do aspecto imperfectivo contínuo por meio das morfologias progressiva e não progressiva nos diferentes tipos de verbo, e avaliar a pertinência da classificação de determinados verbos como sendo de estado a partir da emergência da morfologia progressiva. A hipótese deste estudo é a de que a expressão do imperfectivo contínuo por meio da morfologia progressiva ocorre após a emergência da expressão desse mesmo aspecto por meio da morfologia não progressiva com todos os tipos de verbo. Para tanto, foi feito um estudo longitudinal com dados de fala espontânea de uma criança falante nativa do PB, coletados entre dois anos e três meses e dois anos e oito meses.

A divisão desta monografia é a seguinte: no primeiro capítulo, trataremos sobre aspecto e suas divisões, com base em Comrie (1976); no segundo capítulo, abordaremos a relação entre a estatividade e a morfologia progressiva, ao relato de estudos de aquisição de linguagem sobre essa relação; no terceiro capítulo, falaremos da metodologia utilizada neste trabalho; no quarto capítulo, trataremos sobre os resultados dos dados de fala espontânea de uma criança falante nativa do PB; no quinto capítulo, discutiremos a classificação de verbos como sendo de estado; e, no sexto e último capítulo, faremos algumas considerações finais sobre a estatividade e a morfologia progressiva.

ANEXO D - INTRODUÇÃO MONOGRAFIA UnB

Introdução

O presente trabalho visa investigar o estado atual dos pronomes *tu* e *você* para a representação da segunda pessoa do singular no português brasileiro com foco em analisar os contextos em que esses pronomes possam aparecer com interpretação genérica ou específica em ambientes virtuais. Para tal, serão utilizados princípios da teoria linguística variacionista, sociolinguística e teoria gerativa a fim de fundamentar os objetivos alcançados.

No português brasileiro, o falante detém a possibilidade de escolha entre *tu* ou *você* para tratar a segunda pessoa do singular. Nas gramáticas tradicionais, as duas formas são igualmente corretas para referir-se à segunda pessoa do discurso: 1.^a pessoa: quem fala (*eu-nós*)/ 2.^a pessoa: com quem se fala (*tu-vós*, *você-vocês*)/ 3.^a: de quem se fala (*ele-eles*, *ela-elas*). Embora *tu* e *você* se refiram à segunda pessoa do discurso, *tu* pertence à 2.^a e *você* pertence à 3.^a pessoa gramatical, exigindo as formas verbais e os pronomes respectivos, porém, a evolução diacrônica da língua aponta a supressão do *tu* pelo *você* e a retirada de cena de *tu/vós*. A conjugação verbal se reduzirá a quatro pessoas: *eu*, *ele*, *você*; *nós*, *eles*, *vocês*.

Para a sociolinguística, o fenômeno da variação linguística que ocorre entre o *tu* e *você* não pode estar atribuído à marginalidade. O fato de uma comunidade, ou mesmo na fala de um indivíduo, conviverem com ambas as formas atesta a mudança natural que a língua tende a ter. A língua está sujeita aos processos de mudanças sociais, espaciais e temporais e que nada comprometem na comunicação ou no sistema linguístico. O resultado de palavras ou construções em variação são proposições ricas em significado social, com o poder de comunicar o interlocutor mais do que o significado representacional pela qual disputa.

Sendo assim, objetiva neste trabalho investigar o uso dos pronomes *tu* e *você* em ambientes de escrita virtual informal, onde se pode constatar o uso natural e cotidiano do falante do português brasileiro. Também será analisado o uso dos pronomes com referência genérica e específica. O uso de referência específica é caracterizado pela forma direta com que o falante se refere ao interlocutor, de forma que o referente é conhecido e definido na situação em que a conversa ocorre. Ao que se refere o uso dos pronomes com interpretação genérica, são aqueles em que a referência não está dirigida especificamente a um interlocutor, mas a todos que possam aproveitar da informação. Ao considerarmos o discurso do falante, é possível notar que na maioria dos casos a informação destinada ao ouvinte não é específica e somente para aquele ouvinte, assim como exposto por Nazário (2009):

Um fator linguístico relevante, por exemplo, pode ser a “referência”. Os pronomes TU e VOCÊ podem aparecer com referência ou significados diferentes, ou melhor, podem ser usados para se referir ao interlocutor, a um grupo definido, particular ou genérico, dependendo do contexto em jogo. (Zilli, 2009, p. 17)

Para tal, o material que servirá como base teórica para a realização desta pesquisa será formado por manuais linguísticos, correntes teóricas sociolinguistas, variacionistas e gerativistas e também dissertações e teses formuladas a respeito do assunto, conjunto que irá oferecer auxílio para a fundamentação do tema. Será dada uma atenção especial à teoria de Pilate & Naves (2012), que servirá como principal fundamento teórico para a explicação dos resultados obtidos.

A metodologia de pesquisa dada neste trabalho será feita através da coleta de sentenças extraídas da rede social *Facebook*, onde ocorra o uso dos pronomes *tu* ou *você*. Posteriormente, os dados obtidos serão divididos e agrupados devidamente em categorias que se referem a sua referencialidade ou a sua interpretação genérica. A análise consistirá em mostrar o nível de referencialidade que os pronomes de segunda pessoa possam exercer em um ambiente de escrita virtual informal e a exploração de uma possível interpretação genérica desse mesmo contexto de escrita.

Por fim, espera-se como resultado deste trabalho comprovar a supressão que o pronome *você* exerce sobre o pronome *tu*, evidenciando uma nova forma de representação no quadro pronominal do falante do português brasileiro e identificar em quais tipos de contexto específicos o pronome *tu* tende a ocorrer. Espera-se também obter resultados que favoreçam a interpretação genérica dos pronomes de segunda pessoa, pretendendo-se explicar os resultados obtidos à luz da teoria gerativa.

Descrição do problema

Para podermos investigar o emprego dos pronomes pessoais com interpretação genérica, é necessário primeiro explorar a definição de pronome pessoal segundo a gramática tradicional. Recorrendo às obras de referência em Língua Portuguesa, podemos extrair as diversas denominações que os gramáticos dão ao tema.

ANEXO E - INTRODUÇÃO MONOGRAFIA UFRGS

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho pretende, sob a ótica funcionalista, cotejar a descrição de construções perifrásticas apresentadas em duas gramáticas de Língua Portuguesa, do Brasil e de Portugal, datadas do século XXI. A partir de uma perspectiva sincrônica do fenômeno de gramaticalização – considerada, nesta pesquisa, não em oposição à diacronia, mas em dependência desta, na medida em que serve à elucidação de padrões sincrônicos de uso linguístico decorrentes de um *continuum* evolutivo do sistema –, intenta-se explicitar de que forma os autores das obras assumem os conteúdos gramaticais relativos às estruturas perifrásticas – entendidas, usualmente, como a junção de um verbo auxiliar gramaticalizado com outro, pleno (e, portanto, com significado lexical), expresso em alguma das formas nominais dos verbos (particípio, gerúndio ou infinitivo) –, com o intuito de se estabelecer uma avaliação comparativa entre modelos de descrição gramatical. Como se elucida neste trabalho, o critério semântico, segundo o qual caberia somente ao segundo verbo da perífrase orientar a predicação das sentenças, é apenas uma das características que parecem definir tais construções. No entanto, por não haver uma consonância entre os gramáticos acerca dos traços próprios dessas estruturas, a sua definição é proposta, pormenorizadamente, a partir da descrição gramatical de cada um dos autores das gramáticas que constituem o *corpus* deste trabalho: a *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, de Marcos Bagno (2011), e a *Gramática do Português*, de Eduardo Raposo *et al.* (2013).

Apesar da diversidade de delimitações possíveis em relação às perífrases verbais, como ponto de partida para o exame comparativo aqui intencionado, assume-se como tendo sofrido processo de gramaticalização verbos como *ir*, cuja leitura inicial era de deslocamento espacial (*Ela vai ao restaurante almoçar*), mas que foi adquirindo valor de auxiliar e passou a significar deslocamento temporal de futuridade (*Ela vai almoçar*), e *haver*, que, de verbo pleno com sentido abstrato de posse, desempenha, contemporaneamente, tanto função desinencial (*Cantarei*) quanto de auxiliaridade (*Ela havia viajado mês passado*). Tendo em conta, ainda, que o exame dessas e de outras formas linguísticas necessita de um estudo teórico-metodológico que o justifique e que o oriente, optou-se por dividir a pesquisa em cinco capítulos, relativos às considerações iniciais, ao referencial teórico, à metodologia, à análise de dados e às considerações finais. Para fins de uma descrição mais detalhada, os capítulos acerca do referencial teórico, da metodologia e da análise de dados foram segmentados em seções, conforme é indicado abaixo.

O segundo capítulo, "Referencial Teórico", foi dividido em quatro seções, a saber, "A Gramática Funcionalista", "O Fenômeno da Gramaticalização", "O Fenômeno das Perífrases Verbais" e "Resumo do Capítulo". Na primeira delas, discorre-se sobre a teoria da gramática funcionalista, que se fundamenta na concepção de competência comunicativa, em que a língua, enquanto sistema e instrumento de interação social, possui regularidades perceptíveis no uso frequente de determinadas formas. À frente dessa corrente, estão nomes como Michael Halliday (1985) e Simon Dik (1997), cujas abordagens teóricas são aqui adotadas por conta de serem consideradas moderadas por Nichols (1984) e por Van Valin (1990), visto suplantarem as inadequações relativas ao formalismo ao proporem uma análise centrada na estrutura, mas na qual também atuam a semântica e a pragmática.

A segunda seção desse capítulo, por sua vez, contempla o fenômeno de gramaticalização, entendido como o processo a partir do qual uma unidade linguística tem seu estatuto categorial alterado em função de propriedades sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas e por necessidades de comunicação não atendidas pelas formas existentes no sistema linguístico (NEVES, 1997). É o que acontece, por exemplo, em construções com o verbo *ir* enquanto auxiliar, visto que ele permite uma dupla leitura: a de movimento (leitura original) e a de futuridade (leitura metafórica). Dessa maneira, sentenças como *João vai passear com seu cachorro* podem tanto responder à pergunta *Aonde João vai com seu cachorro?*, quanto à *O que João vai fazer com seu cachorro?*, em razão à contiguidade dos conceitos de espaço e tempo (GONÇALVES, LIMA-HERNANDES e CASSEB-GALVÃO, 2007; NEVES, 1997). Assim sendo, o estudo baseou-se em autores que se fundamentaram na concepção de Antoine Meillet (1912) de ser o processo de gramaticalização a passagem de item lexical para item gramatical: Bernd Heine *et al.* (1991), que definem a gramaticalização como um *continuum* por meio do qual não somente elementos lexicais assumiriam uma função gramatical, mas também elementos gramaticais assumiriam uma função ainda mais gramatical; e Paul Hopper e Elizabeth Traugott (1993), que igualmente entendem a gramaticalização como o processo a partir do qual quaisquer materiais linguísticos assumiriam funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, desenvolveriam novas funções gramaticais, seguindo um *cline* de mudança, por conta dos deslizamentos ocorridos entre as classes de palavras.

Na terceira seção do segundo capítulo, explora-se de que forma são comumente concebidas as estruturas perifrásticas, de acordo com as teses de Eunice Pontes (1973), nas quais a autora delineia a falta de consenso entre os gramáticos em relação à nomenclatura a

ser adotada para tais estruturas, bem como a diversidade de critérios utilizada para a sua descrição. Esta é, em específico, tema também abordado por Lúcia Lobato (1975), ao se propor discutir os critérios de auxiliaridade regularmente presentes na tradição gramatical, a despeito de estes, com frequência, serem conflitantes, por se fundamentarem em aspectos de diferentes naturezas (semântica, sintática, prosódica). Por fim, na quarta seção, traça-se um breve resumo acerca das definições dos autores nos quais se fundamenta este estudo.

No terceiro capítulo deste trabalho, é apresentada a metodologia adotada para a análise das gramáticas escolhidas para o estudo, evidenciando-se o percurso delineado desde a pesquisa bibliográfica, essencial à leitura crítica do material a ser examinado, até a documental, em que se especifica a forma como os dados foram obtidos e analisados. Além disso, também se faz uma breve apresentação das obras em duas seções distintas, com o intuito de contextualizar cada uma das produções (para que se possa, posteriormente, cruzar a forma como são feitas as descrições com, por exemplo, o objetivo dos autores com suas gramáticas e o público-alvo almejado), bem como se elucida a concepção de língua que as subjaz, na medida em que isso reflete, posteriormente, nas descrições linguísticas compreendidas tanto em relação ao fenômeno da gramaticalização quanto às construções perifrásticas. Por fim, na terceira e última seção, apresenta-se o movimento investigativo adotado para esta pesquisa, pautado em dois critérios analíticos: um relativo ao fenômeno da gramaticalização e outro segundo referente aos verbos auxiliares e às perífrases verbais.

Propõe-se a análise, no quarto capítulo, dos materiais escolhidos, nomeadamente, a *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, de Marcos Bagno (2011), e a *Gramática do Português*, de Eduardo Raposo *et al.* (2013), cada qual constituindo uma seção distinta do capítulo. Assim, as duas primeiras seções são divididas em dois tópicos, os quais delineiam a conceitualização dos processos de mudança da língua e as abonações a respeito de verbos auxiliares e de perífrases verbais. Na última seção, apresenta-se um exame comparativo feito a partir da leitura das obras, tornando evidente quais foram as singularidades de cada material e também as estruturas comuns entre as gramáticas examinadas.

Por fim, o último capítulo trata de algumas considerações finais a respeito do exame comparativo e evidencia as contribuições que o mesmo oferece para a pesquisa da abrangência de algumas gramáticas descritivas no que se refere ao processo de gramaticalização de construções perifrásticas. Além disso, nele também se projeta a relevância do estudo dos conceitos e das estruturas aqui focalizadas (gramaticalização, verbos auxiliares e perífrases verbais) em contexto escolar, considerados ilustrativos não só da

dinamicidade da língua, mas sobretudo do contributo semântico de algumas formas linguísticas, que propiciam outras leituras pela inserção de domínios de valor aspectual, temporal ou modal, os quais não são expressos pelas formas verbais simples.

